

The background is a complex, abstract black and white composition. It features a central, somewhat obscured face, possibly a woman's, rendered in a sketchy, charcoal-like style. The face is partially covered by a large, semi-transparent grey rectangular area that serves as a backdrop for the title. The overall texture is rough and layered, with various lines, smudges, and areas of high contrast between black and white.

CONTOS E OUTROS TEXTOS

Avelino Rosa

Contos
e outros
Textos

Avelino Rosa

Capa de
Helena Trindade

Versão de Abril de 2020,
usando parcialmente
o Acordo Ortográfico em vigor.

Índice

Introdução	8
Qualquer coisa	9
A visita do Bispo	10
Abandono.....	13
Os Matadores da Lua	17
Um homem normal	19
A Grande Estrela	21
Estranhas emoções	25
A Senhor Marquesa	26
Palavra perdida	29
O Burro e o Touro	30
Sinfonia do rio livre	32
A Fraga dos Medos	33
Exercício	35
O Tio Traquitanas	36
Hoi Fu Garden	41
João Mirrança	42
Clementina (em rima)	45
Raposa predadora	47
A Boca do Inferno	48
Viandante	60
Viagem	61
A Caçada	65
O Rapaz Quadrado	69
Vem de mansinho	83
Jardim dos Desejos	84
Gente de Fibra Ótica	93
Nuvem passageira	99
Biografia e Publicações	103

Introdução

Ao longo dos anos, fui escrevendo contos e outros textos que, com alguma hesitação, resolvi divulgar agora. Acho que senti a necessidade de deixar em papel o que marca a minha produção literária. Naturalmente, em conjunto com as obras já publicadas e que são indicadas no final deste livro.

São a imaginação de quem escreve, vertida em palavras sem rebuscamentos, simples e fáceis de entender pelo cidadão comum. Porque escrevo para todos e não há nada que me sensibilize mais do que, ao ser abordado por alguém que, muitas vezes, nem conheço, me diz: “- Gostei muito de ler o...”. Respondo com um simples “muito obrigado”, ficando em rebuliço por dentro. Porque se escrevo por necessidade, essa apreciação é, na verdade, o corolário da minha escrita. Porque me sinto orgulhoso de fazer chegar a outras pessoas aquilo que comungam comigo.

Agrada-me pensar que este livro possa ser lido na praia ou no banco de jardim ou, ainda, na cadeira do Café. Há também quem goste de ler antes de deitar, correndo o risco de potenciar sonhos, bons ou maus, porque os estes textos têm de tudo um pouco.

Mais do que com os olhos leia os 27 textos deste livro com a sua imaginação.

Avelino Rosa

Qualquer coisa

Vou escrever qualquer coisa. Nem que seja para manter o jeito, se é que algum dia fui capaz de ajeitar as letras, transformando-as em palavras com significado. Pior ainda é pegar nos vocábulos e dar-lhes um sentido, se não lógico, pelo menos perceptível para transmitir uma mensagem que chegue fresca, revibrante e apetecível ao recetor. As funções da escrita são tão simples e complexas ao mesmo tempo. Há quem se exprima melhor escrevendo, diz-se. Mas, a verdade, é que na fala tudo se desculpa. Na escrita não.

Quando se escreve, tem de se descrever quase tudo, com exceção do que possa ser imediatamente perceptível no contexto. E é aí, que as palavras pesam. Porque são medida, lugar, ação, emoção, sentimento... Porque quem as alinha pode não ser capaz de as oferecer ao leitor nessa múltipla dimensão. E quem lê pode não estar predisposto para entender e assimilar o que se quis transmitir. Esta relação é essencial para o objetivo da escrita. As palavras ficam sem sentido, perdem-se. Paradoxo da comunicação por símbolos. Inutilidade do papel tingido.

Mas quem escreve é, geralmente, teimoso por natureza. Insiste em produzir e juntar palavras, mesmo que duvide da sua utilidade. Numa dialética, por vezes surda, que alimenta o seu próprio ego. Cria e recria, procura na memória, imagina e reconverte, desata os laços do real e fabrica a sua própria verdade. Escreve porque o impele uma vontade compulsiva de expor as ideias como pinturas nas galerias de arte, penduradas nos pequenos recantos dos sonhos que todos gostamos de sonhar.

A visita do Bispo

Sua Eminência, o Bispo, vinha à aldeia. Havia crianças e flores formando filas na igreja, ornamentada também com tapetes e cortinados, colhidos pelo povoado.

Bastara um sermão bem pregado, um muro na grade secular e o povo ouvira o apelo do santo homem, o velho prior. As mulheres revezaram-se no asseio com fervorosa impaciência. Limpavam os tabuados e o caruncho dos bancos entorpecidos. A igreja reluzia arrancando reflexos pardacentos à face do bom sacerdote. O olhar irradiava celestiais promessas, que o povo comentava murmurando rezas.

Tudo em ordem, em rigor, como o prior exigira. Só o Senhor Bispo, Sua Eminência, se atrasava.

A tarde sufocava. O sol já quase atingira metade da sua trajetória azul e límpida. “- Um dia de bom agouro!”. Nos rostos dos camponeses nasciam fontes escaldantes, que escorriam, ajeitando-se nos colarinhos dominicais.

As crianças fervilhavam, apertadas nos fatitos negros ou nos vestidos brancos, especiais para aquele dia. Acotovelavam-se, quebrando as fileiras. Uma ou outra mãe, mais atenta, corrigia a falta, não raro com um beliscão à socapa, disfarçado de ligeiro retoque ou de carícia maternal.

O prior tinha rosas vermelhas no rosto, de sangue coalhado, como as que as crianças traziam. Mas só na cor, porque as do prior estavam embebidas na transpiração congestionada e escaldante das suas faces. Todo ele abarrotava e a batina cobria-se de riachos sobre o ventre dilatado. As mãos corriam-lhe da clérigima ou colarinho à frente, sempre aflitas, tentando conter o dique da sua aflição. Transpunha os muros do adro, olhando a estrada que se alongava sem fim, acalentando esperanças breves. Contendo o desespero, regressava cabisbaixo e triste.

Não, o Senhor Bispo ainda não vinha, murmurava ele para a multidão.

Que se rezasse a São Gregário, patrono dos viajantes, alvitrava um. Ou ao São Caetano, padroeiro da freguesia ou a outro santo qualquer, diziam outros. O importante é que o Santo trouxesse o Bispo. Mas nem santos nem preces pareciam capazes de satisfazer a sua impaciência.

O tempo passava, lento e ressequido. Tampouco uma leve aragem que transportasse o aroma fresco e perfumado da montanha. E as crianças que estavam em jejum há tanto tempo... Mas o mal não era esse. Jesus Cristo jejuara quarenta dias no deserto e não morrera. O pior, coitadinhas, é que tardavam em

crismar. E o sacrifício dos pais, as economias para o traje, o ramo de flores, a pequena festa em casa, as estampas para os parentes e amigos... Tudo se tornava insípido. Ah, o Bispo, o Senhor Bispo que não havia maneira de aparecer!

Atormentava-se o pobre sacerdote que, aflito, abatia-se pesaroso, num encolher de ombros, desejando, fazendo promessas, desfiando o rosário, para que o Bispo aparecesse lá ao fundo, no longínquo começo da estrada.

As filas descerravam-se. Alguns encaminham-se para o altar. Ouviam-se pedidos e rezas. Promessas de cera, esmolas, rosários e missas... Mas do Bispo, do atrasado do Bispo, nem sombra.

O povo desesperava. Queria o Bispo! Aprontavam-se soluções, debatiam-se pormenores, mas apenas se apurava uma conclusão: saber o que era feito do Bispo. O problema era do padre, ele que se arranjasse, forçavam uns. Prontamente combatidos, pois os filhos não eram do padre e este não tinha obrigações, os fiéis é que devem. Depois, já bastava a aflição de que o bom homem padecia e, além disso, era já velhote. Coitado...

O melhor era telefonar, acordaram finalmente, mas só o António da Ponte tinha telefone e ficava do outro lado da aldeia. Falou-se com o Ponte. Que fosse um miúdo a correr lá a casa e dissesse à sogra que ia da parte dele. Ela, apesar de já não sair de casa ainda estava muito atinada e podia saber o que se passava.

O rapazito, empossado na sua importante missão, partiu à desfilada, levando os olhares e esperanças da multidão. Todos sentiram, porém, um baque surdo nos corações quando, de repente, ele estacou e voltou-se gesticulando. O Bispo vinha lá ao longe. Ele via a poeira levantada pelo carro. Era vermelho, assegurava. O Bispo, o Senhor Bispo, vinha aí!

Todos readquiriram nova seiva e queriam ver a esperança que se avizinhava. O infeliz prior teve de gritar, até enrouquecer, que alinhassem “- Não, não podiam desmanchar as filas, que era pagão”, para que voltassem aos seus lugares. A ordem restabeleceu-se aos poucos, mas as cabeças ondulavam, esforçando-se por divisar o carro, que ia crescendo, crescendo, dilatando os olhos dos fiéis.

Finalmente, pode-se ver. Todo vermelho, coberto de pó, chiando os travões, derrapando na terra solta da estrada. O Bispo parecia ter pressa de chegar.

Trovejaram palmas, ressoando com o suor acumulado. O velho prior pareceu esquecer o peso dos seus sessenta e cinco anos e enfiou pelo portão do adro,

para conduzir dignamente Sua Eminência.

Mas, ah!... As aflições ainda não tinham acabado. A má sorte perseguia aquele povo. Nada de Bispo!... Apenas um homenzinho amarelado, velho e gordo como o prior, com um boné na mão e o carro vazio. Ainda se limpou o pó dos vidros, na ânsia do engano, mas nada mais se via nos assentos que o seu recheio saindo pelas brechas do cabedal.

Falavam todos ao mesmo tempo, esmagando o condutor que se retraía, assustado, estendendo-se sobre o carro. Que escutassem, gritava o prior: “ - Assim não se ouvia nada. Silêncio!”.

Por fim, o pobre homem pode balbuciar o que o trazia ali. Fora encarregado pelo padre da freguesia ao lado para os avisar que o Senhor Bispo..., o santo de Deus..., não podia vir. Nessa triste manhã, quando o foram acordar..., sua Eminência, a santidade em pessoa..., não dera acordo de si. Morrera com um sorriso beatífico nos lábios... Ele viera ali dizer isso e pedir a todos que rezassem pela sua alma.

Um sentimento de luto e dor abateu-se sobre os infelizes camponeses. Vagarosamente e em silêncio dirigiram-se para a igreja, limpando o pó que o suor lhes pregara ao rosto e murmurando comovidos preces pela alma de sua Eminência.

Morrera o Senhor Bispo. Que Deus tivesse a sua alma no descanso eterno. O pior eram os filhos, os anjinhos, as pobres criancinhas que ficavam por crismar!

Fosse lá pelo que fosse, naquela noite o tio Gervásio não pregava olho. O latido do cão era um som habitual, misturado com o canto dos grilos, o gemer do vento sarrafando os ramos do gigantesco pessegueiro de encontro à janela. Mas a ele parecia-lhe que havia algo diferente. Não passava de um pressentimento, uma obsessão...

A tia Catarina admoestava-o:

- Homem, estás a ouvir coisas. Que há de diferente na noite? O cão, o vento, os grilos..., sempre os ouvi. É a tua cabeça, essa cabecinha que está a ficar velha. Só isso, homem. E ainda por cima não me deixas dormir. Valha-te Deus, homem. Reza e dorme!

- Não, mulher, não. Hoje há algo de diferente. Eu sinto-o. Tu não dizes que sabes quando a humidade se aproxima pelo teu reumatismo? Eu também conheço as mudanças da natureza nas suas vozes noturnas. Desde que aqui vivemos, isolados, aprendi a entender o piar das aves, o aproximar da tempestade, as cheias do rio... E hoje sinto que há qualquer coisa de diferente, algo de ruim que nos está para acontecer.

- Homem, já nem sei que te diga. Sempre o mesmo pessimista...

- Ouviste? Santo Deus, é ele, ele... Oh, Deus! Veste-te Catarina. O maldito! Mas não perdes pela demora. Eu mato-te, verás, eu...

- Aquieta-te, homem. Que vês tu? Assustas-me. Que se passa meu pobre Gervásio? Acalma-te, é uma noite igual às demais.

- Não, é ele... ele...

- Ele quem?

- Aquele maldito, ladrão. Oh, Deus, dai-me forças...

- Já sei de quem falas. Mas ele não voltará. Nem ela. Perdemo-la. Resignemo-nos na nossa velhice. Nada nos resta mais a não ser o pouco de vida que ainda nos mantém de pé. Ah, como tarda a morte, a libertação, o paraíso dos bons. Nós sempre fomos bons, Gervásio, não fomos? Honestos, tementes a Deus... Não merecemos o céu?

- Sei lá, mulher, sei lá. Já não sei nada. Tudo é falso, cruel o mundo... Que somos nós? Anda, diz-me que somos nós?

- Filhos de Deus.

- Já não sei. Filhos de Deus... de Deus? Talvez sim, se calhar não. Quando me ouço a mim próprio sei que estou vivo, existo. Quando te sinto ao meu lado, mesmo sem te ver, sei também que tu existes. Porém, se falam dessas coisas esquisitas a que chamam progresso, nós duvidamos da sua veracidade. Custa-

nos a acreditar que existam. Agora pensa em Deus. Nunca o vimos, nada dele sabemos. Julgamos tê-lo encontrado mas em seguida sentimo-nos abandonados, desprotegidos, injustamente espoliados do único bem que possuíamos. Chamam-lhe bondade e amor, justiça e consolação. Mas onde pára ele? Não estamos nós precisando de tudo isso? Então, porque tarda? Ou será que nem existe e não passa de uma mera criação das pessoas para se consolarem a si próprias?

- Não sei que te diga. Eu, por vezes, também sinto o mesmo. Aquele miserável é o culpado... Apareceu por aqui, rondando como um rafeiro, e com o pretexto da caça, levou a melhor presa. Pobre Maria, pobre filha, como te iludiram. Como foste capaz de te deixar cegar, não ouvindo mais a voz da razão...

- Ouves?

- Começas novamente...

- Não, não. Agora não estou a delirar, escuta.

- Ouço... Parece o som abafado de um sino dobrando a finados. Oh, Deus!

- Mas não há nenhuma igreja nas redondezas. Impossível. Esta noite é de enlouquecer. Eu bem disse, vai-nos acontecer alguma desgraça.

- Não me assustes.

- E agora? Ouves?

- Virgem Santa, parece o diabo!

- Parecem gritos selvagens. Vou ver, Catarina.

- Não, não, tenho medo!

- Mas não podemos viver neste constante sobressalto. Precisamos saber que loucura é esta que a noite nos traz. Seja o que for, vida ou morte... Eu levo a caçadeira. Tu ficas deitada à minha espera.

- Vou contigo.

- Mulher...

- Não, vou contigo!

- Pronto, vem lá. Atrás de mim.

O frio cortava. A noite era de breu. Nem estrelas nem lua. Não se enxergava nem a própria mão estendida num instinto de defesa. Era escusado acender um candeeiro, a luz morreria antes de entrar na noite, estrangulada pelo vento. Avançaram, pé ante pé, temerosos, embora conhecessem bem todos os obstáculos do caminho, todos os recantos e armadilhas que a noite lhes podia guardar. Mas aquela noite era diferente, por isso mesmo tremiam. De frio, de medo.

O cão latiu. Ouviram novamente o dobrar dos sinos e aquele grito... O cão gania, agora, finado de angústia. Catarina encolheu-se e recuou, obrigando o marido a parar.

- Não, tenho medo!

- Medo de quê? Da morte? Nós somos já cadáveres, só andamos ainda. É a única diferença. Tanto nos faz morrer agora como daqui a algum tempo. É o mesmo e não sofremos mais. Vem, apoia-te em mim. Nada me assusta já. Verás que a ti também não.

Ela agarrou-se com mais força ao braço do marido, aconchegando-se melhor. Também já não sentia medo. Já nada lhe causava pavor. Não tinha afinal conhecido o pior? Então porque temer? Talvez nem fosse nada. Apenas os elementos da natureza ou a própria imaginação de duas almas passadas, matutando fantasmas...

Continuaram, tateando a escuridão. Ouvia-se já o ruído potente da água correndo e mais ao longe atirando-se raivosamente em cachoeira. O latido do cão ficava já ali. O Pastor, o bom cão de guarda, já os pressentira. Atirou-se, afoito, numa doidice estranha, ganindo, tremendo, como possuído de loucura. Gervásio afagou-lhe a cabeça.

- Que tem ele, Gervásio?

- Sei lá. O mesmo que nós, mulher. Quietos, que se passa? Então? Tem-te, cão!

O Pastor regressava à calma, aninhado num monte aos pés do dono. Estranho comportamento daquele possante lobo, bom amigo e vigilante, agora assim amedrontado, sabia-se lá com quê.

- Gervásio!

- Calma mulher, calma...

- Tu tinhas razão.

- Então mulher?

- Desculpa, já não tenho medo outra vez.

- Bem...

E continuaram. Os olhos do Pastor luziam na escuridão, fitando-os aflito, barrando-lhes a passagem. A voz do tio Gervásio era imperiosa. O cão preferiu obedecer, seguindo colado às pernas do dono. Nenhum compreendia o enigma da noite.

Aproximavam-se cada vez mais do rio. Uma nesga de céu deixava passar uns raios tênues da lua escondida, projetados, vagos e difusos, na borda do rio. Uma reentrância de areia, onde as cheias vinham depositar os ramos e troncos arrancados ao longo do curso. A noite tornara-se menos densa, mas entranhava na pele algo de terrível e sinistro.

De súbito, tio Gervásio estacou. Pareceu vacilar das pernas, murmurando:

- Eu sabia, eu sabia... Havia de nos acontecer uma desgraça. A noite era diferente. Eu sei, eu pressinto...

- Que viste homem? Diz-me!

- Pobre, filha, minha Maria. Ó Catarina, tu não vês? Filha, minha Maria...

Só então Catarina entendeu. Os olhos mais penetrantes do marido avistaram-na primeiro. Jazia na areia, trazida pelo rio. Os cabelos emaranhados de limos, o rosto...

- Maria, pobrezinha... Gervásio, a nossa Maria veio. E tu a dizer que não voltava. Olha para ela...

Era demasiado para os setenta anos de tia Catarina. Os joelhos dobraram-se-lhe. Gervásio amparou-a, ganhando força à sua própria fraqueza. Era mais urgente cuidar da mulher. Nada mais podia fazer por Maria, a sua pobre filha.

Catarina acordou, já a madrugada tingia o céu de vermelho. Um sorriso leve de anjo nos lábios. Gervásio contemplou-a naquela meninice que sempre lhe amara. Afagou-lhe a fronte, sentindo a febre queimar-lhe a mão. Como pudera a vida ser tão crua para quem só fez o bem? Acaso mereciam eles o mal, a humilhação, o sofrimento de uma vida inteira? Porquê? Que pecado, que infâmia haviam cometido? Os pensamentos de Gervásio foram interrompidos pelo delírio de Catarina.

- Gervásio, nós morremos, não foi? E estamos no paraíso, no céu. Nós sempre fomos bons, não fomos?

- Não sei, mulher. Não sei...

Os Matadores da Lua

Apareceram de repente, vindos não se sabe de onde. Talvez do meio dos pinheiros, que fechavam a vista da praia e o som das ondas que murmuravam canções de amor a alguns amantes que se alimentavam apenas de olhares e carícias sobre a areia ainda morna.

Todos ficaram estupefactos com aquela gente, se gente era. Vestidos de negro, cabeças tapadas, deixando apenas ver-se os olhos. Alguns diziam que faiscavam, reflexo talvez dos projetores que ladeavam a esplanada do restaurante. Outros sussurravam que pareceram mortícios, amarelados, encavernados em órbitas oculares de um outro mundo.

Abriram os sacos, negros também, retirando engenhos semelhantes a armas de ficção científica. Prateadas, de canos longos, com um depósito de qualquer coisa que, mesmo desconhecida, perturbava a meia dúzia de clientes que por ali jantavam. O mais próximo, talvez o chefe, subiu o pequeno muro que continha a areia, explicando:

- Não temam. Não queremos fazer mal a ninguém. Não somos assaltantes nem criminosos. Apenas homens e mulheres que não acreditam no amor. O amor é uma palavra vazia de sentido, é uma doença que corrói a sociedade, viciando a razão. É a causa de todos os males, das desavenças, de muitos crimes de sangue. O amor estupidifica, mata com falinhas mansas, destina os mais frios e insensíveis. Dá esperanças sem fundamento. Numa palavra, o amor amordaça, esmaga, fere, rasga, destrói. E hoje, noite de Lua Cheia, vamos acabar com tudo isso, fazendo renascer os homens e as mulheres, para a realidade. Vamos acabar com esse sofrimento, pondo fim à causadora, à responsável por esse sentimento sem sentido. Vamos matar a Lua!

Petrificados, completamente aturdidos, os clientes nem uma pálpebra mexiam. O cão, que antes distribuía lambidelas, abanando a cauda de satisfação, sentara-se encostado ao dono, olhando para o infinito. Os vultos negros apontaram os engenhos para a Lua, num gesto de ritual, estudado, treinado, entoando uma ladainha estranha, cadenciada, arrepiante. À voz de comando, um raio esverdeado saiu dos canos, juntando-se num único feixe que, em poucos segundos atingiu a Lua. O cão soergueu-se, levantando a cabeça e uivou, em tom lúgubre, como numa despedida.

A Lua começou a desvanecer, tingida por uma mancha verde, depois avermelhada, desfazendo-se em pingos de sangue. Agonizante, murchava a cada segundo, soltando os últimos raios de luar em faíscas multicolores, que

percorriam a atmosfera como estrelas cadentes. E apagou-se sem estertor, como apaga o fogo-de-artifício no final de uma festa.

A Lua sucumbira. As estrelas naquela noite, como que por solidariedade e luto, fecharam o seu brilho. As trevas tomaram conta da noite. Os vultos negros desapareceram no escuro como tinham chegado, de repente. O mar, que rugira de desespero, segundos antes, afastando os namorados, gemia agora de dor. Os clientes do restaurante retomaram o jantar. O cão voltou ao seu papel de relações públicas.

Nada parecia ter mudado. Apenas a escuridão que enegrecera ainda mais a noite. As conversas continuavam, mas agora sobre coisas sérias. As mãos despegaram, os sobrolhos franziram, ninguém mais amava ninguém. Nem sentia a falta da Lua. Apenas o cão, sempre abanando a cauda, teimava em distribuir lambuzadelas.

Que vida feliz a deste rafeiro!

Um homem normal

A piscina estava convidativa, mas pouca gente agitava a quietude da água, que refletia um céu azul, sem sombra de nuvens. O sol, abrasador, derretia alguns corpos, liquefeitos de protetor solar e suor. Dois miúdos chapinhavam no recanto infantil, com chapéus de marketing.

Um homem, dos seus cinquenta e tal anos, com porte ainda atlético, preparava-se, com gestos de ritual, para entrar na piscina. Verificou os tampões de ouvidos, molhou-os na água e colocou-os, um de cada vez, num gesto lento mas seguro. Limpou os óculos de natação, compôs o elástico e enfiou-os na cabeça, deixando-os na testa. Entrou na água, acondicionou os óculos nos olhos, certificando-se que ficavam estanques, e iniciou a sua peregrinação, parede a parede. Primeiro de bruços, depois com braçadas firmes e constantes, ritmadas.

Começou a ser alvo de alguns olhares. De facto, não era habitual que um homem com aquela idade conseguisse nadar durante tanto tempo e com tal vigor. Além disso era um homem ainda interessante, donde não era de estranhar que os olhares de curiosidade fossem de algumas mulheres, embora de modo disfarçado, pelo canto do olho, ou reparando como que por acaso.

De repente, uma criança, dos seus quatro anos, escapou à mãe, correu sem travão e caiu na piscina. O nadador, alertado pelos gritos, mudou de rumo e em poucas braçadas retirou a criança da água entregando-a à mulher, lívida e quase paralisada pelo medo, pela borda da piscina. De interessante, o homem passara a herói. Aos agradecimentos balbuciados pela mãe, limitou-se a um distante “- De nada... Tudo bem!”. E voltou a nadar, como se nada tivesse acontecido.

As conversas prolongaram-se por alguns minutos, até que o sol e a inércia das férias obrigaram a retomar o repouso. O pai da criança, que entretanto, aparecera, segurava-a com o nervosismo de quem quase perdera o primeiro filho. De resto, tudo voltara ao normal, naquela tarde ensolarada do Algarve.

Quando o homem saiu da piscina ainda parecia mais atlético, com os músculos endurecidos e salientes. Sobre ele voltaram a fixar-se alguns olhares. O pai do rapazito dirigiu-se-lhe e quis mostrar a sua gratidão, gesto a que o homem, esboçando um sorriso, correspondeu laconicamente, enquanto lhe apertava mão “- Não foi nada, fiz o que qualquer pessoa faria. Não tem nada

que agradecer.”. O último agradecimento do pai fora com a cabeça, numa espécie de vénia, indeciso e perplexo perante a atitude.

O homem foi retirando pelo caminho até à toalha os tampões de ouvidos e os óculos de natação, com o mesmo ritual com que os colocara. Deitou-se, abriu paulatinamente um livro e concentrou-se na leitura, como se aquela tarde fosse a mais normal e natural de toda as tardes que tivera. Pouco depois levantou-se, recolheu os haveres e foi-se embora, com a mesma tranquilidade. Com a calma de quem está habituado a ser normal.

A Grande Estrela

Esta é uma estória que deriva da história dos *reality shows*. Também podia ser uma estória consequência da história ou de um acidente causado pela televisão.

O rapaz estendeu a toalha e centrou-se olhando a piscina. Num primeiro relance, parecia normal, como qualquer outro jovem da sua idade, entre dezoito a vinte anos. Mas, pela magreza esquelética, pelos trejeitos, abanar da cabeça, calções de banho – com um símbolo de Big qualquer coisa –, colar extravagante – talvez oferta de alguma tribo africana ou da Amazónia – e corte de cabelo, invulgar no mínimo... Não, afinal ficava uma certa dúvida quanto à sua normalidade.

Ali perto, duas raparigas olhavam-no com insistência, conversando cada vez mais animadamente, como se experimentassem um titubeante desacordo. A sua agitação contagiara já outras mulheres, jovens e adultas, um pouco em redor de toda a piscina. O rumorejar ia crescendo, zumbindo e zunindo como prelúdio de uma tempestade sonora prestes a desabar sobre aquele rapaz cadavérico, agora de olhos fixos numa pinha aconchegada na relva, como se esta encerrasse um mistério insondável, perceptível apenas a mentes privilegiadas.

A concentração, de filosófica profundidade, foi interrompida por uma jovem mais atrevida.

– Você não é o...?

– Sou, ainda não tinha percebido? – Respondeu ele como se a recriminasse, e nela a todos, por não o terem reconhecido logo.

Quase todas as mulheres, e mesmo alguns homens, saltaram das toalhas e de umas poucas cadeiras de praia, como catapultados por molas, quiçá dissimuladas nas florezinhas, coca colas, âncoras, barquinhos à vela, paisagens e outros desenhos, desbotados de ano para ano pelo sol e suor dos corpos, talvez numa tentativa de publicitar por osmose.

- E como te chamas?

– Eu... eu... Lúcia... – E eu Andreia... – Eu sou a Maria...

– Calma, calma, uma de cada vez!

O rapaz distribuía autógrafos freneticamente, com uma destreza que contrastava com o seu anterior estado de zumbi. Escrevinhava em tudo. Bolas

de praia, t-shirts, revistas do *jet set*, maços de tabaco, telemóveis, chinelos e mesmo por cima de alguns umbigos. Duas “desinibidas”, bem redondinhas, não se coíberam até de um toque mais íntimo, nos seios e nas nádegas, retirando a parte superior do biquíni e baixando a inferior, sem tibiezas nem pudores. A mão do rapaz tremeu perante a visão, olhando embasbacado, fixando-as como quando observara a pinha. Deixou escapar uns sons esquisitos, quase como se estivesse a cacarejar ou dando milho a galinhas. Poderia parecer uma atitude anormal, mas não, todos riram, falando e gritando ainda mais alto o seu nome, numa espécie de lengalenga repetitiva que abafava o ruído da avioneta que convocava os fiéis da noite para uma boíte do Algarve.

Aquela celebridade parecia um padre de confissões rápidas, que concedia a absolvição com uns dizeres e duas beijocas repenicadas. Fossem mais ou menos pesados os pecados, a penitência era sempre igual. O semblante das “beatas” também não mudava muito, sempre embasbacadas, aparvalhadas, como se lhes tivesse dado um troço ou um treco. Algumas até se ajoelhavam, agarrando-se-lhe aos braços, beijando-lhe as mãos. Era preciso despejá-las, como se desagarra uma lapa, tarefa de que as fãs precedentes se encarregavam de bom grado. Saíam cambaleantes, trôpegas, com a mão na cabeça e os olhos no escrito. Duas caíram mesmo à piscina, como se estivessem desequilibradas, com tonturas de uma gravidez instantânea e milagrosa.

Um enxame de abelhas, que trabalhava afanosamente nas flores das redondezas, fãs ou irritadas com tanta movimentação, armaram-se em formação de ataque, dispersando, em segundos, aquela multidão quase enlouquecida. O rapaz ficou só, hirto, de braços descaídos sobre as ancas, como um ineficaz espantalho contratado para espantar pardais. As abelhas voavam em círculo ao seu redor, talvez para manter as pessoas afastadas do seu local de trabalho ou, simplesmente, prestarem também uma homenagem ao ídolo feito estátua. O certo é que ao cabo de infindáveis segundos, a chefe de fila saiu do círculo, picou em direção à cabeça do rapaz e entrou-lhe pelo ouvido esquerdo, desaparecendo. Ele permaneceu como estava, agora com um ar mais bobo ainda. De repente, deu uns abanões, estremeceu de cima abaixo, produzindo uns gritinhos histéricos e ficou-se de novo. Foi quando reapareceu a abelha, saída do ouvido direito. Os insetos himenópteros retomaram a formação e desapareceram por detrás dos pinheiros. O espanto perpassava todos. O voo da abelha através daquela cabeça célebre era um mistério.

O rapaz, como que acordando do torpor, levantou os braços, distribuindo

acenos e beijos, levando as mãos à boca e exibindo o raquitismo dos membros superiores, abertos num gesto papal. Sempre acenando, ajeitando os lábios, como se ainda beijasse aqueles rostos que o contemplavam e exibiam os troféus de uma tarde em que as revistas sociais ficariam aquém da realidade, dirigiu-se à piscina, bamboleando pelo carreiro de cimento, com se desfilasse numa passerelle. Talvez porque levasse a cabeça demasiado erguida ou por estar demasiado dobrado para trás, salientando um peito liso e desprovido de músculos ou qualquer pelo, ou, simplesmente, porque os ladrilhos que ladeavam a piscina estivessem molhados e escorregadios, levantou de repente ambos os pés, projetando as pernas e o rabo para cima, com se levado por uma corrente de ar ascendente, aterrando com a nuca sobre os mosaicos cremes. A cabeça abriu-se como um melão projetado na pedra, deixando cair pouco mais que umas amostras de massa encefálica.

Mistério resolvido. Mas se célebre era, mártir se tornou. As fãs precipitaram-se. Umas disputaram os bocadinhos de cérebro, não mais de três e, a adivinhar pelos olhares, pouco satisfeitas com a parte que lhes coubera. Outras, desesperadamente, tentavam partir um bocado da caixa craniana, frustradas pela sua dureza. Muitas mãos percorriam o seu corpo, arrancando pedaços, todos, mesmo os mais íntimos, que não deu para repartir entre duas amigas. A loira deslavada, com as unhas mais compridas, arrancou-lhe um olho, mirando-o, hipnotizada, como quisesse alcançar a sabedoria da sua cadavérica rigidez.

Os Bombeiros da Quarteira pouco trabalho tiveram. Limitaram-se a varrer para um saco alguns ossos e as tripas. Todo o complexo de férias fechou, ao que disseram na altura, para desinfeção por uma semana.

Quando reabriu, via-se desenhado nos ladrilhos da piscina, a tinta vermelha, os contornos do corpo da celebridade, rodeados por uma proteção de hastes de metal e cordões dourados. Algumas manchas de sangue, seco e esbatido pelo sol, permaneciam no chão como testemunho do martírio. Uma placa assinalava o dia e a hora em que o rapaz dera a sua vida pela causa pública. A piscina passou a estar cheia de água salgada, onde evoluía paulatinamente um tubarão, rodeado de cardumes de peixes com destino traçado. Uma meia dúzia de outros seguia o predador, limpando-o afanosamente, assim pagando o tributo da sua preservação.

À volta, os edifícios foram transformados em lojas de um centro comercial, onde se vendiam lembranças e pretensas relíquias. Um dedo, que nunca

poderia ser dele, porque o rapaz fora totalmente canibalizado nos segundos seguintes ao acidente, custava quase cinquenta contos.

O empreendimento de férias, até aí calmo e reservado a famílias, passou a santuário, visitado, todos os dias, por milhares de peregrinos.

Estranhas emoções

O homem tinha duas lágrimas rebeldes ao canto dos olhos, hesitantes em tombar. De resto, não mostrava qualquer sinal de tristeza ou de outra emoção, não fora um certo contrair dos músculos do rosto, como se quisesse reter só para si o seu próprio universo. A morte não o assustava e quase nem o comovia. Passara já pela antecâmara que desfila a vida e atenua os medos de quem tem poucas contas a dar a si mesmo e, muito menos, ao mundo. Vivera em pleno, dando-se e exigindo, recebendo quase sempre por inteiro. Dera à sociedade o contributo que achara devido, intenso mesmo, durante muitos anos. Estava, portanto, quite consigo e com os outros.

Podia morrer serenamente, como quem está recetivo a um sono profundo, sem sonhos nem fantasmas. Porquê então aquelas duas lágrimas rebeldes que teimavam em avolumar-se, agora desabando como uma enxurrada inesperada, repentina como ribeiras de inverno? Não eram por ele. Nunca chorara por si próprio, sempre por alguém. Nunca se dispensara comiserações, apenas reparos. O seu coração, trespessável, amolecido pelas paixões, encantava-se e sangrava facilmente com os pequenos nada que preenchem a vida. Com os quase todos que lhe dão o verdadeiro sentido. O pleno significado da existência.

Porque chorava então agora, como os regatos intempestivos, revisitando os recantos da vida? A mão... A resposta estava na mão que segurava, já sem vida, mas ainda morna de muitos sonhos sonhados a dois. Os olhos da companheira haviam-se cerrado há muito, mas ele teimava em prolongar o pacto firmado. Não perante a Igreja ou o Estado, apenas com um beijo solene sob o céu estrelado de uma noite mágica: “Até que a morte nos separe!”. Era essa a morte que não aceitava...

A Senhora Marquesa

Serão de tertúlia literária. Depois da leitura de alguns poemas, pelos próprios poetas ou experimentados na boca de outros escritores, o ambiente anima-se. Perpassa pelos olhos, pequeninos, algum álcool que, aos poucos, fora libertando os espíritos e aguçando a imaginação. O fumo dos cigarros, charutos e mesmo de um cachimbo de estimação, que aromatizava o ar com cheiro a chocolate, criara uma névoa que transfigurava os rostos, como se todos pertencessem a um Olimpo literário, semideuses de um mundo da criação. A exceção era a de um abstémio, de quase tudo, encolhido a um canto, que amarelecia a cada baforada que a corrente do ar condicionado teimava em lhe dirigir, como um castigo infligido a quem se atreve a ser diferente.

O repto foi lançado pelo escritor mas velho, o do cachimbo: - Agora uma narrativa original! Não vale debitar coisa já feita. Nova..., criada agora e aqui! Quem vai começar, quem... O mais recentemente chegado, claro, o novato José que, de consagrado, só tinha a aceitação do grupo.

- Vá, começa lá homem!

- Calma, o José precisa de tema. Vamos lá ver... Tema clássico... A marquesa e o mordomo... ah, ah.

- Pode ser. Prosa livre, que se lixe o estilo. Vamos lá!

- Tragam o canapé da senhora marquesa! – Gritou José, já com grão na asa, ao mesmo tempo que se levantava para ocupar o *platou* improvisado – a boca do “U” formado pelas mesas do convívio. Não lhe agradava aquele protagonismo, mas estava lançado às feras, donde só lhe restava lutar pela sobrevivência. – Bom, lá vai. Mas depois não se queixem...

- Não percas tempo. Vai, vai.

- Era ao fim da tarde. O sol, em declínio, deixava beijos de despedida na copa das frondosas árvores da outrora sumptuosa quinta aristocrática, reduzida agora a um casarão, meio em ruínas, e a um amontoado de canteiros invadidos pelas ervas daninhas. Ali ou acolá uma rosa espreitava indecisa, como quem estranha o mundo onde as mãos trémulas e enrugadas do mordomo a obrigava, teimosamente, a desabrochar.

- Muito bem, mas isso do mordomo velho fazer desabrochar é obra!

- A velha já não desabrochava ele...

- Isso parece antever um guião de filme de terror...

- Silêncio! Deixem o artista continuar.

- A Marquesa passeava todas as tardes por aquele cenário, percorrendo os escombros do seu passado, até que, cansada, sentava-se no seu canapé favorito,

sob uma latada, onde os cachos haviam ressequido, tornando os bagos em passas disformes que nem os pássaros atraíam.

- Para isso é que querias o canapé. Bem visto!

- Porra, até os pássaros passavam fome nessa cena...

- E a Marquesa não tinha bengala? daquelas com cabo de prata, incrustada de diamantes?

- Oh pá, a Marquesa estava falida, não vês?

- Olha que vocês são chatos. Deixem ouvir a história!

- O mordomo, vendo-a aconchegada, de olhos no infinito, abria a caixa de rapé e delicadamente servia-a, ora numa narina ora na outra, limpando com um lenço, que já fora mais branco, os restos do pó amarelado. A Marquesa aspirava num movimento lento que lhe subia os peitos pendurados e quase inertes. Uma veia mais saliente do pescoço engrossava, como se fosse rebentar, a todo o momento, salpicando de sangue azul o dedicado, exíguo e esquelético plebeu.

- Essa dos peitos subirem é boa. E pendurados, quase inertes... Gaita, a mulher estava falida em tudo!

- Gosto mais da veia inchada. Não disse que isto era um guião de filme de terror? Estou a ver o mordomo cheio de sangue, espirrado da veia explodida...

- Credo, que horror!

- E azul!... Ia parecer uma pintura surrealista. Imaginem que se limpava com o lenço branco. Lá tínhamos um novo santo sudário, agora do mordomo mártir.

- E ainda era esquelético. Ficaria um carimbo dos ossos da cara. A ciência levaria séculos a decifrar.

- Posso continuar? Assim roubam-me a história, ora bolas!

- Faz favor, excelência, mas podias teatralizar um pouco mais, os gestos. Sempre ajudam à compreensão do texto, neste caso da narrativa.

- O mordomo ou a Marquesa? Ah, ah...

- Ambos. Depois dizemos se tu tens mais jeito para ele ou para ela...

- Sendo assim, não há mais história. Ainda desencanto predicaos insondáveis e lá se vai a imagem.

- Encanto, queres tu dizer... olhares para o espelho e descobrires o teu lado feminino nada tem de desencanto nem de insondável.

- O José já corou. Cala-te lá e deixa-o continuar!

- Onde eu me vim meter... Bem, já nem sei onde ia...

- O sangue da veia da Marquesa tingiu de azul o mordomo... Ou não era?

- Bem... De vez em quando, um espasmo percorria o corpo da Marquesa. Abria a boca, inspirava fundo e o ar, carregado de relíquias, trespassava-lhe a garganta, salientando-a, como se engolissem, sem mastigar, demasiadas recordações. Ar demasiado rico ou impróprio para pulmões já habituados a

uma mistura decadente, seguindo então quase intacto pelo canal digestivo, volteando, comprimindo, expandindo, torneando múltiplos obstáculos de um interior desfigurado pelos anos. O peito e a barriga acusavam a passagem do ar, inchando e recuando, ao mesmo tempo que pela boca saía o som da deflexão do excesso. Era então que o mordomo dizia: - Deus ajude Vossa Senhoria!

- Essa de engolir relíquias... valha-nos o Camões, que nenhum escritor ousou a tanto!

- E a decadência dos pulmões? Livra, a mulher estava podre...

- Gostei do condicionamento do ar no aparelho digestivo. Parece assim como uma espécie de ar condicionado passando por uma latrina, por uma lixeira sem tratamento...

- Bom argumento para o Governo. Vivam as incineradoras!

- Oh pá, mas a deflexão do excesso para significar arroto, é sublime. Dão-me licença que deflita o meu excesso de ar?

- Deus te ajude a defletir, meu filho. Mas continua, continua...

- A Marquesa mantinha-se imóvel, mas agora com um discreto sorriso nos lábios, como se adivinhasse o momento de prazer vindouro. Contraia os braços apoiados no canapé, firmava-se nas pernas, soerguendo as flácidas nádegas, e deixava sair o ar que resistira ao percurso sinuoso do interior do seu corpo. Aí o sorriso abria-se, quase rasgado, descaindo de novo no canapé consolada, como se acabasse de ter um profundo orgasmo.

- Logo vi onde isto ia descambar: merda e sexo. Que coisa mais bizarra!

- Mas dito de uma maneira quase poética. Oh José, da próxima recitas um poema.

- Calma lá, eu até achei piada, mas falta qualquer coisa... Aquele ar eriçando os pelos púbicos, arejando a vulva...

- Que complicação para dizer que a mulher deu um peido... Como se pode fazer disso um ato sublime como o orgasmo?

- Mas olha que por vezes a sensação é quase essa...

- Mas termina lá, acho que deves estar no fim.

- O mordomo, serviçal e dedicado, mas com o bom senso de um homem feito pela vida, afastara-se prudentemente para junto das suas rosas, fingindo libertá-las de um fim sem retorno.

Desta vez não houve comentários. O escritor amarelecido esverdeara, lançando sobre a mesa onde apoiava os cotovelos, num espasmo repentino, catadupas de vômito, com um odor intenso, insuportável, impróprio de quem pouco comia, nada bebia e não fumava... Nesse dia, a tertúlia acabou aí.

Palavra perdida

Perdida, a palavra escapou-se pelas frinchas da porta, entrando na noite. Cá fora, sob um céu de estrelas ténues, realçando o esplendor da lua, a palavra ouviu o sussurro suave dos pinheiros, o marulhar das ondas calmas na praia deserta. Repousou na areia molhada, entre o mar e um bando de gaivotas, cansadas de gentes e algazarras.

Ali, antes que a brisa a fizesse perecer, disseminando os seus significados, a palavra refletia na vida breve das palavras inúteis: dúbias, quase insondáveis, disparadas à queima-roupa como flechas incendiárias, murmuradas com raiva, pronunciadas com o desprezo do gelo recém-formado, balbuciadas como lamentos magoados ou, simplesmente, porque é hábito fonetizá-las.

Ela era a essência e síntese de tudo isso: um simples “Não”, que não devia ter sido dito, mas fora-o. E quando as palavras são ouvidas não se podem apagar, ficam, entranham-se. O “Não” que talvez fosse “Sim”, se os olhos se olhassem e a couraça do orgulho, alimentando pela inércia, derretesse, ressoara como um trovão, auge de tempestade, dilúvio avassalador, incêndio que desafiava as leis da física.

E agora estava perdida, irremediavelmente, sem sentido e utilidade. Agarrando-se com todas as suas forças aos grãos de areia, ainda esperou um derradeiro chamamento, uma reconversão, nem que fosse num duvidoso “Talvez”, mas nada. Nenhuma boca se abriu para redefinir o seu verdadeiro significado. O piar doentio de uma gaivota ferida foi o último som que a palavra perdida escutou.

O Burro e o Touro

O burro Pancrácio e o touro Furioso viviam cercas meas, numa santa ignorância de indiferença mútua. Bem, sempre tinham alguns momentos de comunicação indireta. Quando o Pancrácio zurrava, em afirmação própria dos asnos, o Furioso bufava, baixando a cabeça até os cornos atingirem o chão e raspava com a pata direita, cavando um sulco, por onde espreitavam algumas lagartixas, inundadas pela luz. Mas o contrário não era verdadeiro. Se o Furioso sentia o apelo do nome, marrando cego contra a cerca, o Pancrácio, indiferente, parecia mais preocupado em espantar, pachorrentamente, as moscas que viam nele mais do que uns pós de comida, um capacho macio e aquietado.

Pau para toda a obra, Pancrácio ainda divertia a criançada que, nos fins de semana, debandava pela quinta. Furioso recebia, orgulhosamente, os olhares de admiração, sobretudo dos entendidos nas lides tauromáquicas. Já se via na arena, investindo, derrubando cavalo e cavaleiro, espetando os cornos em tudo o que lhe fizesse frente e, sobretudo, naqueles peões de brega e pegadores. O final da festa havia de ser dele, enfeitado com bandarilhas multicolores. O burro, talvez por Deus o ter assim criado, não tinha ambições. A palha matinal e os verdes do prado eram a sua única preocupação e riqueza. Os olhares de doçura, as festas medrosas dos seus pequenos donos de ocasião, faziam-no esquecer alguns maus-tratos da violência do trabalho. E assim viviam, quase felizes. Só que nos meandros da vida, poucas vezes podemos decidir o nosso próprio destino. Algumas vezes, porém, deixamo-lo passar ao lado.

O Pancrácio, apesar de irracional, parecia aperceber-se disso. Apaixonado por uma burra da vizinhança, mostrava-se mais burro que nunca. Zurrava de um modo esquisito, intermitente, com uns trevos a cair-lhe da boca arreganhada e um pestanejar irrequieto, como se tivesse adquirido um tique nervoso. Ela, a burra, rodopiava e levantava a cauda. Nem zurrava, mas “zurria”, numa maluqueira desenfreada. Inteligente, apesar das más-línguas, o Pancrácio, de tanto pensar, forçou uma abertura na cerca e, finalmente... Os donos, perante esta paixão assolapada, concordaram em manter aberta uma comunicação permanente entre as suas propriedades, atendendo também, e, claro, em especial, aos benefícios mútuos da multiplicação da espécie.

Outra sorte foi a de Furioso. Levado, ainda de madrugada, viu-se, de repente, confinando ao exíguo e sombrio espaço dos curros da Praça de Touros. Luzindo ainda nos olhos a pradaria a perder de vista, sentiu-se humilhado.

Pensou, por momentos, que lhe haviam roubado a liberdade. Mas depressa se agigantou no orgulho próprio da raça. Era a antecâmara do seu sonho, sempre sonhado. Finalmente, liberto, para o seu dia de glória, fez questão de sair a bufar e com os cornos bem erguidos, ameaçadores. As palmas ensurdeceram-no. Ganhara a primeira batalha. Mas as seguintes foram demolidoras. O cavalo parecia escarnecê-lo, ora pronto para uma marrada arrasadora ora fugindo e deixando-lhe a cauda a roçar-lhe o focinho e a cabeça. Depois, o toureiro não perdoava. Cada tentativa, cada ferro espetado no cachaço. Aquilo doía, na carne e na alma. Mas ele sabia que ia ser assim. Fazia parte do espetáculo e isso é que era importante. Mesmo que as forças lhe faltassem, tinha de derrubar cavalo e cavaleiro. Bem tentava, sempre lesto, tentando inverter a lide, mas não conseguia. E sentia-se esmorecer, com o sangue a escorrer, tingindo a areia da arena. Vencido, aquietou-se, reunindo forças para a pega. De esguelha, viu o forçado a citá-lo, mas manteve-se assim mais uns minutos. O suspense perpassava pelas bancadas. Ignorou o capote que o tentava colocar na direção do grupo de forçados. De repente, contra todas as previsões, arrancou, num arranque de raiva. Espetou um corno no pegador e levou todos os forçados às tábuas. O rabejador, experiente, conseguiu mantê-lo dominado, enquanto as ajudas retiravam o forçado da cara, que se esvaía em sangue. Tonto, de tantas voltas sobre si mesmo, aceitou a derrota, saindo com as chocas, sem grande contestação. Cumpria o seu dever.

Alguém disse que mais vale ser rainha por um dia do que plebeia toda a vida. Não sei se Furioso foi rei breve. E muito menos se Pancrácio foi feliz. Todos temos, ou pensamos ter, uma medida dos nossos desejos e aspirações. Também fazemos balanços, que raramente nos elucidam. Não sou de conclusões. Nem acho que se deva pensar demais. O importante, como disse o saudoso Raul Solnado, é: “Façam o favor de ser felizes!”.

Sinfonia do rio livre

Deixa-me explicar-te umas coisas... namorar apenas com beijinhos e carícias corretas é amor distante, ausente, sem paixão. E amor sem paixão é assim como um cafezinho com leite, em que o branco é apenas levemente tingido. A cafeína faz falta. Acorda os sentidos. O compasso deste dueto não tem regras fixas. Do andante ao alegro basta uma nota solta. O *vibrato* acende as emoções. O violino canta, os dedos fundem-se com as cordas. O corpo estremece, reclama. A música exige toques, acordes. Sensações, quentes, húmidas. Sem *finale* necessário. Há valsas que não têm de percorrer os Danúbios da nascente à foz. Podem aquietar-se algures na margem, de mãos dadas. Saboreando pequenos percursos. Infinitáveis momentos de prazer. Simples nada.

Estar apaixonado é como uma sinfonia de andamentos súbitos. Reescrita e interpretada constantemente. A dois. Ao sabor da inspiração, do repentismo do tato. Do odor que emana dos corpos em ebulição. Então deixa-se a água correr, esquecendo os limites geográficos. Solta, livre, contornando obstáculos. É assim que os rios nascem e fazem os leitos. E até os rios acariciam as margens. Levam e trazem. Dão e recebem. As pedras alisadas pela correnteza são testemunho desse amor inconformado.

É dessas carícias que falo. Não há amor correto nem envergonhado. Há apenas amor. E, enquanto há vida e lume, é a paixão que o acende. As notas que se soltam dos nossos corpos são a sinfonia que nos embala. Numa sala em que somos os únicos atores e espetadores. Nós. Sozinhos. No caudal dos rios que nos percorrem. Na intimidade do nosso espaço, que criámos e recriamos em cada encontro, não importa onde.

Adélio morria devagar. Pela Fraga dos Medos perpassava um som intermitente, sibilante nas fúrias. A tarde ia caindo para lá da montanha intransponível. Só, naquele vale verdejante, rumorejando de cascatas, espelhado por um lago a perder de vista, definhava como um girassol abandonado pela luz. Ao longe, confundindo-se com a neblina, uma imagem indefinida, percorria, veloz o recorte do capacete de gelo. Adivinhava-se uma biga, puxada por cavalos alados, comandada por um deus qualquer... Talvez o que o viesse buscar, levando-o pelos céus para uma nova dimensão.

Estava fraco demais para pensar no seu último destino. Chegava-lhe o passado que lhe pesava nos ombros. Que confiara a esse mesmo destino, como uma terapia de libertação. Com os pecados que o martirizaram toda a vida. Há muito que deixara de pensar no futuro, amanhã fora sempre um novo dia de maior sofrimento. Era uma espécie de mártir acossado pelos males dos outros, que tomou como seus. Finalmente, feito ermita, refugiara-se na beleza transcendente da natureza selvagem. Mirrava agora como as cepas das árvores que haviam perdido a capacidade de se manterem de pé.

Não pensava, deixava apenas o filme da vida correr num ecrã pouco nítido, embaciado pelo tempo. O menino que corria junto ao rio não era ele. Contemplava-o apenas, talvez com inveja, enquanto reunia ramos e pequenos troncos para uma lareira que o pai queria acender. E tinha de ser rápido para se livrar de uma tarefa quase certa. Batia-lha por tudo e por nada. Bêbado ou sóbrio, como se fosse um ritual que não podia dispensar. A mãe, por vezes, ainda esboçava um instinto maternal, mas logo se refugiava na doçura tresloucada dos que, ainda presentes, já partiram para o mundo das sombras. Com fome e esfarrapado, assumia a condição de pedinte e de protegido pela Escola. Uns trapos usados de outros colegas levavam-no a baixar o olhar e a isolar-se de todos. Riam-se dele, apontando o dedo. As raparigas fugiam como se fosse um leproso ou malfeitor. Quando não suportava mais, ficava vagueando pela margem do rio, atirando pinhas e pedras à água, numa vingança sem sentido. A professora deixara de o ir procurar a casa. Depressa se apercebeu do ajuste de contas paternal que o seu zelo representava.

Não acabou a quarta classe. Ficou a tempo inteiro com o pai, a tomar conta da terra e do arado. A cana-da-índia com que batia nos bois começou a causar-lhe arrepios. Como se batesse em si mesmo, flagelando-se por um pecado que não cometera. O machado, lançado contra a árvore que um dia foi mandado abater, pareceu-lhe o prolongamento dos braços e de uma vingança surda.

Mesmo ao lado e indefeso, o corpo do pai caiu decepado. Olhou para ele com um sorriso amargurado. E deixou-o assim, ainda por temor ou simplesmente por respeito. Talvez mais por indiferença. A mãe fora internada há alguns meses. Agora ficava sozinho, finalmente. Não sentiu nem uma ponta de remorso, como o pai não sentia quando o maltratava. Para morrer bastava estar vivo, como ele dizia. Então pronto. Condenado a tantos anos de cadeia que lhe perdera a conta, aprendeu de quase tudo um pouco, até os prazeres mais sórdidos dos homens enclausurados. Não necessariamente do mundo, mas em si próprios.

Enfim liberto, sem noção do tempo e do espaço, continuara na marginalidade, com mais algumas passagens curtas pela prisão. Até que conheceu uma mulher que o tocou. Uma prostituta, também ela uma mulher proscrita pela vida. Arranjou trabalho na construção civil e criaram um lar. Parecia que a redenção e felicidade haviam sido atraídas pela ferradura pendurada na porta. Um dia, acabada a obra, todos receberam dispensa do trabalho mais cedo. Saboreando o feriado inesperado, correu para casa. Empalideceu. Tomou-o um furor assassino. Mulher e amante foram espancados e esfaqueados até à morte. Com as mãos a escorrer sangue, fugiu dali.

Vagueando sem destino, refugiou-se na montanha. Ali, onde se lhe turva agora o olhar. Não há biga nem cavalos alados. Nem deuses para o levar. Apenas a terra que arrefece sob o seu corpo. E uma tempestade que cai, implacável e indiferente, amolecendo-lhe o leito, soterrando-o na lama. A chuva torrencial soa-lhe a um rio, o seu rio. A Fraga dos Medos perdera o seu encanto.

Exercício

Pé, ante pé. Uma pausa. Novo avanço, tímido, perscrutando as margens. As flores procuram o sol. Os pés a terra firme. Não há diferença entre ele e as flores. Ele, no meio das flores. Caprichando nos pensamentos, vagueando os olhos pelo azul que firma o sol. Com os olhos húmidos de orvalho matinal. A meteorologia é inexata. O arco-íris necessita de uma nuvem para mostrar o seu esplendor. O rio tem uma nascente e uma foz. A lágrima é intempestiva. Nasce dentro de um labirinto e escorre por caminhos soltos. Na lembrança, deixa um travo de sal na boca. Doíam-lhes os pés. Não que a caminhada fosse longa ou penosa. Não porque o odor das margens lhe retraíssem os movimentos. Não porque o horizonte se crispasse de tempestade. Apenas porque ignorava o percurso. E o desconhecido era um peso. Sobre o corpo, sobre a vontade. Amolecida pela neblina, retalhada pelos pedaços desencontrados da lógica e das emoções vulcânicas. Sem aviso, quentes, exuberantes. Lavrando sulcos, preenchendo vazios. Entornando sentimentos. Despertando desejos escondidos, queimando ilusões. Aquietando-se, finalmente em areia cinzenta que assenta em camadas sobrepostas. Poeira, que um dia, o vento mais forte, levanta, em redemoinhos breves, e transporta para novo cenário. Onde tudo recomeça.

Os espinhos da rosa contribuem para a sua beleza. Exaltam a sua singularidade. O desafio do quase inacessível. É o quase que proporciona tudo. Não o inatingível. Há sempre uma ponderação entre a conquista possível e o que sabemos inalcançável.

Há sonhos sonhados nas noites de insónia. Não são sonhos são sucedâneos. No sono profundo raramente nos lembramos dos sonhos. Quase sempre, recordamos os pesadelos. Ele sonhava mesmo acordado. Com a rosa, com os espinhos. Talvez por isso sentisse que valia a pena ainda viver...

O Tio Traquitanas

O Tio Traquitanas vivia no meio de um armazém de lixo. Opinião generalizada dos poucos a quem era deferido o privilégio de entrar nos seus espaços perdidos nos arredores de Caneças. Uma casa térrea de azulejos desencontrados, com cozinha, uma pequena sala e um minúsculo quarto de dormir. Ladeava-a um pequeno espaço cimentado pela frente, acessível por um portão de ferro forjado, descascado da tinta, passagens laterais estreitas e, nas traseiras, um quintal espaçoso meio empedrado de lajes rachadas, divididas pela erva espontânea. Delimitava o santuário – era como ele via o seu refúgio -, um muro à altura da casa, de bocados de pedra sobrepostos, ajuntados por calça esborrada. Se cor tivera, perdera-a. Agora, o cinzento e o negro do tempo e o verde dos tufos eram o selo de garantia da antiguidade genuína.

Talvez fosse melhor chamar-lhe oásis, porque era uma construção invulgar no meio de um imenso matagal: as terras que fora vendendo ao sabor da voracidade de investidores imobiliários que haviam perdido o apetite face à crise e faziam ainda boquinha para grandes empreendimentos. Só lhe restava o coração da grande propriedade, retalhada, e esse bocado não era negociável, porque não tinha preço. Perante as insistências mais ferozes, acabava com a conversa dos doutores de um modo singelo: “- Quando eu morrer e como não tenho herdeiros, podem fazer disto o que quiserem. Até lá, não vale a pena insistirem!”. E eles desistiam. Iam embora descorçoados, mas, ao mesmo tempo, indagando-se sobre aquele homem.

Era um tipo rico, que vivia encafuado quase como um mendigo. Após a morte da mulher, já ia para uns vinte anos, loteara o terreno e começara a vender, sem pressas, quando entendera ser a altura mais certa e à melhor oferta. Arranjara um corretor de confiança, aplicara o capital e, aos poucos, multiplicara-o. Era um caso de inveja. Só ninguém entendia porque vivia assim, isolado, fazendo questão de ignorar o Mundo.

Com quase setenta e cinco anos, António de Jesus – há muito conhecido como o Tio Traquitanas -, vivia sozinho e feliz. Desde que a tia Matilde se finara, uma mulher das proximidades, contratada a peso de ouro, atendendo às suas funções, velava para que nada lhe faltasse, preparando também diariamente as principais refeições. A Felismina era então uma rapariga, solteira e sem namorado, empurrada por uma família numerosa para serviçal. Depressa entendeu como lidar com um homem rabugento, exigente e de meias falas.

Submeteu-se, sem reservas, e apaixonou-se pela calada. Agora, com quarenta e seis anos, ainda elegante nas formas, não perdera a esperança de ser mais do que a mulher-a-dias. Sempre houve falatórios, mas também a habitação própria das situações duradouras. E a realidade era bem diferente.

Apesar de algumas discretas insinuações, ele não lhe permitia qualquer veleidade. Num tom indiferente, seco e, por vezes, quase grosseiro, afastava qualquer aproximação que prolongasse os momentos de intimidade. Após o jantar, a “boa noite”, bem soletrada, fazia entender que eram horas de ela recolher à sua própria casa. Pouco lhe parecia importar se a noite já ia densa, se a chuva a iria causticar ao longo do caminho a percorrer a pé, se haveria perigos que a espreitassem. Nada. Pagava bem, ela prestava os serviços em condições aceitáveis e ponto final. O resto não era nem tinha de ser da sua conta e responsabilidade. E, com o passar do tempo, ela também desistira de qualquer esperança, assumindo a sua condição.

Um coração de ferro, de sucata. O homem juntava tudo o que encontrava. Por vezes à beira da estrada, introduzindo-se, à socapa, em terras abandonadas ou, em última instância, regateando preços. Depois do pequeno-almoço, pegava na Dyna e, num sussurro de motor cansado, percorria meio mundo, sempre buscando, com o faro de um perdigueiro treinando às velharias e ferrugem. Desde loiças de porcelana, algumas tocadas pela nobreza ou mesmo por reis e príncipes, até computadores esventrados, semidestruídos. Peças e componentes de automóveis, artefactos agrícolas e de pesca. Bicicletas, triciclos, brinquedos de madeira e de metal. Tudo sobreposto no quintal ou espalhado à volta da casa e dentro dela os exemplares mais importantes ou queridos. Algumas mobílias, desmontadas, e quatro jarrões chineses, estes empalhados debaixo da cama, eram as preciosidades do seu tesouro. Com exceção da cozinha, onde tomava as refeições, o resto da casa era um autêntico museu atulhado, sem lógica nem nexos, ao sabor do sucesso das expedições. A aventura era ali mesmo. Para os poucos privilegiados de uma visita guiada, um circuito de gincana, tentando adivinhar a origem e utilidade de cada objeto. Um sorriso de desalento e forçado, em conclusão, como se nenhum valesse o tempo de um olhar mais atento. Para Felismina era igual ao litro e não se referia à boa pinga que sempre existia lá por casa nas prateleiras de uma das paredes da cozinha.

Mas o Tio Traquitana tinha uma outra leitura. Cada coisa tinha uma história, conhecida ou imaginada. Fora criada, antes de mais. O criador, inventor inspirado, era uma espécie de deus, colocando o seu engenho ao

serviço de todos. Mola da evolução, garante do progresso, aplicando ou mesmo antecedendo conhecimentos científicos e novas tecnologias. A mente humana era a maior maravilha do Universo. Depois, as pessoas, que usufruíram da invenção haviam, de certeza, melhorado a sua qualidade de vida. Por mais insignificante que tivesse sido o objeto ou a mudança provocada por um nova ideia, teria ocorrido uma satisfação individual e ou coletiva, quanto mais não fosse pela posse de algo diferente, que quebrara o quotidiano. Claro, condescendia também, que a disponibilização comercial das criações não estava ao alcance de todos, mas o simples facto de as poder conhecer já era, só por si, uma espécie de alento para a vida.

Há gente assim, que vive nas memórias das coisas, poderiam congeminar os turistas de ocasião. Mas, num sorriso forçado, iam acarinhando o velho, deixando escapar uma ou outra referência aos seus discursos de filósofo. E era mesmo o que o Tio Traquitanas parecia ser. Ao fim das tardes de melhor tempo, sentado num canapé estoirado, oriundo talvez de uma nobreza pesada e com gota, ficava-se a olhar, embevecido, os pássaros que se haviam habituado a frequentar o bebedouro que colocara por dentro de um dos lados do portão. Algumas dezenas de andorinhas dispunham de ninhos nos beirais da casa. E, na Primavera, chilreavam, num movimento contínuo, arrancando um sorriso vago àquele senhorio quase imóvel.

De vez em quando, o Tio Traquitanas tirava o chapéu de palha amarelecida e coçava a cabeça, como se o espantasse ou compreendesse um desenho mais arrojado das nuvens ou o piar incessante das crias, na sua voracidade de crescimento. Ferrava de novo a carranca com Felismina a anunciar o jantar. Como se o despertasse de um transe hipnótico, de um sonho que lhe levasse a mente nas asas das aves, sabe-se lá para e por onde. Só ele sabia, se soubesse. Na maior parte das vezes, se calhar não saía dali mesmo. Entranhava-se em si, adormecendo pensamentos, desfocando o olhar. Hibernando, como quem esgotou as reservas para sobreviver.

Afinal, o Tio Traquitanas parecia mesmo vazio. Atulhava-se exteriormente para compensar o que não sentia dentro de si. Nem dor nem ódio, nada. Apenas aquela paixão fictícia pelas coisas. Na verdade, se lhe levassem tudo aquilo dali, pouco se importaria. Só tinham valor quando as podia mostrar a alguém e proferir a preleção filosófica de sempre. Mas a sua paciência tinha limites curtos. Por isso, só em ocasiões especiais, quando tinha pachorra, se disponibilizava à visita guiada. Vivia assim, exteriorizando vida, mas morto por

dentro, enfadado com os outros e com o Mundo. Sempre fora assim. Órfão, ainda miúdo, comera o pão amassado pelo diabo. Desenrascara-se em muitos ofícios, até ter o seu pé-de-meia. Fora comprando terras que ninguém queria, vendera produtos de toda a espécie, trabalhara cada vez mais, até que um dia, ao ver a mulher descer para a terra que era de todos, entendeu que chegava de esfalfa. Era altura de gozar a vida até que a morte também o levasse.

Para ele desfrutar da vida era apenas não trabalhar. Colher tarecos não era trabalho, era divertimento. E estava-lhe no sangue juntar coisas, aumentar património, fosse qual fosse. Sabia que tinha muito dinheiro, correndo pelos bancos. Mas não lhe passava pela cabeça qualquer extravagância. Aquilo era a sua reforma. E depois, sempre podia haver uma doença... Dar, pagar vícios a malandros, fossem da obra paroquial, da junta de freguesia ou de outros mafiosos quaisquer, estava fora de questão. Nunca amolecera nesta atitude e, depressa, todos entenderam que dali não levavam nada.

Mas a idade ia pesando e o canto da cigarra ai ficando cada vez mais soturno. Certo dia, o Antunes, o corretor, lembrou-lhe que era altura de pensar em fazer testamento, não porque perigasse a sua saúde de ferro, mas simplesmente porque nunca se sabia o que podia acontecer de uma hora para a outra e depois os bens iriam parar às mãos do Estado...

Tio Traquitanas, pensando durante uma semana inteira, mas apenas ao fim da tarde, decidiu seguir o conselho. Sem família, resolveu deixar a sua fortuna repartida pela Felismina e pelo Antunes, mas este, só porque lhe havia lembrado a morte, apenas com direito a vinte por cento. Nem pensou, por um simples segundo, que a mulher que lhe dedicara vinte anos da sua vida merecesse uma quota maior. Teria feito o contrário se tivesse sido ela a falar do assunto.

Era uma vingança que lhe arrancava um sorriso de quase felicidade. Nem sabia porquê, mas talvez tivesse a ver com a sua própria forma de vida. Bem vistas as coisas, até estava a fazer alguma justiça. O tipo da cidade, habituado a boa vida, cheio de manias e gostos caros, devia pensar que o levara na conversa, mas estava muito enganado. Quem lucrava mais era a rapariga da aldeia, sem posses nem pretensões, a quem sairia a sorte grande. Nunca lhe agradando a ideia de dar, sorriu, imaginando a cara deles ao ouvirem a leitura do testamento.

E morreu. Num dia triste, mais do que outros, pelo menos para os pássaros que se aperceberam do vaivém desusado. Com um funeral discreto, o Tio Traquitanas abandonou este Mundo como para cá viera. Dos poucos acompanhantes à última morada, alguns repararam que Felismina não só não chorava, como parecia rejuvenescida. Pareceu-lhes estranho, mas nestas situações as pessoas ficam diferentes e depois, não se pode perder muito tempo a congeminar nos momentos que lembram a nossa própria morte. Um copo na tasca do Jacinto, mesmo na esquina do Cemitério, abafou qualquer manifestação cerebral que não fosse o habitual e salutar despique futebolístico.

Poucos meses decorridos sobre a morte do Tio Traquitanas, a aldeia ficou assombrada com a notícia. Felismina, que parecia não fazer mal a uma mosca, e o gajo que tratava dos dinheiros do velho, um tal Antunes, iam casar. Sim senhor, tinham feito a cama ao Tio Traquitanas. Ai se ele soubesse disto, até dava voltas na campa. Que descaramento!

E a vida continuou, criando dois novos-ricos que, provavelmente, souberam viver a vida melhor que o criador de tanta riqueza...

Hoi Fu Garden

Xeng Vui era uma rapariga chinesa, de pais oriundos de uma pequena aldeia da Província de Cantão. Nascera em Macau e por aqui se quedou, medrando nas milenares tradições de uma China ora profunda ora pragmática, com um leve aceno de leque aos bárbaros do Ocidente. Aos vinte e poucos anos, licenciada em qualquer coisa pela instituição precursora da Universidade de Macau, foi tomada pelo touro da ambição e embarcou pela noite. O emprego no Banco esfumou-se nas salas de jogo, por entre muitos cigarros e alguns bons charutos de uma clientela fria, de rostos impenetráveis, mas mãos largas nas noites de glória.

O Ano Novo Chinês aproximava-se inexorável. Era tempo de realizar o deve e o haver. Não necessitou de muitos minutos para confirmar que o saldo negativo era impossível de contrabalançar. Mesmo os amantes mais ricos recusariam qualquer ajuda. Estava na mão dos agiotas e sem quaisquer recursos para apaziguar as suas exigências. Sobreveio-lhe a calma de quem sabe que esgotou a vida. Vestiu a sua melhor cabaia, olhou, por segundos, o retrato dos pais, em pose a preto e branco, abriu a porta da varanda que dava para o interior do arranha-céus e, sem demoras, às 5:30 horas da manhã, mergulhou no voo da libertação.

Manchas de sangue alastraram sobre a placa do parque de estacionamento, à volta do carro que a acolheu. Acorreram alguns curiosos, despertados do Majong pelo embate seco, e o pesaroso proprietário do veículo amolgado, sem histerias ou alaridos. A vida e a morte não se cantam nem se choram, apenas se registam. Foi o que fez um médico das Urgências do Centro Hospital Conde de São Januário, ao certificar o óbito de Xeng Vui, poucos minutos depois de ali ter chegado a ambulância que retirou o seu corpo do Hoi Fu Garden.

João Mirrança, o gajo da cagança, gabava-se de feitos inauditos, por vezes tão inatingíveis que a vizinhança conjecturava se o homem estava no seu perfeito juízo ou transviava ao sabor das fantasias das noites recolhidas, à luz do candeeiro a petróleo. Bastava uma meia dúzia de tigelas de barro curtido, bem cheias do produto das uvas criadas pela lava, que o João ganhava asas e, com o furor das cagarras, voava pelo espaço da imaginação. Atravessava as intempéries das noites mais negras e acoitava-se na mama do Pico, onde socorrera pelo menos uma meia dúzia de continentais afoitos, ou então esbracejava nas águas tumultuosas ao largo da ilha, ora rebocado por um cachalote, no laço da corda que disparara da celha do bote, ora salvando o Jacinto, o Inácio ou o Carolino, consoante os dias, depois do barco carregado de bonitos se ter afundado à vista da Prainha do Galeão. Para já não falar da vez em que teve mesmo para morrer, quando andava à caça de lapas e polvos, para os lados de S. Mateus, e ficou enrodilhado nas algas de uma caverna para onde foi empurrado com a força da onda. Só a Virgem Maria o salvou, que ele bem viu a sua imagem, lá no fundo do escuro, brilhante. Sorriu-lhe e, com um gesto de mãe protetora, empurrou-o para fora. Até os bofes lhe iam saltando quando a cabeça saiu fora da água. E quando subiu à rocha mais próxima ainda as pernas lhe tremiam que nem varas verdes e os dentes chocalhavam que nem castanholas. Desde então que não passava mês que não fosse ao local colocar um ramo de hortênsias bem frescas e rezar um terço completo.

O Mirrança era viúvo habituado à vida a sós. Bem, diziam as más-línguas que nas outras noites em que não se arvorava em contador de histórias, enquanto as cartas da sueca lhe iam escorrendo pelos dedos calejados da enxada e do arpão das baleias, passava as noites na adega, bem perto do porto, na companhia da Albertina, que tinha idade para ser filha dele. Tal mãe tal filha, acrescentavam. A velha agora nem saía de casa, mas nos bons tempos dela, esgueirava-se pela noite, como uma gata, só detetável pelos olhos esverdeados e apenas quando a maré estava cheia, fazendo uns favores avulsos, talvez razão de sobrevivência, mas há coisas que o falatório não perdoa, alimentando e acrescentando. Coisas das mulheres de farpa, tecendo colchas, naperões e toalhas, sobre a esteira de palha. Entretenimento, à falta de rádio e, muito menos de televisão, os serões puxavam pela língua. Mas nem era por mal, apenas porque se tinha de falar de alguma coisa e os horizontes tinham a distância dos limites da freguesia. E acabavam sempre com uma espécie de ato de contrição: - Que Deus nos perdoe, porque cada um sabe de si e Ele de todos.

Esta preocupação de limpar os pecados da noite não se aplicava fora do espaço geográfico, porque para além do lugarejo, as apreciações acabavam em piropos bem mais cruéis, embora subentendidos em frases inacabadas. Era a solidariedade de vizinhança.

Com um metro e noventa e cinco, uns cento e dez quilos de peso e uma força bruta a toda a prova, o João impunha o respeito de todos. Na última avaria que ficara na memória da taberna, levantara um quinto sem vinho com os dentes. E ainda deitou para fora um sorriso, largo e trocista, naquele rosto mal barbeado, que só via navalha, por punho próprio, ao cabo do banho de fim de semana, numa celha de madeira com espuma de sabão azul poupado ao centímetro. Gente como ele faria a cadeira de barbeiro e de dentista do Jacinto criar bolor e confiná-lo à criação de ovelhas e carneiros, remoendo, no estio, as ervas da ribeira que confinavam com o balcão da casa. Por vezes, os mais novos, já com um grãozinho na asa, mas sempre venerandos perante o santo sem andor, discorriam sobre a bebedeira célebre na noite da Festa de São José. Depois de despachar dois garrafões de cinco litros de tinto, não atinava em andar direito a caminho de casa. Voltou-se e foi de marcha à ré, ruminando: “- Se não dá de frente, vai de costas.”. O Mirrança não comentava, esboçando apenas um leve sorriso, com os lábios grossos gretados. Não estava para desfazer o mito, mas não tinha sido bem assim. Apenas tinha bebido um garrafão e ficara naquele estado porque a porcaria do polvo na tasca do Garcia estava salgado e com tanto picante que quando se deu conta já tinha bebido mais que a medida para a comida. É que era tudo uma questão de equilíbrio entre o tempo, o que se come e bebe. Um segredo que não ia dar de bandeja para aqueles putos de leite, que tinham de aprender à custa deles. Mas agradava-lhe ser alvo das atenções. Com respeito, claro. Porque quando pisavam o risco eriçava a carranca e o assunto morria de morte matada. Não era de violências, mas também não era homem de levar desaforos para casa. E todos sabiam disso, o que facilitava as coisas.

Na tarde de um Sábado nublado de Dezembro, quase em vésperas de Natal, um alvoroço percorreu a aldeia. Constava que o João Mirrança ia casar com a Albertina às escondidas. Era coisa do padre, que teimara em legitimar aquela relação pecaminosa aos olhos de Deus e dos homens. Isto é, mais das mulheres da freguesia, que os homens pouco ligavam e, com o tinto ou a aguardente emborcados, concluíam: “Ah, grande Mirrança!”. Apesar da hora tardia, juntaram-se alguns magotes nos caminhos transversais ao da Igreja, esgueirando-se na escuridão. Por volta da meia-noite lá apareceu o António da

Santa e o Francisco Gracias, com as mulheres, e, passados uns dez minutos, os noivos. Todos em passo de corrida, batendo os sapatos na terra e levantando uma pequena nuvem de pó, que se supunha avermelhada, coada por umas réstias de luar rebeldes. A cerimónia nem durou meia hora. A espera nem deu para apertar os casacos, com que o entusiasmo dos “espreitas” superara o frio. Quando os padrinhos e o casal subiram a estrada, já em passo comedido e conversadeiro, irrompeu uma salva de palmas. O Mirrança, no seu porte altivo e, agora, tanto quanto a lua mais afoita deixava antever, ainda mais sisudo, parou. Perscrutou as margens, indagou dos presentes, com um olhar de lobo sem alcateia, e embicou para o Fontes, a quem, se fosse à luz do dia, seriam detetáveis todos os sintomas de uma apoplexia ou de um ataque cardíaco iminentes. Mas o João estava feliz. Abriu os braços e no abraço ao Fontes abraçou todos.

A aldeia dormiu então em santa paz. O João Mirrança não mais contou estórias de embalar.

Clementina (em rima)

Clementina tinha um pequeno defeito. Era surda do ouvido direito. E o esquerdo era mouco. Ouvia muito pouco. Um som ao longe, como a maresia condensada num búzio, um zumbido crescente que hesitava como a sintonia de uma antiga telefonia. Um olhar macambúzio denotava a apatia pelas coisas da vida e nunca sorria. Quanto muito, levantava o lábio superior, arcado, grosso e rachado, como se dizia, em sinal de assentimento. O de baixo, fino e firme, nunca se movia. Hino silencioso a um rosto invulgar e a um corpo divino. Um tormento, de perder o tino, para quem a via nas sombras das casas caiadas, nas madrugadas ou ao fim das tardes. Aparecera já crescida, de cabelos loiros compridos, escorridos sobre as costas. Os mais valentes faziam apostas na taberna da aldeia, animados pela aguardente e copos de vinho. Mas nunca nenhum se gabara de se ter aproximado e, muito menos, de ter chegado à fala. Crendices, coisas do oculto, desfiadas, como os rosários das beatas, desfiguradas e chatas, rezando que a rapariga era anormal. O gato de Clementina – o Faial -, tosco e independente, ficava ausente dessas considerações, aconchegando-se no seu colo quente. Não a olhava de frente nem lhe apetecia analisar a dona, bem mais fofa e doce que a reles poltrona rasgada, com a palha a sair pelas frechas do coiro maduro, refastelado, aquietado pela ternura.

Clementina tinha um primo, com quem pouco se dava, apesar de viver a dois passos de distância. Coisas da infância, das brincadeiras de médicos ou de problemas congénitos, porque o Chico também não batia bem. Era com desdém que o tratavam. O maluco do ferreiro que dava ao fole todos os dias, moldando machados, foices e enxadas, martelados na bigorna. A forma, mais do que a qualidade, era vaidade da profissão. Com ou sem razão, poucos lhe compravam essa ineficaz produção. Mas ia dando para o sustento dele e do pai acabado, que se arrastava de cajado apenas até à soleira da porta, onde ficava imóvel, a olhar para o ar, dizendo umas coisas impercetíveis, quase inaudíveis, vindas lá do fundo, meio a arfar, que terminavam sempre do mesmo modo: “O Mundo está quase a acabar!”. O Chico, quando se fartava da oficina, sentava-se ao lado do velho, num desvelo babado, descendo com ele ao Inferno da vida que os maltratava. À noite, sossegado o progenitor, sonhava com a prima. Era um sonho nublado, mas único alento, onde Clementina esvoaçava como uma fada, com a camisa de dormir ao vento. E ele via-lhe as formas, os seios, as pernas longas, quase o paraíso. Era quando o Dia do Juízo se abatia sobre a sua consciência baralhada, dando ao nada o sentido de pecado.

Num dia mais nublado, Chico passou-se dos carretos. Nem os amuletos pendurados a preceito compensaram o jeito. Meteu-se-lhe na cabeça que havia de ser aquele o dia em que teria Clementina. Peça a peça tudo dava errado. A foice, a enxada, o machado. O calor da forja atazanava-o, afogueando-o numa doidice inexplicável. Expectável, esqueceu o dano e traçou um plano. Sabia que a prima, ao fim da tarde, subiria a vereda que passava a poucos metros da oficina, para tratar das galinhas e das cabras. Já em labareda, ficou de atalaia, espreitando por entre os buracos das pedras de lava. Quando avistou Clementina, naquele andar, ao mesmo tempo provocador e puro, ficou da cor do carvão soprado pelo fole, o mole virou duro e todo ele uma fogueira. Deixou-a passar, seguiu-a sorrateiramente e esperou que entrasse pelo portão de madeira às ripas da propriedade. Dominando a vontade, esgueirou-se por entre as nespereiras e as figueiras, até que, de surpresa, como um felino transviado, saltou sobre as costas da presa, atirando-a ao chão. Mal lhe levantara as saias, num supetão, levou uma cornada do Julião. O bode corpulento, com chifres de veado, espetou-lhe as nádegas, rodou-o no ar, rasgando-lhe as carnes, e arremessou-o para cima de um silvado. Picado, sangrando, com as calças rasgadas, o Chico, apavorado, lá conseguiu fugir dali, meio aparvalhado. Nunca mais quis saber da prima e muito menos do Julião. Nem mais se aproximou do portão, uns metros acima da oficina.

A verdade é que, poucos meses passados, comentava-se na aldeia o facto de Clementina, a prima feia do Chico chanfrado, nunca mais ter sido vista. Há quem diga que pariu um monstro, com pelos, cornos, barbicha e até crista. Alguém estranhou também que o gato, caseiro e pachorrento, durma agora ao relento no quintal sob a latada e arreganhe os dentes por tudo e por nada. Coitado do Faial... E afirmam os mais sisudos: “Há naquela casa algo que não é natural!”.

Raposa predadora

A raposa, vaidosa, de pelo brilhante e longa cauda luzidia, parecia faiscar na noite com o néon da discoteca, patética. Bebia um *drink* numa languidez de freguês *habitué*, *frapê*.

Mirava, sobretudo, um coelho com pele de veludo. Branco e cinzento, bigodes compridos e nariz nervoso, sempre atento, com orelhas de ouvir tudo à sua volta. Janota, com um laço preto reluzente e diferente na forma de olhar e tentar agradar.

O coelho correspondia ao olhar da raposa com um sorriso carente, movendo a dentuça reluzente como se lhe mordiscasse as bochechas eroticamente. Sedento de luar e da noite, eufemismo de porto de abrigo, inimigo de si mesmo. Deleitado com a sua áurea de macho, puro narcisismo.

A raposa saiu do salão, exibindo o seu porte majestoso, na direção do jardim de inverno, sombrio e frondoso. O coelho seguiu-a, rebrilhando o olhar, vazio e sequioso.

Meia hora depois, a raposa voltou ao salão. Então mais comedida. O brilho apagara-se e a bebida era um chá de tília. Pendendo do pescoço, um novo adereço, preso à *écharpe*. Um rabo de coelho, ainda em movimentos lentos.

I

Numa ilha algures no Atlântico, que dizem ser o pico da montanha mais alta da mítica Atlântida, havia uma caverna que os naturais chamavam de Boca do Inferno. A entrada estava coberta de vegetação, de onde sobressaíam figueiras do diabo¹ - talvez por isso a designação que os nativos davam àquele local, inexplorado.

Entre a estrada que circundava a ilha e o mar sempre encrespado, a caverna passava quase despercebida. Mas quando andava gente nas redondezas - que ninguém se atrevia a aproximar-se e, muito menos, a entrar nela -, as conversas pouco variavam. Um avô ou parente já falecido contara que todos os temerários que se tinham atrevido a ultrapassar as rochas, estranhas e desalinhas, recortadas por entre as figueiras, nunca mais haviam sido vistos. Estavam com certeza nas profundezas do Inferno. Havia até quem tivesse visto fumo muito negro a sair dali, pela noite cerrada ou nos dias de chuva intensa, que eram, aliás, muito frequentes. Era do fogo, dos corpos a arder nas fogueiras do Diabo, por isso também o mau cheiro que feria as narinas noutras ocasiões.

Mas os vivos - com exceção de um ou outro que vira qualquer coisa a mexer ou mesmo uma figura com uns cornos afiados, bem avinhado numa das duas tabernas da aldeia e que contava a história na outra, onde mais umas aguardentes afastavam os fantasmas -, nunca, por nunca haviam deparado com algo que os assustasse ou fizesse benzer-se e derramar, à pressa, umas rezas, religiosas ou vernáculas. O certo é que todos evitavam passar por ali e quando o tinham de fazer sozinhos aceleravam o passo e olhavam para o topo da montanha, mesmo que não estivesse visível.

O Francisco Cordeiro, mais conhecido pelo Chico, era zarolho. Norró - nunca ninguém conseguira explicar porquê - era a alcunha do Artur Pereira, coxo. Um zarolho e um coxo, sem nada de seu, amanhando a terra dos outros e alvo de chacota e discriminação geral, só podiam ser amigos inseparáveis. Ao ponto de dormirem no mesmo casebre, construído sobre um morro inóspito sobranceiro à Boca do Inferno. O facto era pouco relevante, já que ambos adormeciam pouco depois do por do sol, após um breve jantar, geralmente, de pão rijo com queijo, a que limpavam o bolor, e de uma sopa fria e peça de fruta esmoladas da vizinhança ou, no último caso, retirada à socapa das terras onde trabalhavam. Sempre acompanhado - e, a mais das vezes, único alimento - de vinho tinto, em abundância. O almoço tomado no campo por conta do patrão

ocasional era, com alguma sorte, a refeição mais decente que tomavam. Até ao meio dia, a força do corpo e dos braços provinha de um ou dois copos de aguardente bem aviados logo ao acordar e antes de se porem a caminho do trabalho, ainda a alvorada não raiara.

Geralmente, a conversa era nenhuma ou a estritamente necessária para se entenderem, mas numa ou noutra noite do fim de semana, em que o serão, à luz da lamparina a petróleo, se prolongava um pouco mais e os vapores do álcool iluminavam a cabeça e faziam os olhos luzir no lusco-fusco, o Chico e o Norró² falavam sobre as coisas que ouviam ao som das enxadas a rasgar a terra ou do mastigar dos outros trabalhadores que tinham mulheres e filhos e também problemas. Não ter nada, a não ser a comida e vinho e aguardente, não ter de pagar despesas da casa e da família era, apesar da desdita de ambos, uma boa vida.

- Achas que temos mesmo uma boa vida, Chico? Só trabalhamos, comemos e bebemos, nunca saímos daqui, toda a gente troça de nós, tratam-nos pior que aos cães... e até os cães nos ladram e tentam ferrar-nos os dentes... Achas isto uma boa vida?

- Pois... tens razão, Norró. Nem à Igreja vamos. Até dizem que somos filhos de Satanás. Isto disse o João Sapateiro na nossa cara se bem te lembras, imagina agora o que dirão nas nossas costas...

- É, homem... e se calhar até têm razão. Olha para nós... Um zarolho e um coxo, feios, rotos e sujos, da cor da terra que amanhámos e que nem é nossa... É, devem ter razão, somos mesmo filhos do Diabo.

Ambos olhavam para uma pequena janela tapada com ripas de madeira, como se fosse de vidro e dali avistassem a Boca do Inferno. O Chico nunca conhecera os pais. Ao que se lembrava, uma velha vestida de negro cuidara dele até a ver estendida na cama, esbranquiçada e imóvel. Soubera que morrera porque o disse a vizinha do lado a quem foi chamar, contando-lhe aquele espanto. Dai em diante, com sete ou oito anos, tomara conta de si e, quando mais tarde - já homem antecipado - tentou saber dos pais todos se fecharam num mistério insondável. Já então vivia com o Norró, que lhe aparecera por acaso na terra que cavava à procura de trabalho, fugido dos pais que o maltratavam, "abaixo de cão" no outro lado da Ilha. Deu-lhe abrigo e acolheu-o como um irmão, irmão na desgraça, entenda-se. Nunca os pais do Norró o procuraram nem o Chico soube quem eram os seus. Assim se deixaram ficar, que isso pouco ou nenhuma falta lhes fazia.

- Havíamos de ir um dia destes dar uma vista de olhos na Boca do Inferno, quem sabe se não temos família lá por baixo da terra... - Disse o Chico, mostrando todos os dentes amarelos que lhe restavam, enquanto uma baforada do cigarro escapava pela cara e pelo ar, fazendo-o fechar o olho bom.

- Olha e porque não? Eu cá não tenho medo. Se morrer, pa-ciência, tanto faz agora ou daqui a uns anos. - Conjeturou Norró, enrolando um cigarro de tabaco puro cultivado nos poucos metros quadrados à volta do quintal do casebre.

- Eu também não tenho medo, claro. Mas, e se aparecem almas do outro mundo ou o próprio Diabo? – Retorquiu o Chico, com riso forçado.

- Deixa aparecer. Achas que nos vão morder como os cães ou esquartejar como condenados à morte ou porem-nos malucos voando e rodando à nossa volta, enquanto os nossos ouvidos zunem até rebentar ou que nos atiram numa fogueira para sermos servidos espetados num pau como churrasco ao Diabo? – Ironizou Norró, esvaziando de uma só vez o copo de tinto.

Chico ria descontrolado, enchendo de novo o copo do amigo e o seu, com as mãos trémulas e a língua já entravada pelos efeitos do álcool. A conversa acabou breve, com a combinação de no dia seguinte, um domingo, dia sagrado, irem dar cumprimento ao acordado. Pois, talvez até se fizessem ao caminho se não acordassem lá para o meio-dia, ensonados e com uma dor de cabeça dos diabos. Ficava para o próximo fim de semana. Era mais aconselhável. E tinham de tratar dos candeeiros e de umas buchas³ que tinham de levar para o caminho. Esta a nova programação, após emborcarem o primeiro copo de aguardente e enquanto o segundo se evaporava rapidamente pela boca e narinas.

A semana passou como sempre, mas todas as noites antes de adormecer pesadamente nos colchões, meio esventrados, de casca ressequida de maçaroca⁴, confirmavam a promessa, refazendo um ou outro pormenor. Além do pão e do queijo, não podiam esquecer o vinho e, claro, uma quantidade generosa de aguardente, até porque era essencial para atenuar ou mesmo anestesiar algum susto ou ferimento que pudessem acontecer. Depois, havia que levar petróleo extra para os candeeiros e para os isqueiros, bem como tabaco e papel de enrolar. O Chico ainda se lembrou de levar água mas o Norró achou que era peso a mais e que não ia servir para nada. As mochilas de dois montanheiros, que tinham acompanhado, em tempos, ao sopé, da montanha e que no regresso lhas tinham oferecido, iam agora ser úteis. Tudo previsto, concluíram. A ida estava agora aprazada para a alvorada de sábado. Na véspera, como numa derradeira confirmação, o Chico perguntou ao Norró:

- Vamos mesmo, não vamos?
- Claro, homem, claro. Vamos lá mas é dormir...

Na verdade, estavam era aterrados, mas nenhum queria dar parte de fraco. Que homem, enxuto, zanolho ou coxo, tem o seu orgulho. Mal dormiram e nos poucos momentos de sono sobrevinham os pesadelos, com grupos de diabos da cor da ferrugem a atormentá-los e a torturá-los. O Chico até sonhou que um dos diabos lhe espetara o olho bom, deixando-o cego, enquanto o Norró sentiu mesmo outro a cortar-lhe as pernas, deixando apenas dois cotos, cicatrizados por uma espécie de sacho incandescente. Norró levantou-se de supetão, tocando ambas as pernas no escuro. Sentindo-as, ficou mais descansado, abriu a porta e respirou o ar da noite estrelada. Procurou a Lua, mas em vão. Talvez estivesse escondida do outro lado da montanha, como quem não se pretendia comprometer com tão insana aventura. “Que se lixasse... Não havia como voltar atrás...”.

II

Passaram um pouco de água na cara, com a barba por fazer de alguns dias, tomaram os copos de aguardente habituais, vestiram os casacos, apertaram as mochilas e puseram-se a caminho. A noite de começo de primavera estava fresca, uma chuva miudinha caía como uma moinha persistente e incômoda. Habitados, pouco se importaram com isso, calcando a terra amolecida.

Ao cabo de uma meia hora estavam em frente da caverna. Mal se divisava a entrada por entre as figueiras do diabo e as rochas. Pararam um momento, hesitando, mas, olhando um para o outro, foram impulsionados como por uma mola e desceram uma vereda estreita, sentido as botas e as calças agarradas por urtigas e rasgadas por espinhos de catos selvagens. Parecia que algo sobrenatural os fazia avançar firmes e decididos. Ultrapassaram as rochas, ora subindo-as e descendo-as do lado oposto, ora esgueirando-se pelo seu interior, como se atravessassem um labirinto. Depois destas, a caverna parecia afunilar, descendo em curvas e contracurvas, alargando, de vez em quando, em pequenas galerias de cujas paredes brotavam fios de água soltos, escorrendo e juntando-se a outros, criando diminutos ribeiros ao redor do chão, confluindo para a próxima passagem.

Chico e Norró já tinham entendido que teriam de avançar com toda a precaução. Por vezes, a terra cedia tanto debaixo dos pés que lhes parecia irem cair desamparados algures. Foi assim que, ao depararem com uma ampla galeria de estalactites e estalagmites⁵ pararam antes de a atravessar. Repararam

também que aquelas estruturas que cresciam do teto e do chão pareciam transmitir uma luminosidade rosácea. Ficaram extasiados com tanta beleza. As gotas que escorriam das estalactites convergiam para o centro da galeria, alimentando agora um pequeno riacho que deveria continuar pela caverna. Atravessaram a galeria colocando um pé de cada lado da água e evitando as estalagmites, até entrarem na passagem seguinte. Uma luz, ténue a princípio, depois intensificando, anunciava nova surpresa. Chico e Norró olharam-se. Agora viam nitidamente um ao outro. Os candeeiros de petróleo pareciam desnecessários. À cautela mantiveram-nos acessos e redobramos os cuidados.

Um lago efervescente apareceu, alimentado por inúmeros riachos vindos do cimo da terra. A água nas margens era de uma limpidez nunca vista por ambos. A galeria estava iluminada como se inúmeros sóis minúsculos⁶ emitissem luz, de diversos tons, resultando num cenário único e majestoso, que ambos ficaram a admirar alguns minutos. À volta do lago uma faixa de areia fina, multicolor – talvez pela reflexão da luz –, parecia convidar os pés cansados dos aventureiros. A água devia estar a ferver, pensaram, ao vê-la a borbulhar. Mas qualquer coisa tinha mudado aqueles homens rudes, fazendo-os acreditar que nem tudo o que se vê é ou nem tudo em que se acredita existe.

Norró deixou a mochila, o casaco e a lamparina a alguns metros do lago e aproximou-se. Colocou a mão à beira da água. Sentiu-a morna. Esticou o braço e concluiu o mesmo.

- E se tomássemos um banho, Chico?
- Achas? A água lá mais para dentro não estará mesmo a ferver?
- Bem, se não experimentarmos, nunca vamos saber...

Despiram-se, sentando-se na areia com os pés na água, sentindo o já merecido descanso e conforto. Afinal estavam dentro da caverna há quase uma hora, sempre descendo, aos ziguezagues, não fazendo ideia se estavam debaixo do mar ou sob a montanha. Norró levantou-se e avançou, pé ante pé, pelo lago. A temperatura era igual. Afoitou-se um pouco mais, sempre com a areia fina debaixo dos pés, ficando com a água pela cintura, sentindo as bolhas a rebentar à sua volta. Chico seguiu-o. Atiraram chapadas de água um ao outro, momentaneamente crianças, e molhavam-se como se lavassem a terra entranhada, de muitos anos, nos poros. Mergulhavam, retiravam a água cabelos, dos olhos e das faces e repetiam.

- Norró! – Gritou Chico de repente.
- Que foi homem? – Indagou Norró assustado.

- Eu acho que passei a ver dos dois olhos e tu estás diferente ou será da minha vista?

- Tu também estás diferente homem... Que diabo!... Até pareces bonito... E eu já não coxeio... - Notou Norró, já próximo da beira do lago.

E ambos riram, olhando incrédulos um para o outro. Apesar de nenhum saber a sua idade real, teriam cerca de quarenta anos. E agora, na frente de cada um estava um jovem de trinta anos no máximo. Dois belos homens, com barba e com um corpo escultural. Alguma coisa de milagroso acontecera. Chico e Norró não sabiam ao certo se estavam felizes ou apenas num sonho qualquer que, naquela noite, Morfeu⁷ resolvera que havia de ser diferente. Aceitando o sonho ou a realidade, vestiram-se, comeram um pouco de pão e queijo e beberam uns bons goles de vinho. Enrolaram e acenderam um cigarro e ficaram uns minutos olhando o lago e, de soslaio, um para o outro, certificando-se de tão inesperada mudança.

Depois, resolveram prosseguir, ladeando a água e enfiando por uma outra passagem, quase do lado oposto de onde tinham chegado a esta galeria. Desembocava poucos metros à frente sobre um lajeado perpendicular, que acompanhava uma parede de pedras de basalto⁸ sobrepostas, formando um corredor com uma saída de cada lado. Chico e Norró olharam um para o outro, indecisos. A cor da pedra do chão do lado direito era mais clara progressivamente até quase chegar a um branco encardido enquanto para o lado esquerdo ia escurecendo até um preto baço. Além disso, o corredor tinha uma luminosidade estranha, reparando então que com tons de laranja e vermelho para a esquerda e de violeta e azul para a direita. Mas que poderia querer isso dizer? Nada, concluíram, ao cabo de uns minutos, esfregando, várias vezes, as cabeças. Não se decidiam mesmo... Mas tinham de continuar, isso sabiam, mas não por onde.

- Vamos pela direita, que não somos canhotos e a direita é a melhor mão e os santos ficam à direita de deus... - Disse o Chico, com ar de sabedor.

- Não, vamos pela esquerda, porque tudo o que disseste está certo e pode ser uma armadilha! – Contrapôs o Norró, num rasgo de inteligência.

Vamos escolher nós... pela direita III-A e pela esquerda III-B

III – A

Resolveram ir pela direita, com o lajeado a ficar mais claro e a luminosidade com tons de violeta e azul. Entraram pela abertura em semicírculo, percorrendo um túnel curto, com as paredes forradas de musgo mesclado de cremes e amarelos, que desembocava numa galeria redonda com uma abóbada azul celestial irradiando uma luz semelhante à do sol. Ao fundo, à distância de algumas dezenas de degraus, largos e em espiral, uma espécie de praia com areia e um mar também azul, mas mais escuro que o do céu da galeria. Na praia, seis mulheres esbeltas, lindas como nunca haviam visto, nem nas revistas e calendários da tasca do Clarimundo.

Pararam ainda no começo da descida, olhando extasiados, dando graças à Sorte que lhes indicara a saída para a felicidade. À medida que desciam viam os seios nus, fruto proibido e agora prometido, mas... eram algo estranhas da cintura para baixo. A aproximação revelou-as como meio mulheres meio peixes ou sereias, lembrando uma conversa ouvida e uma foto numa revista da tasca.

Elas chamavam por eles num linguajar desconhecido, gesticulando com os braços e abanando a cauda. Deslocavam-se pela areia de uma maneira peculiar, ondulando da cintura para baixo e firmando-se nos braços. Chico e Norró começaram a ver alguns pormenores. Cobertas de escamas em metade do corpo, o restante que, ao longe parecia pele de mulher, era uma camada fina e rosada semelhante também ao de um peixe, com uma ou outra pequena escama, como um sinal castanho ou avermelhado.

Chico e Norró pararam no penúltimo degrau da escada, numa grande arengada.

- Como vamos fazer com estas mulher, ou peixe ou lá o que seja e com tantas ao mesmo tempo? – Questionou Chico.

- Sei lá. Com a Clotilde fanhosa, que ia ter connosco a casa, sempre com os copos, era fácil. Apesar de cheirar mal tinha pernas... e estas... sei lá homem! – Lamentou o Norró.

- E como sabemos que são fêmeas e não machos? – Lembrou-se o Chico.

- Pois, tem mais essa...

A conversa ficou por aqui, porque as sereias, erguidas sobre as caudas, puxaram-nos para a areia e, sem lhe darem qualquer satisfação, começaram a retirar-lhes a mochila e a roupa, peça a peça. As lamparinas já se haviam quebrado e apagado nos últimos degraus da escada. As sereias contemplaram, por momentos, aqueles humanos, despidos como vieram ao mundo – talvez

não muito estranhos para elas -, arrastando-os no meio do grupo para o mar. Numa grande algazarra, o festim parece ter-se consumado debaixo de água.

Ninguém poderia contar o que aconteceu – talvez apenas se possa imaginar -, o certo é que as cabeças do Chico e do Norró vieram à superfície umas quantas vezes, com algas enroladas nos cabelos, ouvindo-se gritos roucos e cansados, e... após uns minutos, nunca mais deram sinal de vida. Nem eles nem as sereias.

Para onde foram, que lhes aconteceu? A galeria escureceu aos poucos e o mar e a areia fundiram-se na noite dos sonhos.

[Se calhar, deveriam ter optado pela outra porta. Coisas do destino.]

III-B

Resolveram ir pela esquerda, com o lajeado a ficar mais escuro e a luminosidade com tons de laranja e vermelho. Entraram pela abertura em semicírculo, percorrendo um túnel curto, com as paredes forradas de musgo mesclado de amarelos e castanhos vivos, que desembocava numa galeria estreita, ascendente. Uma escada íngreme, talhada na parede do lado esquerdo, subia a perder de vista. Ouviam-se frequentes ruídos, acompanhadas de clarões que cegavam os aventureiros. No entretanto, uma chuva de faíscas caía, como gotas de fogo-de-artifício pela penumbra da galeria.

Cada vez mais intrigados, Chico e Norró subiam temerosos, receando o que pudessem encontrar. Já com algumas centenas de degraus sob as botas, começaram a sentir um calor cada vez mais intenso, como mais intensos eram os ruídos e os clarões. Queriam, mas não podiam parar. Impelia-os algo incontrollável. Sentiam que a vida perigava, que a morte os chamava, mas não podiam deixar de subir, subir sempre. Até se esquecerem de que as pernas estavam quase adormecidas e do calor que já os fizera despir os casacos e arrastar as mochilas. Pouco importavam já os ruídos e clarões. O corpo estava amolecido, humedecido pelo suor, a cabeça vazia. Andavam como autómatos.

A galeria abria agora num patamar superior, alargando sem fim à vista. Fogos nasciam, intermitentes, do chão, molhado de um vermelho escuro, ensanguentado, aqui e ali matizado de tufos que pareciam de pelos ou de cabelos. Com os olhos esbugalhados começaram, através de uma grande fumarada, a descortinar o que pareciam porcos dependurados, abertos de cima abaixo. As vísceras, com exceção do coração, estavam amontoadas de lado, formando montes nojentos que exalavam um cheiro nauseabundo. As chamas das fogueiras tostavam cada animal, aumentadas momentaneamente com o

sopro de uma estrutura parecida com um fole, que emitia uma espécie de rugido surdo. Assim se explicavam os clarões e os ruídos ouvidos durante a subida.

Seres estranhos, que pareciam com chimpanzés⁹, mas com grandes chifres e dentes salientes, andavam de um lado para o outro, com grandes facas¹⁰, cortando as partes assadas e levando-as para um compartimento ao lado, donde vinha uma grande algazarra. Descobertos, Chico e Norró foram conduzidos a uma clareira onde uma dúzia de chimpanzés estavam à roda de uma mesa de pedra enorme, sobre a qual duas fêmeas - a avaliar pelas mamas que caíam até às enormes barrigas - dançavam. Foram mandos sentar, pondo-lhes à frente dois bocados de pernil, meio queimados, e uma mistela alcoólica, escura e com vago sabor a inhame¹¹, mas que lhes souberam como uma refeição principesca.

A princípio haviam pensado que iam acabar como os porcos, mas agora achavam os anfitriões, tirando o facto de serem esquisitos e feios, hospitaleiros e simpáticos, comendo e bebendo sofregamente. Chico e Norró ofereceram o seu vinho e a sua aguardente, o que animou ainda mais a comezaina. As dançarinas foram as primeiras a experimentar o vinho, deixando parte escorrer pelo corpo, o que levou a assistência ao delírio. Depois enrolaram uns cigarros que foram acendendo e oferecendo, exemplificando como se usavam. Os chimpanzés tossiam e atiravam o fumo na cara uns dos outros, divertidos, já embriagados. Dando murros tremendos na pedra, que faziam estremecer a mesa. As lamparinas eram objeto de curiosidades nas suas mãos, que exploravam também todos os objetos das mochilas, como relíquias que disputavam entre eles.

A dada altura, o que parecia o chefe - um de barbicha branca e comprida, com os olhos avermelhados -, chamou as bailarinas e deu-lhe uma ordem qualquer. Estas, de imediato, saltaram da mesa e pegaram no Chico e no Norró, levando-os ao colo, perante a gritaria e urros dos outros chimpanzés. Desceram por uma escada em várias voltas, até uma pequena câmara coberta de folhas e palha. Atiraram-nos para o chão e retiraram-lhes a roupa, rasgando-a aos pedaços. Ainda se ouviram as vozes de Chico e Norró:

- Vai esmagar-me, salva-me!
- Eu, eu...

Quase desmaiados ao cheiro do cio, intenso e insuportável... Depois de abusados... Uma abertura ao fundo, onde os olhos de ambos se fixaram e que parecia comunicar diretamente com o piso superior, levou-os à noite dos últimos sonhos.

[Se calhar, deveriam ter optado pela outra porta. Coisas do destino.]

IV

Lá por cima continuou tudo na mesma. O desaparecimento do Chico e do Norró foi tema de conversa durante várias semanas. Uns diziam que tinham ido para outra ilha, outros que se tinham metido num barco, escondido algures na costa, a caminho das Américas. Só a Clotilde fanhosa, e apenas quando encharcada em aguardente, dizia que tinham ido para a Boca do Inferno e por lá ficado.

Passadas poucos meses, um terramoto sacudiu fortemente toda a ilha, provocando estragos graves e vultosos. A caverna da Boca do Inferno desapareceu, engolida por si mesma. No local, ainda rochoso, cresceram faias, com os troncos retorcidos, que cobrem já toda a zona da caverna e os terrenos circundantes. A caverna da Boca do Inferno caiu no esquecimento.

1 - *Datura stramonium*, vulgarmente designada como trombeta, trombeteira, estramónio, figueira-do-demo, figueira-brava e zabumba, é uma erva ereta anual, em média com 30 a 150 cm de altura. As folhas são grandes, 7 a 20 cm e tem dentes irregulares, semelhante às folhas de carvalho. Suas flores apresentam uma das características mais distintivas da *Datura stramonium*: elas possuem formas de trombetas, cores que vão de branco para púrpura, com tamanho de 5 a 17,5 cm, sendo, entretanto, constantemente confundidas com lírios. As flores têm a mesma fragrância da planta *Mirabilis jalapa* e a fruta tem forma oval e é coberta de espinhos; é dividida em quatro câmaras, cada uma delas com dúzias de sementes de cor negra e pequenas. Toda parte da planta emite um odor fétido quando esmagada ou apertada. [WIKIPÉDIA].

2 - Eles próprios haviam interiorizado a alcunha, como quem aceita, por exaustão, o batismo involuntário.

3 - Merenda, pequena refeição ligeira – [PRIBERAM Dicionário].

4 - Espiga de milho. [PRIBERAM Dicionário].

5 - Estalactites e estalagmites são o que conhecemos como espeleotemas, ou depósitos de

minerais que formam as estruturas da caverna e revestem seu interior. As estalactites são as formações que se originam do teto das cavernas, como pingentes de gelo, enquanto as estalagmites dão a impressão de que estão saindo do chão e se assemelham a cones. Algumas podem levar milhares de anos para se formar, enquanto outras podem crescer rapidamente. Às vezes, as duas formações também são chamadas de gotejamento. [WIKIPÉDIA].

6 – A bioluminescência é uma palavra híbrida, proveniente do grego bios, que sia "vida", e do latim lumen, que significa "luz" e é a produção e emissão de luz por um organismo vivo. Trata-se de uma forma de ocorrência natural de quimioluminescência, em que a energia resultante de uma reação química é lançada sob a forma de emissão de luz. Muitas criaturas, como os pirilampos (português europeu) ou vaga-lumes (português brasileiro), produzem luciferina (um pigmento), que reage com o oxigênio para criar luz, e luciferase (uma enzima), que age como catalisadora da reação, para a acelerar. A reação é por vezes mediada por cofatores, como iões de cálcio ou ATP. A reação química pode ocorrer tanto no interior como no exterior das células. [WIKIPÉDIA].

7 - Morfeu (do grego Μορφεύς) é o deus grego do sono e dos sonhos. Morfeu tem a habilidade de assumir qualquer forma humana e aparecer nos sonhos das pessoas como se fosse a pessoa amada por aquele determinado indivíduo. Seu pai é o deus Hipnos, do sono. Os filhos de Hipnos, os Oneiros, são personificações de sonhos, sendo eles Ícelo e Fântaso. Morfeu foi mencionado na obra Metamorfoses de Ovídio como um deus vivendo numa cama feita de ébano numa escura caverna decorada como flores. A droga morfina tem seu nome derivado de Morfeu, visto que ela propicia ao usuário sonolência e efeitos análogos aos sonhos. Quando uma pessoa augura: vá para os braços de Morfeu, sugere dormir bem. [WIKIPÉDIA].

8 – A palavra “basalto” é de origem latina, cujo termo “basalte” tem sentido referente à rocha vulcânica. É proveniente de rocha vulcânica e, em estudos geológicos, é detetada pela sua cor escura, dureza e resistência, fatores que a fazem ser utilizada na pavimentação de ruas e estradas. Por ser uma pedra de origem vulcânica, é produzida em erupções que ocorrem nas dorsais meso-oceânicas (que dão origem à tectônica de placas); derrames que formaram os platôs continentais; e em erupções menores como as que ocorrem nalguns arquipélagos. [WIKIPÉDIA].

9 - Chimpanzé (*Pan troglodytes*) é um primata que faz parte da família Hominidae, possuindo uma semelhança genética de mais de 99% com os humanos. De acordo com o seu sexo, a espécie pode atingir até 1,70 metros de altura e pesar até 100 kg. A sua negra coloração modifica-se conforme uma idade mais avançada, para uma cor acizentada. Os Chimpanzés vivem em grupos que podem variar de cinco até mais de cem indivíduos, aquando no seu estado natural. Contudo, as fêmeas possuem hábitos mais solitários, passando a maior parte do tempo sozinhas. Nestes grupos os machos são dominantes sobre as fêmeas, assim como sobre os machos mais jovens. São animais de hábitos diurnos, terrestres e arborícolas. Costumam-se locomover pelo solo, no entanto tem preferência a se alimentarem sobre as árvores, durante o dia. Estes são primatas quadrúpedes locomovem-se utilizando os pés e as mãos,

simultaneamente, para andar e correr, além de serem capazes de escalar, pular e ficarem suspensos. Além disso, ocasionalmente, podem se movimentar de forma bípede, tal como os humanos. Geograficamente estão distribuídos nas florestas e matas secas de savana, e nas florestas tropicais de áreas baixas até áreas montanhosas, superiores a 3000 metros de altitude, na região central do continente africano. Os chimpanzés possuem uma alimentação bem variada, sendo as frutas o principal alimento de sua dieta, porém também consomem folhas, flores, sementes e, ainda, pequenos animais, como alguns pássaros, formigas, cupins, vespas e algumas larvas. [WIKIPÉDIA].

10 - Chico e Norró tinham ouvido falar do desaparecimento de vários porcos ao redor da ilha, como se a terra os tivesse tragado, já que nunca haviam encontrado rasto de quaisquer ladrões. E também, ainda há poucos dias, o patrão atual tinha-se queixado de que lhe havia desaparecido uma faca de desmanchar porcos, como por artes mágicas.

11 - A palavra "inhame" é utilizada para designar plantas de vários géneros que produzem tubérculos ou cormos comestíveis. A confusão deve-se ao facto de que estes tubérculos ou cormos são preparados na culinária de modo semelhante. Há uma confusão de nomes populares das plantas do género *Dioscorea* nas regiões sudeste e nordeste do Brasil. No nordeste do Brasil, os tubérculos produzidos pela *Dioscorea* spp. são chamados de inhame enquanto os cormos comestíveis produzidos pela *Alocasia* e a *Xanthosoma* (ambos da família *Araceae*) são chamados de cará. Em sentido oposto, no sudeste do Brasil, os tubérculos produzidos pela *Dioscorea* spp, são comumente chamados de cará, enquanto os cormos comestíveis *Alocasia* e a *Xanthosoma* são chamados de inhame. Nos Açores, chama-se de inhame (ou coco, na ilha de São Jorge), o taro (*Colocasia esculenta*), que é extensamente cultivado nestas ilhas. Daí que o taro também seja chamado de inhame-coco ou inhame-dos-açores. [WIKIPÉDIA].

Viandante

Certo dia um viandante, vindo do fundo do nada – alma esvaziada, corpo cansado -, sentou-se num largo toco de árvore recentemente cortada.

Esverdeado de pele, escamada, vertia gotículas mornas, de um suor pegajoso e persistente. O ar rasgava-lhe as narinas, pesando-lhe nos pulmões. Os lábios, carnudos e gretados, entreabriram-se deixando transparecer um sorriso triste e derrotado.

O inimigo vencera-o. Por lhe ter aberto o peito, lancetando-o, vezes sem conta, de surpresas e espantos. Ele apenas tinha sido mais persistente. Há seres assim. Uns que existem para viver a vida dos outros, alimentando-se da sua satisfação e prazer de viver. E há também os que gostam de viver, de sentir, de entranhar-se em cada pedaço, em cada bocado da felicidade efémera, mas que somados fazem a vida inteira, que cola ao corpo e cujo cheiro não despega.

O viandante deitou-se sobre o círculo nodoso do toco de árvore. As suas vestes e, depois, o seu corpo foram-se dissolvendo por entre os veios e ranhuras da madeira, desaparecendo como seiva ou, simplesmente, como um resto de nada.

E enquanto se aninhava nas raízes e na terra-mãe, sorria. Começara o novo ciclo da vida – o da árvore e da sua reencarnação.

Quero viajar dentro de mim. Percorrer caminhos já trilhados. Recriar os vórtices que sugam para o sonho, para um ponto negro no espaço vazio ou, simplesmente, para o abismo do arco-íris e nos trazem de volta à realidade, inteiros, mais definidos, melhores ou piores. Crescidos, de antinomias, de generalidades especializadas em envolver o nada, embrulhado num lauto banquete de tudo, deslumbrante, sensual, cativante. Nada e todos, feitos de pequenos nadas.

Um cume, topo da montanha mais alta da Atlântida, definindo como maminha. O seio, imaginário, origem, alimento, força e razão, sexo, carícia, alegria e tristeza. Aprontando o céu, despontando o Sol, cobrindo-se de branco imaculado de beleza e solidão, mágico em inexistir na densa floresta das nuvens que tudo escondem, ora em serenos cinzentos devassos ora em negrumes abruptos e prenhas de dilúvios que escorrem em lágrimas grossas pelas ribeiras já cavadas ou abertas pela fúria das águas.

O mar, doce e melancólico, manso e rebelde, anjo e diabo. Lambendo e rosnando como um rafeiro. Violando a terra em rugidos intermitentes. E a terra também treme, esventrando-se, em ondas de medo, mostrando que vive, que sofre, e expelle lava, quente, feita em bocados, que os homens sobrepõem em muros, que acalentam videiras, património da Humanidade. E da vinha sai o suco de nós. O melhor de nós. Colhidas pelas mãos calejadas ou macias dos iniciantes, as uvas fazem nascer o vinho doce, que há de fermentar e amadurecer em verdejo nas pipas de madeira. São as forças da Natureza. Homens e mulheres, unidos num destino quase solene que vem das profundezas do mar. Porque do mar nasce a terra.

Aí regresso, viajando continuamente, nas memórias, nas minhas próprias entranhas de lava solidificada. E volto reconfortado, pelas raízes que me marcam, que estimulam, que são o que sou. A pedra onde fui gravando a vida. E a viagem, no fundo, sempre foi feita de ilhas, de momentos, de bocados, ora soltos ora colados para fazerem algum sentido. O sentido que a vida deve ter para ser vivida. Para ser possível viajá-la, como quem visita lugares, países ou simplesmente a terra onde sempre viveu. E, em cada regresso, retoma o fio da meada, do elo, quase perdido, do ser, do sentido de existir.

Foi uma viagem já longa. Muitos caminhos percorridos. Os pés cansados de calcorrear subidas íngremes, descidas escorregadias. Vivi nesse equilíbrio da inquietação. E gostei sempre de viver assim. Usando das forças que entroncam

nos caçadores de baleias, feitos agora museu. Como eu, que me exponho em peças soltas. Por isso me afoito nesta viagem quase fútil, mas que é a minha, a minha viagem de sonho e de vida. Muito ficou por viver – e só disso me arrependo. Soubera hoje quão importante são os pequenos bocados e tê-los-ia vivido ainda mais intensamente. Ou, degustando o sabor dos momentos breves, torná-los-ia em eternidades - aqueles que deixam a marca indelével dos grandes feitos na pele. Como tatuagens a preto ou azul desbotado de tinta permanente. Incómodos, raramente, mas presentes. Visíveis a todos. “Aquele foi o tal que fez...”.

Nada que importasse ao Mundo, mas ao meu mundo. É neste que vivo e quero continuar a viver. Autista? Um pouco, talvez. Mas interajo e partilho. Embora, muitas vezes, me fique o sabor amargo da perda do tempo e de mim próprio. Nem sempre se pode ser seletivo ao ponto de cumprir com precisão os objetivos que, no íntimo, gostaríamos de atingir para satisfação pessoal. É como me sinto bem, aliás. Observado, compondo o passo e a passada, deambulado, esgueirando-me por entre as gentes anónimas e os pisos esburacados, tropeçando nas pedras soltas, vociferando contra o poder. Os responsáveis pelas pedras, pelas gentes desvalidas, fechadas, amorfas e por toda a agitação desarticulada - bonecos de Santo Aleixo, ou das feiras mais baratas. Venais, vulgares, padronizadas. É a agitação que odeio – porque não odeio ninguém -, que me incomoda. Mas eles são os que não quero que viajem comigo.

Porque tenho viajado num barco grande, mas parco em tripulação. O comandante tem governado o navio como um prolongamento do mar. E nele encontrei desafio e refúgio e também solidão. Fizemos a rota das Índias e do Japão, refugiando-nos em Macau nas monções, e na torna viagem trouxemos de quase tudo: sedas, especiarias e, pelo caminho, até escravos. E as escravas nem direito tiveram ao convés. Ali mesmo, na frente de todos, violadas por trás, fedendo ao cheiro horrível do vômito e do escorbuto. A condição humana suspensa nas pregas dos hábitos de mil frades que espalhavam a fé e justificavam a bestialidade. Disso já só encontrei imaginário e ruínas, por sinal de uma igreja de S. Paulo, várias vezes ardida. Nem consegui imaginar os prantos, a vergonha, os açoites, o uso da força bruta. O comércio, sobretudo com o Japão e a China. O começo da globalização, de que fomos pioneiros e, hoje, quase meros espetadores. A viagem ao passado distante das Descobertas que, queira ou não, também é minha. Raiz, terço, crónica, pintura e até epopeia. Já tardia, mas o mais belo poema de todos. Camões, no panteão de Homero e Virgílio, de outras viagens mais antigas ainda. Sou eu, somos nós, herdeiros desses versos, dessas aventuras.

Não dei a volta ao Mundo, muitos menos em oitenta dias, nem fui ao centro

da Terra, mas viajo agora por ela, em segundos, sem sair do conforto da minha cadeira ergonômica, já sem pensar que isso levaria anos e quase sem retorno. O nosso Fernão de Magalhães, com razão, mas só provada depois do seu fim em Cebu, Filipinas, por onde também andei quatrocentos e setenta anos mais tarde, em calção de turista. Ao centro da Terra não foi ninguém ainda. Só a imaginação de Júlio Verne o conseguiu. Mas fomos à Lua. E eu vi os esboços, os escritos do seu punho em Nante e com ele viajei também, numa coleção prodigiosa de criatividade e espanto. Viajamos no espaço, ainda em querer e vontade de compreender o Universo, antecipando cenários de horror ou de sonho, firmando o saber de galáxias, estrelas, planetas, perscrutando o infinito, teorizando os buracos negros, o Big Bang – a explosão inicial que explica tudo e nada. Porque nunca se sabe a origem. E se descoberta, na nossa mente, teve de haver uma mãe ou um pai ou um criador qualquer e estes gerados por alguma coisa e, assim, indefinidamente. Por isso viajo questionando. Daí o meu agnosticismo militante, como digo. Porque não se limita a esquecer o teorema da existência de um Deus – cujo único axioma é a fé -, mas tenta compreender porque ainda estou aqui a viajar, sobre a terra, perdido no meio de um Universo que ninguém conhece os contornos. Os limites, o princípio e o fim. É a viagem de que mais gosto, porque nunca sei onde começa, se esgota ou quando possa acabar.

Viajar dentro de nós é também viajar por nós, prolongamento dos nossos ancestrais, desde a caverna até ao espaço ainda inexplorado. Somos todo esse repositório de memórias e arquivos alimentados pelo saber das pequenas e grandes descobertas. Das experiências, das teorias, das reservas mentais – também com espaço -, e até da ignorância ostensiva e reacionária. O conhecimento pouco mudou o homem interiormente. O comportamento exterior pauta-se cada vez mais pelo marketing e pelos Media - e, mais recentemente, pelas redes sociais -, criando superfluidade, padronizando, aplicando conceitos invertidos, em que a economia e as finanças deixam de estar ao serviço do homem para serem um fim em si mesmas. Para os monopólios, para os lóbis, que dominam, ditam regras, põem e desfazem governos. O cidadão é um mero legitimador do poder político com uma cruz num boletim de voto viciado na sua essência. Não existe já democracia – no seu sentido de vivência -, mas uma tolerância das liberdades fundamentais, dentro dos limites de uma pseudo-decência normalizada, que nunca pode colocar em causa os fundamentos do poder sombra. Não quero embarcar nesta viagem, mas sou empurrado, como milhões de outros, subconscientemente, discutindo inutilidades, arrebanhado como as ovelhas no pasto, acreditando que enquanto

houver comida são felizes. Os cães que vigiam o rebanho são já quase meros espetadores, limitando-se a encostar o focinho, fazendo voltar a ovelha tresmalhada ao rebanho. A notícia do animal imolado, porque seguiu outro carreiro, é suficiente para manter a coesão e a disciplina que se impõem. O sofrimento é individual.

Viajar por mim e pelo que sou feito não é fácil. De acertar num desacerto que regula e descomanda a vida. O maior mistério mesmo é o de constatar que, sabendo já tanto, não tenhamos mudado quase nada. Ou mudámos algumas coisas para pior. O individualismo é perigoso, porque desumaniza. A padronização pacífica mas torna-nos fúteis e patéticos. Não cria, desconstrói. Não acrescenta, faz regredir. Falta saber ser cidadão, usar em proveito próprio, mas também para o coletivo, a tecnologia que evolui a cada segundo. É preciso mudar hábitos e comportamentos. A Escola tem de ser readaptada. Ensinar os filhos, mas sobretudo os pais de novos filhos. O Mundo mudou exteriormente, mas continua confinado a uma cultura de mediocridade e, em muitos casos, de autêntica castração dos valores mais básicos. A evolução da Humanidade faz-se, cada vez mais, em tempos e escalas diferentes. Cavando fossos. Deixando vítimas por todo o lado, mesmo nos países ditos civilizados. É uma viagem cada vez mais sombria e repleta de perigos desconhecidos. Nada é já adquirido ou seguro.

A minha viagem de sonho envolve tudo isso. É assim uma espécie de ficção científica, cimentada no presente. Porque, como simples mortal, apesar de bem informado, não sou capaz de criar cenários para além do cerco imposto à minha imaginação. Sonho apenas que percorro todo o espaço da Via Láctea e para além dela, conhecendo novas galáxias, ficando uns dias em cada planeta habitável, num hotel onde tudo funciona apenas com a mente, onde não é necessário saber qualquer idioma, no conforto de um restaurante, de uma piscina, de uma cama com dossel estrelado, sem horários nem obrigações. Entrando na minha nave e continuando sempre, sem barreiras alfandegárias, sem trânsito caótico e gente impertinente que, por não ter vida própria, vinga-se tornando a dos outros num inferno. E viajo sempre, por tudo isto, acompanhado por Ela – a minha deusa -, com quem partilho cada palavra, cada toque de pele, cada beijo apaixonado, cada olhar cúmplice. E com quem faço amor em cada momento, sempre que a vontade nos incendeia em vulcão e nos queima com a sua lava incandescente.

E eis como, descontando um pouco de imaginação, permaneço na velha Terra, onde habito.

A Caçada

- Aiéee... (Bump... Bump...) Aiéee... Fui ao Pico e piquei-me / Piquei-me lá num silvado / Ao Pico não volto mais / Sem o Pico ser mondado / Ó Pico, Pico das silvas / Ó Faial, Faial das canas / Ó Pico tu não me logras / Ó Faial, tu não me enganas...

- Porra, com esse vozeirão espantas os coelhos.

- E tu, a cada passo, provocas um tremor de terra, com essas botas velhas da tropa.

- Relíquias de bons tempos...

- Da guerra?

- Sim, da guerra.

- Como podes dizer isso? Matar alguém dá algum gozo?

- Podes crer que sim. Começamos por matar, para não sermos mortos. Mas acabamos por gostar de matar.

- Homem, tens ideia do que acabas de dizer?

- Tenho. Para mim é normal. Para ti, devo ser um monstro, um gajo frio e sem coração. E tens razão, sou. Foi para isso que me treinaram. Para matar e não sentir remorsos.

- Eu sei que não eras nem és assim. Na verdade, mudaram-te, mudaram-nos. Matar logo ou mais devagar vem a dar no mesmo. Até acho que é mais honesto matar logo, numa guerra com inimigos visíveis ou que se podem identificar, do que ir deixando morrer aos poucos, como nos fazem agora, carentes de tudo.

- Olha um coelho! Porra, fugiu. Falas demais... A vida resume-se a isso: matar ou morrer. Depressa ou devagar, tanto faz. Só sobrevive o mais forte. Tudo o resto é treta. E não me fales mais da guerra porque não te vou responder.

Porque temos de matar para não morrer? Em sentido real ou figurado. A vida em sociedade é assim tão cruel? Apesar das aparências é uma guerra de batalhas sem tréguas, de lutas com propósitos definidos. Objetivos de conquista económica, de riqueza pessoal e de poder? Jogos tribais de domínio, de satisfação individual, de simples prazer, de concretização de meros fetiches? A artificialização dos desejos, em imitação barata ou a crédito e aparência fabricada, por vezes auto convincente? A fama efémera, a expectativa exorbitada e a queda vertiginosa dos saltos de sapato que promoveram mas apressaram a morte quase súbita e não declarada?

Olhando de frente o mar, sentados algures sobre um muro de pedras

irregulares de lava, sob a majestosa montanha do Pico, adivinhando os contornos do Faial, envolto num manto de chuva miudinha, Manuel Pereira e Aldino Quitério, na mornaça das noites de verão, sentiram-se em paz.

Um coelho... e outro...e outro ainda saíram das leiras e roeram as ervas tenras e orvalhadas, ignorando a presença dos caçadores e a luz das lanternas elétricas. Os olhos pareciam saltar das órbitas, alaranjados, luzidios.

- Vais atirar?
- Eu não e tu?
- Não. Olha...
- Estão a brincar.

E riram ambos, feitos cúmplices do universo das coisas simples, por isso belas. Continuaram a andar, em silêncio. Manuel Pereira um pouco agastado com Aldino Quitério, mas, no fundo, entendia que não gostasse de falar da guerra do Ultramar, como lhe chamavam.

Manuel não fora alistado, apesar de nunca se saber bem porquê. Parece que os pais nunca o tinham registado ou o registo ter-se-ia perdido. Como nunca fora à escola nem ninguém se incomodou com isso. Foi passando o seu tempo entre a agricultura e a caça à baleia. Forte e musculado como um touro, todos achavam um mistério que não tivesse feito a tropa. Mas, respeitado e fazendo-se respeitar, ninguém se atrevia a colocar em causa a sua bravura e dedicação à pátria, fosse lá o que isso fosse. Talvez aquela tatuagem que os que regressavam traziam no braço: “Amor de Mãe”. “Mátia”, mesmo num universo de pretensão Império, era palavra inexistente no léxico das gentes que pensa mais com o corpo do que com a cabeça, donde tal facto era mera conjectura de ocasião, que durava o tempo do “emborcанço” de uma aguardente ao final da tarde.

Aldino tinha demónios na cabeça, como dizia. Depois do regresso do Ultramar, encostava-se às paredes interiores, lívido, ou atirava-se para a sombra de um muro, estendido ao comprido, sempre que se ouvia o foguete a anunciar a presença de baleia, ficando a tremer, como varas verdes, durante uns bons minutos. Festas nem a sonhar. O barulho das gentes, da Filarmónica e, sobretudo, dos foguetes e fogo-de-artifício proibiam-no dessas diversões ansiadas pelos comuns mortais. A ânsia dele era esquecer os pesadelos que lhe povoavam a mente, sobretudo ao longo das noites. Remexia-se ensandecido na cama, gritava ordens e palavrões, acordava de supetão e sentava-se, febril e escorrendo em suores frios. Pertencera a uma tropa de elite, bem treinado para

enfrentar o inimigo e todas as provações possíveis e imagináveis. Mas não lhe falaram do trauma pós-guerra, da perda de controlo, nas emboscadas que se apoderavam da cabeça, com turras a atacar, furiosos, olhos esbugalhados refletindo o luar da savana, e os corpos dos companheiros contorcendo-se, decepados por minas e pelas catanas, gritando pela mãe, pela namorada, por “áuga”, com as bocas ressequidas, as gargantas resfolegando sangue e ração de combate.

- Pára, ali à frente... - Fez notar Aldino a Manuel, em surdina.
- Vamos disparar!

Dois disparos, mas nenhum coelho atingido. Ambos riram. Sentaram-se, de novo, agora numa clareira, a merendar. Linguiça e bolo de milho. Depois umas maçãs, ainda meio verdes, mas já comestíveis. Acompanhados com um tinto de fabrico caseiro, chocalhado nas cabaças. Tudo aconchegado nas mochilas a tiracolo.

Manuel vivia em pecado, diziam as mulheres da aldeia. Não era casado e já tinha um filho de meses. Coisas tecidas na adega perto do porto. Ela enfeitiçara o bom homem. Manuel sabia desses mexericos e, por uma vez, apenas por uma vez, condescendera em responder que não se preocupassem porque estava perfeitamente no seu juízo e vivia com quem quisesse e como lhe apetecesse e ninguém tinha nada a ver com isso. Também nunca mais lhe perguntaram coisa alguma ou tiveram coragem de comentar, nem que, indiretamente, fosse o que fosse. Nem os companheiros do bote de caça à baleia. “- Com o Manuel é melhor não brincar, quanto mais provocar. - Dissera o Abílio, vizinho, que tinha já experimentado a manápula do baleeiro, em tempos idos.

Aldino vivia com a única irmã. Na casa térrea dos pais. Herança de ambos, que por ali foram ficando. Ela pouco dada a namoros, ele sabendo que nunca seria feliz no casamento. Mulher para ele era para a lide da casa e da roupa e para o satisfazer no sexo. De resto, dormir na mesma cama não estava nos seus planos, até porque possuído por tantos demónios e outras tantas memórias deprimentes nenhuma mulher seria feliz ao seu lado. De quando em vez ia até à vila, à casa das putas e por lá satisfazia as necessidades mais prementes. Até que um dia deixou de aparecer. A puta mais habitual, desolada com a perda de um bom cliente, a quem já tinha um certo apego, como dizia, lamentou-se, deixando no ar uma afirmação misteriosa: “Pois, entendo...”. E mais não disse, para desespero de todas.

Manuel e Aldino fecharam as mochilas, prosseguindo. A noite engrossara. Sem Lua e com as estrelas esbatidas quase não viam onde colocavam os pés. Um vento crescente enregelava-os. A ameaça de chuva era eminente. Decidiram, sensatamente, acabar por ali a caçada e voltar para casa. Desceram apressadamente até à aldeia, por atalhos, estreitos e abundantes de silvas, que lhe iam rasgando as samarras compridas. Despediram-se como dois irmãos. Era o que eram, afinal. Únicos amigos no meio de uma pequena multidão que os tolerava mas não acolhia. Na verdade, pouco se importavam com isso. A sua amizade tinha-se cimentado na ausência e na diferença, aceitando-se mutuamente.

Manuel encontrou o filho e a mulher já adormecidos. Despiu a roupa de caça e vestiu umas ceroulas, lavou-se e deitou-se com todos os cuidados, não fosse acordar a mulher. Ainda olhou para ela de soslaio. Pareceu-lhe mais bonita do que sempre. A tempestade desabou, ouvindo-se o telhado de madeira ranger e as telhas tremendo sob fortes rajadas de vento. Ela voltou-se abraçando-o, como que a proteger-se no corpo forte que amava. Ele, embevecido, pensou que um dia tinha de lhe propor casamento.

Aldino encontrou a irmã ainda à lareira tricotando. Adivinhando a tempestade, deixara-se ficar, temerosa. Não reagiu à chegada dele, disfarçando a preocupação. Aldino aproximou-se, por detrás, colocou-lhe uma mão no ombro e beijou-lhe os cabelos. Ela puxou-lhe a mão, beijando-a e colocando-a sobre os seios. Erguendo-se, abraçou-o, colando-se ao corpo do irmão, beijando-o sofregamente na boca. O desejo acendeu-se e incendiou os corpos. Incesto. Mas amor verdadeiro. Sempre se haviam olhado e sentido para além dos laços familiares. Mas tudo começara mais de um ano após o regresso de Aldino da guerra. Acordara suado, numa tremedeira incontrollada. A irmã viera a correr acudir-lhe. A roupa da cama tinha sido atirada para o chão. Ela viu o buraco das ceroulas meio aberto, com o pénis saindo, suado e intumescido. Sentou-se ao lado do irmão, abraçando-o e repousando a cabeça no seu peito. Sob a camisa de dormir sentiu uma humidade repentina entre as pernas, que lhe escorria em abundância, inundando-a como o suor ao irmão. Atónitos mas tomados pelo desejo, percebendo que há muito os corpos o reclamavam, deixaram-se sucumbir na viagem dos sentidos e do prazer contidos e asfixiados pela moral.

Manuel e Aldino, homens rudes, forjados na segregação e nas agruras do mar e no rugido das tempestades e das entranhas da terra, eram felizes assim mesmo, lúcidos e senhores do seu destino.

O Rapaz Quadrado

Era uma vez um rapaz que havia nascido muito pequenino, com menos de trinta centímetros.

Filho de pais de estatura normal, ninguém era capaz de entender e muito menos de explicar porque o rapaz também não medrava como todas as outras crianças. Quando chegou o momento de entrar na escola, os pais ainda pensaram em escondê-lo, mas já toda a vizinhança falava do anãozinho.

E era sabido e certo que os inspetores do Ministério da Educação o iriam encontrar, por melhor que estivesse escondido, e aplicar aos pais uma pesada multa. E até podia acontecer que, no seu alto critério de decisão, amarrassem o pai e ou a mãe, durante um dia inteiro, no pelourinho da aldeia. Para mostrar a todos que a educação era um bem supremo que não podia ser descuidado nem pelo mais humilde aldeão.

Claro que o Ministério providenciava tudo. Transporte, três refeições por dia e professores experientes, alguns com cinquenta ou mais anos de ensino e que andavam com uma bengala de vime entrelaçado, endurecido em lume brando, que servia para se apoiarem e, sempre que necessário, manter os alunos na ordem das sacrossantas regras da disciplina e boa educação e dos valores básicos da coesão comunitária. As instalações, modernas e funcionais, estavam apetrechadas com todo o equipamento de ponta necessário à aprendizagem e aos tempos de desporto e lazer. A imaginação, razoável, era o princípio e o limite de tudo.

Só não havia maneira de fazer crescer uma criança que teimava em não acompanhar a natureza. As árvores e as plantas medravam e afirmavam-se por toda a parte, enchendo os olhos e as barrigas. Mas o Zacarias, o rapaz anão, não. O professor de educação física, com setenta e cinco anos, vociferava – com uma tosse cavernosa e uns esgares alucinados pelo meio – que nunca vira nada assim e obrigava o puto a correr à volta da Escola, até desfalecer sobre o muro de silvas. O médico, que passava por lá uma vez por semana para ver as línguas das crianças – ao que consta, só para justificar o ordenado –, já que o astigmatismo e as cataratas pouco ou nada o deixavam enxergar –, dizia ao Zacarias sempre a mesma coisa: “- Come, rapaz, come, e muitas vitaminas, muitas vitaminas!”.

E o Zacarias comia, mas nada de chocolates nem hambúrgueres ou outros produtos com excessivas calorias, que isso também estava regulado pelo Ministério da Educação. Sopa com verduras a todas as refeições, alternando entre a couve, o espinafre e a cenoura, tudo cultivado nos terrenos contíguos à

Escola pelos pais dos alunos, também numa saudável alternância.

O problema era fora da Escola, em casa, onde matava a fome da dieta ministerial. E se nos outros não se notava tanto, aos poucos o Zacarias ia ficando quadrado. Durante as férias grandes, com noventa centímetros de altura, atingiu os oitenta e oito de diâmetro e um peso de quarenta quilos, acima do equivalente a um miúdo com doze anos de idade e um metro e meio.

Muita linguiça frita em banha de porco, alternada com torresmos com mais gordura que carne, inhame e batata-doce em abundância, pão e bolo de milho... E, na verdade, o médico não lhe havia dito para comer? Por isso atafalhava-se mesmo. Acrescentando ainda figos, melancia e frutos da época, que ia deglutindo deitado, em longas sornas, sobre a terra quente ou os empedrados dos caminhos interiores.

A torna à Escola foi já de si complicada. Ficou entalado no banco da carrinha, enferrujada e esburacada sob os pés. E chacota dos colegas que, apesar de gordos, encontraram consolo no desgraçado mais disforme ainda. Depois, dos professores e do médico – que nesse dia até esperava pelos alunos, com as suas lunetas telescópicas – e lhe deu um puxão de orelhas que, por pouco, não o deixou desorelhado e surdo.

Claro que os inspetores, no fim do dia, estavam em casa dos pais de Zacarias, para tirar satisfações e aplicar uma qualquer sanção. Mas do rapaz anão, que viera para casa na carrinha museológica da aldeia, nem rasto. E eram já sete horas da tarde. Um telefonema rápido do inspetor-chefe ao condutor do veículo confirmou que o Zacarias tinha saído mesmo à porta de casa, tendo-se libertado do banco com alguma dificuldade e saído pela porta com a ajuda das botas de um colega mais solidário. Eufemismo que ficava muito aquém da realidade, mas que sossegara o corpo de Inspetores quanto à responsabilidade do Ministério. Notificaram, em letra de lei, os progenitores, a quem fizeram assinar de forma legível e partiram aborrecidos, não tanto pelo desaparecimento, mas sobretudo com o atraso provocado ao descanso e à janta que os aguardava.

Zacarias, mal saíra da carrinha, tinha, dissimuladamente, metido por um trilho pouco usado, que dava para o Enxurro¹ uma das muitas terras que o pai detinha por sucessivas heranças. Ficava ainda a uma considerável distância da aldeia e tendo em conta que andava devagar e com dificuldade só lá chegou quando a lua cheia já brilhava no céu estrelado. Era uma terra tipo floresta, onde se andava por carreiros calcados entre os arbustos, repleta de pinheiros,

faias e castanheiros, alguns centenários. Sempre gostara de ir com o pai à apanha das castanhas². Varejavam os ouriços e estes caíam, de uma altura considerável, abrindo-se e deixando as castanhas à mostra. De vez em quando, um rato acompanhava este trajeto, estatelando-se na terra ou amortecendo a queda nas silvas, saindo dali numa fuga desorientada e numa guincharia de ferir os ouvidos.

Agora, à noite, tudo parecia diferente e medonho. As sombras dos arbustos e dos galhos do arvoredo projetavam-se como braços gigantes, mãos com dedos alongados, remexendo-se como à procura de presas na penumbra. Grilos e corujas faziam-se ouvir e mesmo o coaxar das rãs de um grande charco sob uma pequena cascata, rivalizavam numa sinfonia aparentemente desafinada e lúgubre. Sentiu um arrepio.

Mas a adversidade dera-lhe algumas vantagens. Sobretudo a de encarar com alguma naturalidade a indiferença e, pior, a animosidade das pessoas. Algumas até lhe atiçavam os cães, mas estes, por alguma razão ou mera solidariedade, nunca o haviam mordido. Pelo contrário, lambiam-lhe as pernas ou as mãos, o que irritava os donos que os chamavam enfurecidos, não raro com um pontapé ou com a vergastada de um bastão ou da trela feita chicote. Apesar dos seus oito anos e da sua estatura, Zacarias tinha crescido, por dentro, com a força forjada dos enjeitados. Amadurecera prematuramente, posto de lado pelas outras crianças e diabolizado por todos. Ninguém com quem brincar, falar, contar histórias reais ou imaginadas. Nas aulas, permanecia quase mudo, porque se falava só dizia asneira e se ficasse em silêncio era ignorante. Deixou de lhes ligar, porque era desperdício de tempo. Em casa as coisas pouco mudavam. Comia, dormia, fazia o que lhe mandavam, sempre criticado claro. E era toda a sua vida de criança. Menino solitário.

Sozinho, no meio daquela floresta anoitecida, Zacarias deixou de ter medo. Os receios tinham dado lugar a um certo conforto. A uma sensação de bem-estar, entranhado na Natureza como se fosse a sua verdadeira casa. Sentia fome, muita fome, mas não havia nada a fazer. Andou até ao castanheiro de tronco mais largo – que nem dois homens abarcavam com um abraço –, aconchegou o chão com as botas e sentou-se, encostando-se na árvore gigante. Fechou bem a samarra, meteu as mãos nas algibeiras e cerrou os olhos, tentando descansar ou mesmo dormir.

Uma aragem húmida, a anunciar o outono, soprava sibilante por entre a ramagem. A lua, agora coada pelos ramos enormes do castanheiro, parecia

incidir, como um foco, sobre Zacarias. Ou melhor, sobre o local onde o rapaz se havia sentado e encostado. Vazio. Zacarias desaparecera. Os cães, que o procuravam, precedendo alguns aldeões que o pai arrebanhara, cheiraram insistentemente o chão e o tronco, mas voltaram para os donos sem rasto a seguir e não era por falta de experiência nas lides da caça.

As buscas cessaram ali. Por qualquer mistério, o rapaz havia desaparecido irremediavelmente. Já o Ministério da Educação não podia acusar os pais de Zacarias de falta de zelo ou de negligência. E estes libertavam-se de um fardo, de um peso morto, que só lhes complicava a vida. Uma lágrima, vertida à luz do candeeiro de petróleo, pela mãe, na presença da equipa de busca – que recebia uma recompensa reforçada de aguardente –, foi a única e última nota visível de sentimento de perda, de compaixão e luto, pelo rapaz quadrado.

Que lhe acontecera? Onde andaria se estivesse vivo? Perguntas que ninguém fazia e muito menos se preocupava em responder...

Recuemos um pouco no tempo. A busca fora organizada ao fim da tarde, após os inspetores terem saído da casa de Zacarias. Mas só começou depois de todos terem jantado bem e descansadamente. Os cães seguiram facilmente o rasto do rapaz, obrigando o grupo de busca a andar um pouco mais depressa do que desejariam, apesar de, pelo caminho, irem abrindo e levando à boca amiúde os chifres de boi abastecidos de aguardente caseira.

Zacarias adormecera encostado ao castanheiro. Já se ouvia o ladrar dos cães quando um vulto agarrou o rapaz – ferrado no sono e dormente pelo frio e humidade – e levou-o nos braços pelo trilho que conduzia à cascata³. Ambos se diluíram, como por magia, na água e depois na rocha, acedendo a um pequena área cavernosa. Zacarias foi colocado sobre uma espécie de cama improvisada de folhas de bananeira sobre tufos e terra amolecida.

Amanheceu. A luz agora coada pela água da cascata rebrilhava em múltiplos e esvoaçantes cristais coloridos pelas paredes da caverna. À medida que os seus olhos se foram habituando à luminosidade e penumbra, Zacarias foi explorando o espaço, com um olhar perscrutador. A um canto, também sobre folhas de bananeira já amarelecidas, um ancião de longos cabelos e barba brancos e um cajado com estranhas cintilações, agarrado pela mão direita. O homem rodou um pouco sobre as folhas, olhando Zacarias com um sorriso

aberto num rosto de rosa escarlate.

- Onde estou? - Perguntou Zacarias, espantado pela cortina de água e pelo som da cascata, mas não menos com o ancião que lhe sorria amistosamente.

- Não sei bem como te explicar, rapaz, porquê és ainda muito novo para compreender, mas sou um Guardião da Natureza. Podes achar-me velho, mas tenho muito mais idade do que possas supor. Centenas de anos. Tento, com muitos outros, defender a vida selvagem, as plantas e árvores autóctones, a biodiversidade. Já terás lido ou ouvido que brocas de prospeção partem muitas vezes e que plataformas de petróleo desabam, que serras quebram quando tentam abater árvores, que as balas não acertam nos animais, que as armadilhas desaparecem, quando os homens tentam destruir a Natureza e os seres que nela vivem. É isto que faço, mas somos muito poucos para evitar todas as mutilações e desastres que o homem provoca ao Ambiente. Nalguns casos, vão ao ponto de derramar crude nos mares, dizimando a vida marinha e a sua alimentação ou de plantar espécies infestantes que secam tudo à sua volta, como árvores de crescimento rápido para a indústria do papel. Somos nós que intervimos, sempre que nos é possível, limpamos rios e mares, criando redemoinhos que sugam a sujidade e depositam os resíduos para reciclarmos. E tudo isto não chega ainda para reduzir o chamado buraco de ozono, que vai aquecendo o planeta Terra e alterando a climatologia, um pouco por todo o lado. Sei que não entendeste nada, mas sei também que ficarás com algumas destas ideias na tua memória. E, só por isso, já valeu a pena o que te disse.

- E vive aqui sozinho? - Quis saber Zacarias, estonteado com aquele discurso, anda por cima sem qualquer sentido para ele, que se limitava a acompanhar o pai, sem sequer lhe ocorrer questionar nada sobre o que fosse.

- Sim e não. Como Guardião da Natureza venho muitas vezes aqui, por isso te encontrei hoje junto do castanheiro. Mas como membro do Conselho dos Guardiões, tenho uma enorme família que, se quiseses, poderás conhecer. Vivemos todos no interior da Terra, cerca de mil metros abaixo da Amazónia⁴, bastante longe daqui.

- Se é longe, como faz para vir até aqui e voltar?

- Boa pergunta, Zacarias. Estavas a dormir profundamente no momento em que te trouxe para aqui, mas se estivesses acordado verias que isso não é um obstáculo. Nós viajamos de um modo diferente, através da desmaterialização e materialização. Dito de outro modo, desaparecemos aqui e aparecemos noutro local em poucos segundos, também com as pessoas ou objetos que estejam em contacto com o nosso corpo, exceto debaixo dos nossos pés, porque estas

sandálias são também um filtro para o teletransporte⁵.

- Como sabe o meu nome e como se chama? – Articulou Zacarias, perfeitamente atónito, aparvalhado melhor dizendo.

- Porque ouvi o teu pai e os homens que te procuravam dizer o teu nome. O meu é Zoosk. Mas, é a altura certa para te fazer uma pergunta, que tens de responder com sinceridade. Deixa a tua alma falar, entendes?

- Entendo. Devo responder o que sinto e quero mesmo, com o coração.

- Sim, exatamente. És um rapaz inteligente. E a pergunta é: queres voltar para tua casa, para a tua Escola e para a tua terra ou queres ir comigo conhecer a minha Comunidade?

- Quero ir consigo! – Respondeu Zacarias, sem hesitar, lembrando que ficar era mais do mesmo, para pior. Queria sonhar, pelo menos. E o Guardiã dava-lhe essa oportunidade.

- Muito bem, sei que estás a ser sincero. Dá-me a mão...

Num ápice ambos desapareceram. Após uma mancha informe, Zacarias começou a focalizar uma pequena multidão de homens, mulheres e crianças, que lhe davam as boas vindas.

Os anciãos, muito semelhantes a Zoosk, chamavam-se Zooak, Zoobk, Zoock, e assim por diante. As mulheres, já grisalhas, eram as Zmoak, Zmodk, Zmopk, etc.. As crianças, cujos nomes já nem ouvia, eram o Zaoatk, o Zaoftk... e as Zmaonk e Zmaotk, etc.. A Zacarias pareceu-lhe que todos os nomes eram iguais. Zoosk entendeu e esclareceu que os nomes, de facto, eram muito semelhantes. Só variavam na segunda e ou terceira e nas últimas letras, sendo que “o” significava Guardiã, “m” para mulher e “a” para criança, jovem e adulto até atingir a idade de Guardiã ou de mulher reprodutora, altura em que mudavam de nome. As letras inicial e final, “Z” e “k”, ficavam a dever-se ao considerado fundador da Comunidade – um terrestre que, numa história perdida no tempo, se entranhara pela Terra adentro -, que era a sua referência moral e que diziam chamar-se Zoork.

Por essa razão consideravam-se os zoorkianos. Viviam até aos 450 ou mesmo 500 anos. Só que, por um fenómeno qualquer que ainda não tinham sido capazes de explicar, entre o nascimento e a idade adulta, aos 25 anos, decorriam apenas 10 anos terrestres. E dos 25 aos 100, idade em que se passava a Guardiã, cerca de 40 anos. A partir daí, a idade progredia, em média, cerca de 1 ano por cada 3 terrestres. As mulheres, a partir dos 25 anos ficavam em idade fértil, mas só podiam dar à luz uma única vez. Considerando que as mulheres eram em maior número que os homens, cabia a estas a educação dos filhos e a administração de tudo, estando reservado aos homens a função de Guardiã,

pelos perigos que corriam e pelas ausências por vezes prolongadas.

Zacarias tinha um nó no cérebro, que não havia maneira de desatar. Além disso estava cheio de fome. Muita fome. Um grupo de mulheres entendeu e levou-o para uma espécie de compartimento escavado em rocha e terra barrenta. Uma área de refeições comunitária, a avaliar pela mesa enorme e pelos assentos toscos de barro seco. Nem soube bem o que ingeriu. Talvez raízes, frutos, legumes, cogumelos... Mas soube-lhe bem e melhor ainda quando o conduziram a uma espécie de cama feita de tufos e musgos sob uma colcha tecida de casca de maçaroca de milho e de folhas de diversas árvores e arbustos, a lembrar as mantas de retalhos da avó.

Dormiu e dormiu, sonhando ora que tinha morrido e estava com várias camadas de terra sobre o corpo ou tinha sido enterrado vivo com minhocas famintas que o trituravam, ora que tinha dado entrada num céu qualquer com anjos e santos. Sobressaia uma rapariga, a Zmagok, aproximadamente da sua idade, e isso, ao contrário do que seria expectável, provocou-lhe com um pesadelo. Ela, ao cabo de 10 anos já estaria velha e ele um jovem ainda... e quadrado. Que disparate de sonho, pensou ao acordar. Mesmo assim, no outro dia olhou melhor para Zmagok, que pareceu não lhe ligar nenhuma. Apenas um olhar esguio pelo canto do olho.

O grupo de mulheres encarregadas da Educação, depois de Zacarias ter tomado um bom banho num riacho de água morna, e comido um farto qualquer coisa que lhe soube bem, mandaram-no sentar naquilo que parecia uma sala de aulas e onde já se encontravam todas as crianças da aldeia, incluindo Zmagok. Embora já o tivessem conhecido, agora, sem os anciãos, olhavam para Zacarias com um olhar um pouco reservado e mesmo trocista, já que uma das matérias que se estudava respeitava aos seres humanos e este era, no seu estágio de desenvolvimento, um bocado estranho.

Na verdade, os zoorkianos eram quase iguais aos humanos, diferindo em alguns pormenores, como a cor da pele, mais rosácea, as orelhas ligeiramente mais pontiagudas e os olhos que, quando fechados, pareciam um traço e quando abertos ficavam em forma de amêndoa. Os membros eram também, em média, um pouco mais longos que os dos humanos, mantendo uma forma física invejável, embora não visivelmente musculada, apesar da força que eram capazes de aplicar. Ver um rapaz assim, quase quadrado, não deixava de ser uma novidade, cujo estudo seria aprofundado de certeza.

De facto, as Educadoras apresentaram de novo o rapaz, agora com mais pormenores. Enfatizaram o facto de ter querido, de livre vontade, fazer parte da

comunidade, donde todos se deviam empenhar em ajudar a integrá-lo e em acompanhar os ensinamentos de modo a recuperar o atraso nos estudos, já que os zoorkianos começavam o ensino aos cinco anos de idade. Como expectável, abordaram também o tamanho, largura e peso de Zacarias, explicando que se devia a um fenómeno pouco usual causado por genes hereditários, mas também pelo regime alimentar. Assim, daí em diante seria acompanhado não só por um Educador dedicado como pelo ancião Guardião da Saúde, que fariam dele um zoorkiano em plenitude.

Zmagok olhou de soslaio Zacarias, agradando-lhe, pela primeira vez, que ele se tornasse um rapaz normal. Todos os outros, sem perda de tempo, olharam para a nuvem que uma educadora, com um simples gesto, abrira na sua frente, com a projeção do sumário das muitas matérias que teriam de falar e aprender nesse dia. Zacarias, apesar de sentir que teria de se aplicar incondicionalmente, sentiu-se bem consigo mesmo. Era a primeira vez que não o gozavam ou riam da sua disformidade. E depois, aquele olhar de amêndoa doce de Zmagok dera-lhe um novo alento.

Passou exatamente um ano. Nesse dia, na Escola, as Educadoras fizeram um ponto da situação quanto à evolução de Zacarias. Para espanto geral ou nem tanto - porque, durante esse ano, as amizades foram-se sucedendo, em particular com Zmagok, a quem entrelaçava as tranças douradas -, o rapaz inicialmente “quadrado” era agora um belo zoorkiano, ultrapassando os próprios nativos em altura e elegância e em idade, colocando-se a par deles em conhecimentos. O Guardião da Saúde avaliara Zacarias como tendo agora 12 anos, mais um que a rapariga das tranças douradas. Tudo se devia ao regime especial que lhe havia sido aplicado com os conhecimentos científicos e tecnológicos dos especialistas zoorkianos.

Depois da Escola e antes do jantar, o Conselho de Anciãos, com a presença de Zoosk, exaltando a transformação, consideraram que se impunha uma decisão definitiva. Por isso, Zacarias passaria a ser membro de pleno direito da Comunidade Zoorkiana, se ele concordasse e se não houvesse oposição justificada de nenhum outro membro. Zmagok, junto de Zacarias, deu-lhe o braço, num gesto de apoio inequívoco. Os restantes entoaram a canção da Comunidade - uma espécie de hino de incentivo e união dos zoorkianos. Zacarias apenas baixou a cabeça, com a mão direita sobre o coração, em sinal de assentimento incondicional. O ancião mais antigo disse então: “- A partir deste momento, és um zoorkiano e passas a chamar-te Zaoszk.”.

Com 26 anos de idade zoorkiana e ela com 25, Zaoszk e Zmagok casaram. Impunha-se que ambos tivessem uma ocupação e preparação, respetivamente para Guardiã e para a administração da Comunidade, geralmente como ajudantes de outro guardião ou de outra mulher, até procriarem, momento a partir do qual teriam de dedicar 3 anos, em exclusividade, ao filho ou filha, retomando depois parcialmente as suas tarefas até a criança atingir os cinco anos.

Mas havia outra alternativa e Zaoszk, com a concordância de Zmagok, escolheu ir viver para a sua aldeia natal durante algum tempo. Não para se vingar de ninguém e muito menos os pais, mas para tentar repor alguma justiça na aldeia, porque os acontecimentos por ali pareciam um pouco descontrolados. Os pais de Zaoszk e outros aldeões estavam a ser pressionados para venderem as suas terras por preços irrisórios, por um testa-de-ferro que representava um grande empresário da indústria de suinicultura e que iria construir grandes armazéns de porcos, encavalitados uns sobre os outros, só com espaço para comerem a ração e beberagens mais que duvidosas, que matariam lentamente os humanos com substâncias tóxicas e cancerígenas. E enquanto uns queriam vender, como o pai do desaparecido Zacarias, outros agarravam-se de unhas e dentes ao pouco que tinham, sabendo que dessas terras dependia a sua sobrevivência. O comprador não queria arriscar compras isoladamente as terras, que podiam por em causa o projeto megalómano que pretendia, contratando advogados para pressionar ainda mais os renitentes.

A Comunidade concordou com a ideia de Zaoszk, que consistia em comprar as terras à venda e as restantes, por um preço justo mas irrecusável, colocando-as à disposição de toda a aldeia e em tentar unir todas numa gestão única e em proveito de todos. Uma cooperativa, que rentabilizasse as colheitas, o leite e o fabrico de queijo, exportando esses produtos com um rótulo de qualidade. Nos primeiros tempos, ele próprio seria a cabeça da organização, deixando posteriormente essa tarefa a gente que fosse formando e que mantivesse o interesse coletivo.

Zaoszk sabia de tudo o que se tinha passado com ele na infância. Viu na nuvem muitas cenas, mesmo a de falta de interesse dos pais do infeliz Zacarias. Isso tinha-o magoado, mais do que a zombaria dos colegas, uns tontos no final de contas. Mas, achava que isso só aumentava o desafio a que se propunha, pondo-o também a ele à prova. A Comunidade Zoorkiana pôs-lhe à disposição todos os meios necessários.

No primeiro dia do ano, Zaoszk reapareceu na aldeia, apeando-se de um carro vulgar que se materializara uns poucos quilómetros atrás na estrada deserta. Conversou com o dono da única taberna do lugar, para saber a quem pertencia uma determinada casa abandonada, que queria comprar para viver por ali, já que lhe parecia um lugar calmo e sossegado. E também o alertou para que queria comprar muitas terras, por um bom preço, o que despertou enorme curiosidade. Conseguida a compra da habitação, de imediato apareceu um rancho de operários que nunca antes haviam sido vistos por ali e que, em menos de uma semana, refizeram a casa, pondo-a como nova.

Já instalado com Zmaogk, Zaoszk, depois de falar com o padre - a quem fez um generoso donativo para melhoramentos da igreja -, convocou toda a gente da aldeia para o salão paroquial. No dia da reunião, até o empresário, ele próprio, acompanhado pelo seu testa de ferro, queria saber quem era aquele homem que lhe estava a lixar o negócio. E também lá estavam os pais do malogrado Zacarias.

Zaoszk apertou a mão de Zmaogk quando viu os pais, mas conteve a emoção. Na Mesa improvisada da reunião do salão paroquial, além dele e da mulher, o padre ocupava o lado direito, dando a credibilidade pretendida. Zaoszk disse palavras simples, com objetivos bem definidos e números apelativos. Explicou que era um homem abastado e que não pretendia a titularidade das terras, apenas a sua posse, voltando as mesmas aos seus proprietários se o projeto não desse frutos ao cabo de 2 anos. Apenas pedia 2 anos, só queria utilizar as terras e pagava um preço superior ao que lhes havia sido oferecido. Só exigia três coisas: que fosse ele a gerir a Cooperativa que iam criar, que as pessoas que ele escolhesse tivessem vontade de aprender para gerir a Cooperativa no futuro e que todos trabalhassem com afinco, porque afinal de contas, as terras continuavam a ser deles e os lucros da Cooperativa a eles pertenciam. Os gestores ganhariam apenas um salário simbólico para pagar as despesas que pudessem ter, além, naturalmente, do rendimento das suas próprias terras. Se ao cabo dos dois anos, a Cooperativa tivesse lucros e todos se encontrassem satisfeitos, as terras passavam a ser propriedade da Cooperativa, que era o mesmo que dizer de todos. E caso fosse dissolvida, cada um receberia de volta o que antes era seu.

Quase nem houve perguntas. Estava tudo tão claro... Nem o tal empresário ousou usar da palavra. Os dias seguintes foram de grande sofrimento para

Zaoszk, apesar de todo o apoio e carinho que Zmaogk lhe dispensava. Mas de repente...

O João da Matilde veio com uns papéis amarrotados, prova da propriedade das suas terras. Enquanto esperava na sala, Zaoszk foi ao escritório, colocou os documentos sobre a nuvem, duplicando-os. Num outro documento, já preparado apenas com o olhar sobre o papel embebido na nuvem, colocou o nome legal do João. Voltou e pediu-lhe para assinar com ele, após lhe entregar as notas de euros correspondentes ao negócio. Foi ao escritório de novo, duplicou o documento e entregou a cópia, bem como os originais que lhe tinha levado. O documento era simples, cabendo numa simples página A4, dizendo apenas o que tinha prometido na reunião com todos e tendo feito questão que João lesse e compreendesse tudo muito bem antes de assinar.

Nos dias seguintes houve um autêntico corrupio. Ninguém questionava nada, apenas queria saber quando é que a Cooperativa começava a funcionar. O pai de Zaoszk foi dos últimos a procurá-lo. Pensou até que já não viesse. Velho, coxeando, deu-lhe alguma pena, mas não esquecera também os enxovalhos, as sovas, as humilhações. Não lhe queria qualquer mal e tinha de admitir que era o seu pai natural. Como não trazia os papéis do Enxurro e fazia questão de que essa terra fizesse parte da Cooperativa, combinaram que Zaoszk passaria por casa dele e faria uma cópia no carro, assinando o acordo nessa altura. Era um pretexto para ver a mãe, pensou consigo mesmo perante uma exceção que abria em todo o processo de negociação com os aldeões.

No dia seguinte, logo pela manhã, acabaram as últimas negociações. Depois do almoço resolveu ir a casa dos pais, acompanhado por Zmagok. O pai estava a caiar os muros de entrada, com sinais visíveis de que exagerara no vinho do almoço. O cão, o Zarolho - apesar de ter uma visão melhor que muitos, mas porque as manchas de pelos junto dos olhos davam a ideia de serem tortos -, dormia pachorrentamente na terra quente da passagem para o tanque de água da chuva. Já meio entrevado pela velhice, abriu um olho, arregalou ambos e desatou numa correria maluca para Zaoszk. Todos pensaram que o ia atacar, morder, pelo menos ladrar... mas não. Enrolou-se-lhe nas pernas, esperando que a mão do “rapaz quadrado” lhe fizesse festas na cabeça. Zaoszk não foi capaz de recusar. Perante o espanto do pai e da mãe, que entretanto se abeirara, o Zarolho lambeu-lhe as mãos num gesto de ternura.

As desculpas foram desfeitas por uma frase gasta “- Pois, deve ter gostado de mim!”. Sem dar mais importância ao assunto, apenas contrariando a mãe quando quis expulsar a pontapé o cão de junto dele. – “Deixe estar, porque

também gostei dele.”. Olhou melhor para a mãe, mais envelhecida que o pai, cabelo branco ralo, anunciando calvície. Olhos fundos sob umas olheiras negras. Cheirava a aguardente. Pelos vistos o almoço devia ter sido bem regado.

Feitos os papéis, Zaoszk e a mulher que nem um olá tinha merecido da mãe ou do pai, vieram embora, com o Zarolho colado às pernas. “- Ah, pode levá-lo se quiser...” – Gritou a mãe, desdentada, num sorriso de quem preferia dizer: “- Leve-o, que é menos uma boca a sustentar e um emplastro a aturar.”. E o cão veio mesmo com Zaoszk que, com a mulher, cuidaram dele a partir daí.

A Cooperativa nasceu e a adesão de todos foi notória. Os menos produtivos iam sendo enquadrados com alguma diplomacia e, de um modo geral, com resposta positiva. Apesar dos investimentos avultados, logo no primeiro ano o balanço foi muito satisfatório, perspectivando um crescimento significativo. De facto, no segundo ano, já os produtos eram conhecidos em muitas partes do Mundo. Os lucros distribuídos, na proporção do contributo de cada um, deixaram a aldeia em euforia.

Conhecida no exterior, pela sua qualidade e prontidão de resposta aos seus compromissos, a Cooperativa revelava-se uma extraordinária fonte de receita de cada família e um empregador em grande escala, recorrendo a muitos trabalhadores de outras aldeias. Do individualismo improdutivo, tinha-se passado a um instrumento coletivo que, sem anular ninguém, potenciava as capacidades de cada um juntando-os num todo com identidade própria.

O trabalho de Zaoszk aproximava-se do seu termo. Ali já pouco o retinha. Até o Zarolho, de velhice e de tanta pancada, sofrido de vida, tinha morrido aos seus pés, numa mansidão de morte natural e consentida. Em contrapartida Zmagok estava grávida. Daria à luz no verão desse ano, um rapaz, pela avaliação do Guardião da Saúde, porque, de vez em quando, esgueiravam-se ao seu Mundo.

Zaoszk, em meados de maio, preparou os outros membros do Conselho de Administração da Cooperativa para a sua renúncia a partir de julho, cabendo a eles decidir quem ficaria no comando e fazendo-os prometer que continuariam a observar os mesmos princípios que os tinham norteado até aí. Tinham de ser herdeiros e cumpridores dessa filosofia e prática.

A Cooperativa ficou entregue a partir do dia 1 de julho aos administradores locais. A casa onde morava Zaoszk e Zmaogk ficou propriedade da Cooperativa a partir dessa data. O carro tinha sido vendido como sucata. Apesar da insistência, apenas disseram que iriam para o estrangeiro, de onde tinham vindo, porque a família precisava deles, e como Zaoszk tinha dito, a sua

presença ali seria temporária. Embarcaram na camioneta da carreira, apeando-se três povoações depois, onde, num descampado, voltaram à Comunidade Zoorkiana.

O rapaz nasceu a 16 de julho. Disseram logo: - Parecido com a mãe, mesmo igual ao pai. Os Zoorkianos também têm estes hábitos e tontices de carinho. Zaoszk e Zmagok, em agosto, apareceram na casa dos pais dele, a coberto de uma latada de vinha. O pai de Zaoszk, o Aníbal Cercal, estranhou a visita, gritando pela mulher. Maria Zulmira, ao olhar para o bebé ao colo de Zmagok, disse num tom jocoso: “- Até parece o nosso filho, que desapareceu...”. Aníbal deu uma risada, acrescentando: “- Não liguem, hoje bebeu um copito a mais, o nosso filho morreu de doença, coitado...”

Zaoszk, puxando a mulher contra ele, pela cintura, ficando com o bebé entre ambos, respondeu: “- Este é o nosso filho e o vosso neto!”... Cinco segundos depois, desapareceram.

1 - Grande quantidade de água que, correndo intensamente, tem origem no excesso de chuvas torrenciais; enxurrada. Jato forte de águas sujas e lixo. [Dicionário Online de Português]. Provavelmente, daí a origem do nome do pedaço de terra.

2 - A castanha que comemos é, de facto, uma semente que surge no interior de um ouriço (o fruto do castanheiro). Mas, embora seja uma semente, como as nozes, tem muito menos gordura e muito mais amido (um hidrato de carbono), o que lhe dá outras possibilidades de uso na alimentação. As castanhas têm mesmo cerca do dobro da percentagem de amido das batatas. São também ricas em vitaminas C e B6 e uma boa fonte de potássio. Consideradas, atualmente, quase como uma “guloseima” de época, as castanhas, em tempo idos, constituíram um nutritivo complemento alimentar, substituindo o pão na ausência deste, quando os rigores e escassez do Inverno se instalavam. Cozidas, assadas ou transformadas em farinha, as castanhas sempre foram um alimento muito popular, cujo aproveitamento remonta à Pré-História. [Wikipédia].

3 - Por isso o cheiro do rapaz tinha acabado na árvore. O vulto não deixara rasto nem qualquer cheiro que pudesse ser seguido pelos cães.

4 - A Amazónia (também chamada de Floresta Amazónica, Selva Amazónica, Floresta Equatorial da Amazónia, Floresta Pluvial ou Hileia Amazónica) é uma floresta latifoliada húmida que cobre a maior parte da Bacia Amazónica da América do Sul. Esta bacia abrange cerca sete milhões de quilómetros quadrados. Esta região inclui territórios pertencentes a nove nações. A maioria das florestas está contida dentro do Brasil, com 60 por cento da floresta, seguida pelo Peru com 13 por cento e com partes menores na Colômbia, Venezuela, Equador,

Bolívia, Guiana, Suriname e Guiana Francesa. Estados ou departamentos de quatro nações vizinhas do Brasil têm o nome de Amazonas por isso. A Amazónia representa mais da metade das florestas tropicais remanescentes no planeta e compreende a maior biodiversidade numa floresta tropical no mundo. É um dos seis grandes biomas brasileiros. [Wikipédia].

5 - O teletransporte ou teleporte seria o processo de movimento de objetos de um lugar para outro com a transformação da matéria em alguma forma de energia e sua posterior reconstituição em outro local, baseado na famosa fórmula de Einstein: $E=mc^2$. É importante realçar que teletransporte, como definido aqui e na ficção científica, não tem relação com o teletransporte quântico, um termo técnico-científico utilizado na Física quântica para designar transporte de informação. [Wikipédia].

Vem de mansinho

Vem, assim de mansinho, aninhar-te no meu colo. Abandonas a cabeça cansada no meu ombro, fechas os olhos, transpondo-te para aquele sonho que querias sonhar a dois. É apenas um breve intervalo, eu sei. Abraço-te com força, até fingires um gemido de dor. Então os lábios colam-se. E assim ficamos. Breves instantes de um momento quase eterno. Falamos de banalidades, trocamos carícias, misturamos as almas. A tarde passa, arrefecendo os corpos. É hora de nos devolvermos à realidade.

Paro junto ao mar, com o carro vazio. Olho o horizonte, o sol trémulo que agoniza em esplendor. De corpo vazio também. Só, intrigado com os mistérios da vida. Irritado com a perfeição das imagens. Do mar, das ondas, do horizonte tingido de um ocaso multicolor. A minha mente navega. Fico assim, absorto, inerte, olhando agora o nada. Vem-me um sorriso aos lábios. É assim que tu ficas também, quando sonhas ou, simplesmente, resolves refugiar-te naquele espaço em que nem eu penetro. Uma gaivota atrevida pousa no carro. Voltada para mim, como se me observasse. Fixo-lhe o olhar, questionando-a. Ela entende. Abre o bico e solta uma lamúria. Um conselho, uma recriminação... Não soube interpretar, talvez o mais óbvio. Ela entendeu. Zangada, bateu as asas e foi embora. Senti que tinha levado algo de mim. Muito, pouco, não sei.

Sobreveio-me uma angústia sem explicação. Saí do carro, inquieto. Abri os braços, levantei a cabeça e respirei a natureza. O vento rodara para sul, soprando de frente, fustigando-me com os salpicos das ondas. A gaivota voltara, acompanhada do bando. Executavam uma dança em meu redor, numa algazarra ensurdecadora. Soltei um grito, um rugido de fera ferida, encurralada.

O vento amainou, o mar aquietou-se, as gaivotas pousaram a uma distância prudente. Fiquei então a saber que, quando me liberto, posso mudar o Mundo. Mas não o meu mundo. Perto dos outros, longe de mim. Eu sou assim...

Jardim dos Desejos

Fim da tarde, lusco-fusco dos últimos dias de Outono. Dois ou três bancos com pares de namorados, arrulhando ao som roufenho da música de um rádio do quiosque, pendurado por um fio de náilon, como se facilitasse a captação das ondas hertzianas ou tentasse espezinhar o desejo dos candidatos a amantes. Bem, com aquela música não deveriam despertar os sentidos e a verdade é que os namorados não viam e muitos menos ouviam o que se passava à sua volta, embrenhados que estavam em experimentar emoções e sensações, daquelas gostosas e que fazem esquecer tudo o resto.

Num banco sob um velho pinheiro manso, cuja copa cobria uma grande área e ainda com uma pinha teimosamente resistente, Aldemiro tentava ainda decifrar algumas letras de uma revista amarrotada deixada ali por alguém que a encontrara sabe-se lá onde, tão tardia que era. Voltou a página, vislumbrando os contornos de uma mulher, talvez uma modelo e que lhe pareceu mais um sonho, a preto e branco. Fechou os olhos e tentou imaginar-se com ela ali ao lado. Saía a cair um pouco sobre os joelhos, as pernas com uns collants beges, terminando nuns sapatos castanhos rasos. Para cima, uma blusa também beije, deixando salientar uns seios razoáveis, e um casaco comprido a condizer com os sapatos. Abriu de novo os olhos e reviu o vulto da revista. Como inventara uma mulher e a sua indumentária a partir daquela sombra? O que faz a solidão, pensou, com um sorriso amargo.

Mas, só agora se dava conta de que não imaginara um rosto, o cabelo – loiro, moreno... -, se era gorda, magra, o tom da pele... Nada. Nada de importante que definisse a mulher de que construía apenas o invólucro. Congeminando, assustou-se com a queda da pinha que tardava em despegar-se. Pegou-lhe, primeiro observando que era compacta, bem proporcionada e castanha, tanto quanto a luz, já agora dos candeeiros, permitia distinguir a cor. Fechou as mãos sobre ela, rodando-a, como se a estivesse a aquecer com o calor do seu próprio corpo, enquanto ia pensando onde iria jantar nesse dia. Não lhe apetecia comer em casa sozinho. Iria a um dos restaurantes do Bairro, o mais barato, que a vida não estava nada fácil. Apesar de não ganhar mal, como vendedor numa loja de prestígio da Cidade, feitas as contas da renda da casa e dos gastos com a comida, a que juntava umas idas ao cinema e a um ou outro livro que ia adquirindo, não sobrava grande coisa.

Levantou-se, guardando a pinha na algibeira da gabardina. As folhas secas estalavam sob os pés pelo percurso. Abandonou o jardim. Andou por uns bons dez minutos, aconchegando o cachecol, até ao seu Bairro e ao restaurante onde resolvera jantar. Retirou o cachecol e a gabardina, abancando. Fez o pedido e

lançou um olhar ao telejornal. Desgraças como sempre. Sem saber muito bem porque, retirou a pinha da algibeira da gabardina e colocou-a sobre a mesa, como para observá-la melhor ou como objeto de importância crucial, como o telemóvel.

- É bonita, não é? – Observou o emprego enquanto colocava a sopa na mesa.
- É realmente, uma pinha perfeita! – Retorquiu com toda a convicção.

O emprego afastou-se pensando que o senhor Aldemiro, coitado, já se tinha mesmo passado. Isto da falta de mulher, por pior que elas sejam, dá sempre com o homem em doido. Bem, o contrário também podia ser verdade, donde era melhor esquecer o Aldemiro e a sua pinha, que cada maluco tem a sua mania. Mas por uma pinha em cima da mesa, mesmo na sua frente como se fosse uma companheira do jantar, não era de uma pessoa saudável da cabeça, lá isso não era.

O próprio Aldemiro, como se lesse o pensamento do empregado, pensou no mesmo. Mas porque colocara a pinha mesmo na sua frente e olhava para ela como se fosse uma pessoa em vez de seguir o telejornal, como toda a gente. Aliás os olhares de esguelha, que os fregueses habituais lhe lançavam, pareciam indagar do mesmo, do seu endoidecimento. Às tantas já o incomodava aquela persistente observação silenciosa, mas carregada de mensagem – “o homem ficou ensandeceu!”. Mas a pinha fascinava-o, mudando de cambiantes com a luz interior e em particular da televisão, como se tivesse vida.

Pagou a conta e colocou a pinha com todo o cuidado no bolso. Ao seu “Boa noite!” obteve uma resposta inusual, quase em coro. Era a confirmação do que já entendera. Achavam que tinha enlouquecido. A brisa fresca da noite arrancou-lhe um sorriso. Talvez da atenção que mereceu, talvez porque estivesse mesmo maluco, talvez porque considerasse a pinha como um talismã... Não sabia porquê e a verdade é que isso de pouco lhe importava. Desde há muito tempo que não se sentia tão bem. Agasalhou-se e colocou as mãos nas algibeiras da gabardina, enquanto se dirigia a casa. A mão direita acariciava a pinha, que parecia agora mais quente e suave.

Quando chegou a casa, verificou que os pinhões tinham desaparecido, tendo a pinha ficado uma massa compacta e maleável. A cor mudara para um verde com uma espécie de pequenos cristais, que pareciam corresponder à ponta dos pinhões, que reluziam com a luz. Nunca vira uma pinha mansa assim e mais fascinado ficou. Seria o seu talismã. Talvez lhe desse sorte no futuro. Sentou-se no sofá a ver televisão, claro com a pinha ao lado. Seria a sua companheira daí

em diante, assentou.

A hora de deitar chegara. Vestiu o pijama, lavou os dentes. Correu as persianas e deitou-se, tapando-se até à cabeça com o edredom. Já quase adormecia quando, de supetão, saiu a cama e correu para o sofá. Esquecera-se da pinha que devia estar com frio, coitadinha. E parecia estar, voltara a ficar dura e o verde cedia a manchas castanhas. Pegou-lhe com todo o cuidado e colocou-a na cama ao seu lado. Pelo caminho sentiu um estremecimento nas mãos... Um arrepio de frio, com certeza. Certificou-se de que a pinha estava bem aconchegada sob a roupa e só então adormeceu.

No dia seguinte acordou, sentindo que havia algo sobre o seu peito. Ainda no escuro, apalpou e, pelo tato, pareceu-lhe um braço e uma mão, elegantes e delicados. Não quis abrir nem a luz nem os olhos, estava a sonhar, pensou. Seguiu o braço e um ombro, sentiu os cabelos e a face, os seios encostados ao seu corpo. Tudo um sonho - continuava a pensar. E a mão agora escorria pelo corpo da mulher, até às nádegas... Sim, porque não havia dúvidas que sonhava que tocava numa mulher, que lhe percorria a pele suave, os contornos do seu corpo... Sentiu então que o braço repousado sobre o seu peito o acariciava, movendo os dedos devagar sobre os poucos pelos que ostentava, depois os mamilos...

Abriu os olhos e a luz da mesa-de-cabeceira quase ao mesmo tempo. Uma mulher de facto. Mesmo ao seu lado, abraçando-o. Fechou de novo os olhos. Sonho, claro. A história da pinha fizera-o ter aquele sonho que até parecia real. Sentiu então que a sua companheira devia ter acordado, voltando-se e ficando de costas ao seu lado, com um bocejo bem audível. Não podia ser. Este sonho já estava a prolongar-se para além do normal. Voltou-se para o lado onde deixara a pinha, de olhos fechados, tendo a certeza de que levantando o edredom a veria imóvel e no mesmo sítio. Abriu os olhos e.... viu uma mulher. Morena, com o cabelo e os olhos da cor da pinha madura, um rosto ternurento, com umas sardas discretas, um corpo com uns seios divinos... mas, o ventre e as pernas ainda acastanhados e na forma do resto da pinha.

Estava louco. Tinha endoidecido de vez. Como é que uma simples pinha mansa se podia ter transformado parcialmente numa mulher daquelas? Pois, estava mesmo a sonhar, só podia... Ela, porém, olhou-o do fundo de si, desencadeando todas as memórias das tardes passadas no banco do Jardim, debaixo do seu corpo vegetal, fazendo-o verter algumas lágrimas rebeldes sobre o ventre e as pernas. Em poucos segundos o corpo de mulher completou-se.

Variante A

Ambos choraram então de felicidade. Beijaram-se como os amantes que descobrem a paixão repentina e o amor sereno dos corpos saciados. A vida de Aldemiro mudou radicalmente. Ele que nunca vivera a dois sentia-se agora completado, sempre alegre, despreocupado, dedicando todo o tempo que o trabalho lhe deixava a Aldemira – como a tinha “batizado” e ela aceite. Ela, que nunca vivera fora de uma pinha, parecia adorar o mundo, tudo e cada coisa ou gesto, o que por vezes, deixava o Aldemiro com ciúmes e à beira de um ataque de nervos. Mas tudo se resolvia, com as explicações de Aldemiro e com uma nova vestimenta para ela. E o seu abraço de agradecimento punha-lhe o corpo em brasa.

Pior tinha sido arranjar-lhe documentos. Aldemiro tivera de corromper um escrivão da Conservatória da sua terra, que a registou, com pai e mãe, de apelido Pinheiro, nascidos em aldeias próximas, e emitido a necessária certidão de registo para ela ter o cartão de cidadão. Então casaram e Aldemira foi compreendendo os deveres de esposa que toma conta da casa e totalmente dedicada ao marido. Embora, a princípio, tivesse provocado algumas desavenças na vizinhança cada vez que saía de casa para um pequeno passeio. Ir às compras sozinha era-lhe vedado, porque apesar de acompanhar o marido todos os sábados, ainda lhe fazia confusão quase tudo. Desde a profusão de coisas apetecíveis que se podiam comprar até, e sobretudo, ao valor a gastar face aos proventos de Aldemiro.

Problema mesmo era não poder ter filhos, ao que o médico dizia, com base em diversos exames, não tinha útero ou, melhor dizendo, tinha no lugar dele uma esquisita ramificação que mais parecia um bocado de ramo de pinheiro. Compreendendo que era melhor esquecer o assunto ficaram surpresos quando Aldemira, que estava esticada no sofá com a cabeça nas pernas do marido, sentiu qualquer coisa sair-lhe por entre as pernas... Era uma pinha... Uma não... duas... três pinhas pequenas e muito verdes.

Passada a surpresa, colocaram-nas na cama, bem embrulhadas num cobertor de lã. À noite, Aldemira e Aldemiro aqueciam-nas com os seus próprios corpos, colocando as pinhas bebés no meio de ambos. Em alguns meses ganharam tamanho e forma humana – duas raparigas e um rapaz. Quando finalmente começaram a passear num carrinho para trigêmeos, as vizinhas coscuvilheiras que achavam os bebés esquisitos, esverdeados e com a cabeça um pouco pontiaguda, diziam: “ – Até parecem filhos de um pinheiro!”.

Ora, como o vizinho mais recente tinha por apelido Pinheiro e as crianças tinham uns oito meses, o falatório começou. A mulher do Pinheiro saiu de casa e refugiou-se em casa da mãe. O homem desesperado bateu à porta da vizinha que achava que havia espalhado o boato e atirou-se a ela, ficando os dois enrolados na carpete da sala. O marido desta agarrou o Pinheiro e esmurrou-a, partindo-lhe o nariz. Este mordeu-lhe um braço e uma orelha quase a arrancando. O chão e as paredes da sala ficaram tingidas de sangue. A vizinha berrava possessa, batendo com o rolo da massa indistintamente no Pinheiro e no marido, engalfinhados. A Polícia deteve os três e o prédio pode, finalmente, descansar em paz.

Aldemiro e Aldemira, que viviam no último andar, nem deram por nada, ademais embevecidos olhando para os seus rebentos.

Variante B

Aldemiro deu-lhe um beijo suave na face, dizendo-lhe: “- Vou chamar-te Aldemira!”. Ela franziu o sobrolho e respondeu: “- Pode ser, mas agora gostava que me trouxesses o pequeno-almoço, estou cheia de fome.”.

Ele, com o romantismo ferido, desculpou-a. Afinal ela tinha acabado de nascer como mulher, ainda não apurara os sentidos e sentimentos. E era natural que tivesse fome, ao cabo de tantos meses pendurada no ramo de um pinheiro. E lá foi para a cozinha, quando se lembrou que nem sabia o que ela poderia gostar de comer. Voltou ao quarto e perguntou-lhe. Ela, agora com a testa também franzida, saiu da cama de supetão, resmungando: “- Nem para me dar de comer serve... Para que quero eu um homem assim?”.

Aldemiro estava atónito, magoado e desiludido. Aquilo ainda ia acabar mal, ia pensando. Entretanto, Aldemira abria e fechava com força (bump!) os armários da cozinha, olhando para tudo e sem conhecer coisa nenhuma. “- Mas que procuras?” – Ainda pergun-tou Aldemiro. “- Sei lá! O que é que vocês comem?” – Disse ela de maus modos, enquanto esborrachava uma maçã contra a parede, lambendo os dedos dos restos que lhe ficaram na mão. Depois pegou numa banana, olhou-a de cima abaixo e enfiou-a na boca, sem a descascar, empurrando-a até desaparecer.

Ele estava lívido, sobretudo ao observar este último ato... E se ela... Não, não, o melhor era tentar acalmá-la e recomeçar. Afinal sempre tinha sido uma

pinha e agora como mulher teria de ensinar-lhe tudo. Encheu um copo com água, dizendo-lhe: “- Isto tu conheces. É água, que tu bebias quando chovia...”. Ela provou e atirou-a, soprando, sobre a cara de Aldemiro. A água confundiu-se com as lágrimas que se soltaram como um dique. Aldemiro já não sabia o que fazer mais. Saiu da cozinha e sentou-se pesadamente no sofá da sala com a cabeça a estalar entre as mãos.

Quando Aldemiro se apercebeu já era tarde. Ela tinha aberto a porta e estava no hall do andar. Alguns vizinhos espreitavam com as portas entreabertas e as respetivas mulheres gritavam impropérios, sendo o mais comedido o que a apelidava de desavergonhada. Aldemiro correu a agarrá-la e a trazê-la para dentro de casa, obrigando-a a vestir um roupão e a sentar-se no sofá.

Depois gritou-lhe: “- Não podes andar por aí sem roupa, nem podes fazer as exigências que te apetece e quando nem sabes o que queres. Se antes eras uma pinha e agora és uma mulher, tens de aprender a ser mulher e eu, porque gosto de ti, vou ensinar-te tudo. Queres aprender?”. Ela deitou-lhe a língua de fora (pruuuuuuu!) e despiu o robe, rodopiando no meio da sala, mostrando todo o corpo em contra luz frente à janela.

Apesar do desejo que lhe provocava, Aldemiro compreendeu que ela nunca se comportaria como uma mulher, que nunca passaria de uma pinha em forma humana. Resolveu então tentar desfazer o engano. Pela calada da noite, obrigou-a a vestir o roupão e levou-a ao jardim donde a tinha trazido. Sentou-se no mesmo banco, com ela ao lado e falou com o pinheiro manso, como quem fala com o pai da noiva que pretende devolver. Nada acontecia. Ela dormitava encostada ao seu ombro. Aldemiro sentia os pés a enregelar. Só uma aragem suave, que abanava cadenciadamente a ramagem do pinheiro se fazia sentir, com uma ou outra agulha a cair sobre ambos. Fechou os olhos, tentando descansar um pouco.

“- Levaste-a, tens de ficar com ela! Agora é tarde para a receber, já se soltou de mim. Entendes, ó Aldemiro ou ficas admirado? Ah, ah, ah...”. Ou sonhava ou o pinheiro estava a falar e a gozar com ele. Manteve os olhos fechados. Devia estar a sonhar, só podia. Antes um pesadelo, de que não queria acordar. Levar de novo aquela mulher para casa nem pensar... preferia... ficar ali até congelar. Ela havia de arranjar alguma solução... Ela? Queria lá saber dela. Devia era deixá-la ali e ir-se embora... Não, não era capaz disso.

De repente, uma aragem mais forte fez-lhe cair sobre a cabeça um pequeno e

frágil ramo e um tufo de agulhas que lhe picaram a face. Afastando o ramo e limpando o rosto, olhou para Aldemira. Não estava já encostada a si, nem a via nas redondezas. Ficou preocupado. Agora, tinha de a procurar à luz ténue dos candeeiros. Ao levantar-se olhou para cima e viu-a... pequenina, meia humana ainda, a transformar-se na pinha que era.

Derramou algumas lágrimas, de saudade, mais pela ausência de futuro que não chegara a ter. Aprendera a lição. As pinhas têm a sua função e não é a de viver como seres humanos. Para isso há mulheres que nasceram, partilham e completam os homens. Aldemiro foi para casa disposto a mudar de vida.

Variante C

Aldemiro olhou-a, de cima abaixo, embevecido. Uma mulher linda de morrer. Sentia-se ainda entre o sonho e a realidade. “- Vou chamar-te Aldemira!” – Disse ele, batizando-a como um prolon-gamento dele próprio. Ela não respondeu, apenas pestanejou e sorriu, com uns lábios carnudos, sensuais, tentadores. Beijou-a. Ela estremeceu e mordeu-lhe o lábio superior, arrancando-lhe um bocado. De imediato o sangue inundou a cama e Aldemiro foi para a casa de banho tentando estancar o sangue com recurso a um pequeno *kit* de emergência.

Ela, assustada – talvez porque nunca tivesse visto sangue – foi atrás dele, abraçando-o por detrás, toda encostada ao seu corpo. Aldemiro, que acabara de colocar um penso sobre o lábio, ficou desarmado e voltou-se, abraçando-a e esquecendo o incidente. Entendia agora que ela, recém-humana, nada sabia de relacionamento com o sexo oposto nem de sentimentos e, provavelmente, nem o compreendia nem sabia falar. Era tudo natural, mas esperava-o uma longa aventura em ensinar tudo o que uma mulher deve saber, ficando na dúvida se seria ele o professor ideal. Só que, por enquanto, não tinha alternativa. Tinha de o fazer.

Como era Sábado, teria bastante tempo para iniciar a aprendizagem. Com um pouco de sorte no domingo poderia ir às compras, já que a dispensa não iria resistir mais do que um dia. Começou por apontar para coisas básicas, como a cama (“- Caaaaaama!”), o sofá (“- Sofáaaa!”), a cozinha (“Cozinhaaa!”) e, depois, particularizando algumas coisas, como o fogão, o frigorífico.... Tudo coisas práticas que tinham a ver com a sua sobrevivência, de homem claro.

A tudo ela abria um sorriso, um olhar indagador e um acenar de cabeça, como se estivesse a entender tudo o que Aldemiro ia ensinando. Mas este ficou embasbacado quando ela, olhando-o fixamente, lhe disse: “- Foi para isto que me quiseste como mulher, para te servir de criada?”. Aldemiro encostou-se à ombreira da porta da cozinha extasiado. “- Tu falas...”. “- Falo, claro, aprendi contigo e com os que se sentavam no banco do jardim, dos que passeavam nas proximidades. Contigo escutei palavras de desporto, de sexo e os pensamentos que te vinham à cabeça, porque falavas sozinho. Com os outros e com as mulheres aprendi jogos, cozinhados, até a costurar. Só me falta por tudo isso em prática, mas aviso-te já que não o vou fazer. Eu sou um pinha antes de mais e só humana por ação tua. Vais ter de me alimentar de seiva e água até que seja capaz de comer verduras, carne e pão. Já provei a tua carne e até gostei, sabe bem, mas sendo vegetal, tenho receio em me tornar carnívora.”.

Aldemiro escorreu pela ombreira da porta, desmaiando. Quando acordou, uma poça de sangue alastrava pela cozinha. Uma dor aguda fê-lo olhar para as mãos. Dos dedos apenas o mindinho esquerdo existia ainda.... Desmaiou de novo. Ainda deverá ter acordado mais uma vez depois de perder uma das pernas. Aldemira, mastigava a coxa, já junto da axila, com o sangue a escorrer-lhe pelos cantos da boca e sobre os seios...

Uns dias depois, os Bombeiros e a Polícia, chamados pelos vizinhos de Aldemiro que o tinha deixado de ver e de ouvir a televisão todas as noites, encontraram a carcaça de Aldemiro no chão da cozinha, sem qualquer vestígio de carne. O chão estava coberto por uma camada avermelhada escura que, provou-se, ser sangue seco. Por mais teorias que a Judiciária tivesse conjecturado, o certo é que arquivaram o processo de investigação por falta de evidências e muito menos de provas. O caso caiu no esquecimento.

Só algumas vizinhas, que ficavam mais tempo em casa e matavam o tempo olhando para a rua, notavam que no pinheiro em frente à cozinha do malogrado Aldemiro tinha aparecido uma nova pinha, bojuda e de um vermelho vivo, nalguns momentos do dia. Havia mesmo uma que garantia, que a tinha visto pingar gotas de sangue que se perderam na terra do jardim anexo ao prédio. Coisa de mexeriqueiras, de mulheres que não têm mais nada para fazer, diziam os entendidos.

O certo é que Aldemira estava mesmo lá, olhando pelas vidraças, mirando os homens mais apetitosos e até uma ou outra mulher, à espera que passassem sob o pinheiro, a caminhar ou a passear o cão, demorando o tempo suficiente para lhes contaminar a mente e arranjar uma nova vítima (“- Vem, vem... Preciso do teu sangue!”).

Amélia segurava o cabo trançado de fibra ótica de um dos lados e Amílcar do outro. Sobre o cepo de matar e desmanchar animais, com o cutelo bem afiado, Amílcar separou o cabo em dois com um golpe seco e único. Cada um ficou com a sua metade: cerca de 20 centímetros.

O cepo de matar e desmanchar animais provinha do talho dos Visigodos, uma família que vivia, em boa parte, do abatimento ilegal de animais. O Estado, através da Polícia dos Alimentos e Bons Costumes, fechara as instalações, leiloando todo o recheio. Amílcar e Amélia compraram o cepo e algumas facas e cutelos para decorar a casa onde resolveram viver. O cabo de fibra ótica destinava-se a mais uma peça de decoração artística moderna, pensavam, para colocar numa das paredes mais despidas da casa, como ícone da célere comunicação global dos dias de hoje.

Dizia-se que o Visigodo mais velho, conhecido como o Estripador – de tal modo abria e arrancava as vísceras aos animais, ainda meio vivos a estrebuchar e talvez porque apanhara sífilis numa espelunca de putas, tendo algumas morrido misteriosamente –, se colocara à frente do Chefe da Brigada impedindo-lhe a passagem. Um tiro à queima-roupa na testa atirou o corpanzil contra a porta do açougue, nem sendo preciso chave para entrar. Há a versão dos amigos que diziam que se havia suicidado com honra em defesa do clã familiar, que comandava com mão de ferro e voz de trovão entrecortada por arrotos de bagaceira de figo. Outros, mais íntimos, que tinha sido a forma mais expedita de por termo à vida evitando o sofrimento e desonra que a sífilis infligia a ele e a toda a família.

As pontas cortadas desafiaram a gravidade, dobrando-se para cima em direção ao rosto de ambos e, ao subir, iam desfiando-se do cabo em filamentos que começaram por entrar pelas narinas, ouvidos e, depois, pelas bocas, abertas de espanto e de uma impressão difusa, longe da dor.

Depressa os filamentos desapareceram no interior dos corpos, multiplicando-se e acompanhando, paralelamente, cada vaso do sistema circulatório, até ao mais pequeno capilar do sistema nervoso e às mais exíguas ligações cerebrais. Restou a capa contra interferências eletromagnéticas.

O cabo de fibra ótica ficara das obras do apartamento que haviam

comprado nos arredores da Cidade. A casa estava equipada com a mais recente tecnologia. Os eletrodomésticos podiam ser comandados à distância pelo telemóvel. O frigorífico fazia a autogestão dos produtos normalmente consumidos, podendo debitar para a impressora Wi Fi a lista de compras semanal. A rede informática caseira permitia o acesso à internet em qualquer ponto, mesmo na sala de banho. A temperatura, interior e exterior, e a previsão do tempo corriam em legenda nos computadores fixos e portáteis, nas televisões e, em pormenor, nos monitores da sala e cozinha, com os dados enviados pela da míni estação meteorológica, instalada numa da esquina da principal varanda da casa. Quase todos os equipamentos obedeciam também a comandos de voz. Como os televisores, gravadores e leitores de imagem e som, micro-ondas, cilindro de aquecimento de água, luzes por setor, jacuzzi – direcionando e variando a intensidade dos jatos de água -, ligação e regulação da temperatura central e até a variação das massagens produzidas pelo colchão da cama de casal, deleite de ambos.

Compreende-se, assim, que, além do susto, Amílcar e Amélia, apesar do estranho fenómeno e da quantidade de fibra ótica absorvida, não tenham dado importância de maior ao sucedido. Na verdade, usavam-na e respiravam-na como um elemento indispensável que fazia parte integrante das suas vidas.

Talvez por isso nem tenham pensado em procurar auxílio médico, dando ordem verbal para o portão da garagem abrir e usarem o seu Land Rover para chegar rapidamente à Urgência de um Hospital. Beberam um copo de leite – que, nas memórias que guardavam dos bisavôs, era um antídoto para muitos venenos, admitindo remotamente que a fibra ótica pudesse conter algum elemento tóxico...

Calmamente, como se nada tivesse acontecido, resolveram ver um filme de ação em 3D que tinham comprado no dia anterior. Os estores fecharam com uma simples ordem: “Janela 2. Fechar estores”. E a sala escureceu, realçando a imagem do televisor gigante na parede em frente aos sofás.

Com os óculos 3D colocados, Amílcar e Amélia desfrutavam as imagens da tela confortavelmente sentados em sofás de couro castanho-escuro, com diversas colunas, com dois subwoofers, colocados estrategicamente pela sala.

Com o sistema de *home theater*, os altifalantes simulavam uma sala de cinema, debitando muitos decibéis de som, fazendo trepidar alguns objetos decorativos ou da garrafeira, varrendo com um ressoar arrepiante o chão e as paredes, como se estivessem dentro de cada cena.

O filme começava por imagens aquáticas de um possível vulcão prestes a explodir. A água aquecida de repente, pela lava incandescente, afastava todos os seres marinhos com a velocidade que o criador lhes permitira. Os camarões com grandes antenas saiam do ecrã e corriam para o meio da sala, parecendo ir chocar com os espetadores.

- Apanha alguns camarões! – Gritava Amélia, excitada. Amílcar sorria, enquanto fazia o gesto de agarrar as imagens projetadas pelo 3D.

- A moreia mordeu-me! – Gritou de novo Amélia.

- E agora vem aí um tubarão... Cuidado! – Retorquiu Amílcar, a gozar.

Mas o tubarão veio mesmo, esfumando-se de seguida. Com a boca aberta, mostrando os dentes horripilantes de predador implacável. Amílcar, numa última fração de segundo, dobrou-se todo para o lado de Amélia, mas ainda sentiu o impacto no ombro esquerdo. Do lado oposto onde se encontrava Amélia. Olhou então para ela, preocupado, vendo que agitava a mão esquerda ensanguentada e sem alguns dedos. De imediato levou a mão direita ao ombro com que o tubarão chocara e sentiu-a molhada, parecendo-lhe ensopada em sangue. “- Luz... todos os setores... ligar!”.

Todas as luzes da sala acenderam-se, enquanto tiravam os óculos 3D, em pânico. Levantaram-se e olharam demoradamente para a mão e para o ombro. Não faltavam dedos, não havia danos no ombro e nem vestígios de sangue. E as mãos? Estavam de facto molhadas, mas não de sangue. Antes, de um líquido castanho-escuro com uns laivos esverdeados e pegajosos.

Mais um valente susto, o segundo na mesma tarde. Lavaram as mãos e o líquido desapareceu fácil e completamente. Resolveram então desligar todos os equipamentos e luzes da sala e sair para espairecer e jantar. Como se as emoções, apesar de muito fora do normal, pouco os afetassem.

O mais curioso é que nem davam já qualquer importância ao facto de terem fibra ótica no interior dos corpos. Como se isso fizesse parte da remodelação da moradia e fosse mais um prolongamento da

extensão dos cabos e ligação dos equipamentos... Sorriam, quando se lembravam do sucedido. A verdade é que não sentiam qualquer diferença dentro de si. Tudo parecia normal e até, em abono da verdade, experimentavam uma disposição e agilidade de movimentos que os entusiasmava.

Já na rua, pareciam levitar com os ténis sobre as passadeiras e passeios, caminhando numa velocidade pouco usual e que atraía olhares curiosos dos transeuntes. Os pés não assentavam no chão, caminhando como sobre uma fina almofada de ar que projetava os corpos um pouco para cima mas, sobretudo, para a frente numa passada rápida e mais comprida que o ângulo das pernas. Pararam junto de um restaurante que anunciava, em néon: “Comida asiática – Chinesa e Japonesa e Outras”. Entraram, mais por curiosidade do que adeptos de comida exótica e de fusão. Nisso eram fiéis à comida de plástico e a uma sandes de qualquer coisa sem calorias. E o Ginásio mantinha-os com corpos invejáveis.

A comida de fusão estava na moda, com muitos adeptos por todo o Mundo, mas as “Outras” era, de facto, uma incógnita, sobretudo para não adeptos esclarecidos de gastronomia exótica. Na verdade, não havia qualquer fusão neste caso. Apenas diferentes pratos de comida asiática. A zona de *buffet* apresentava pouco de outras, mas bastante de comida chinesa e japonesa incluindo sushi.

Amílcar e Amélia retiraram os pratos e começaram a conjeturar, em surdina, a comida que haviam de escolher, já que quase a desconheciam. Amélia apontou com o dedo para qualquer coisa parecida com chamuças, mas, antes de a retirar com a pinça de metal, uma voou literalmente para o seu prato. Amílcar apontou para outra iguaria e os camarões e acompanhamento fizeram uma espécie de feixe entre a travessa de metal e o prato. Felizmente, ninguém estava próximo deles naquele momento. Na verdade, começavam mesmo a habituar-se a esta nova condição. Amélia retirou a mão que segurava o prato e este ficou no ar, sem cair. Firme, no mesmo lugar, movimentando-se apenas quando empurrado.

Voltados à mesa, com os pratos cheios de comida variada, impunha-se usar a faca e o garfo ou os fachs – os conhecidos pauzinhos.

Por norma, os fachs vêm em embalagens de papel, com a madeira ainda ligada na parte superior, exigindo um pequeno esforço para a sua separação. Muitos restaurantes disponibilizam já um elástico

comum que, após aquela separação, pode ser enrolado nessa ponta, de modo a facilitar o seu manuseamento, para quem não domine essa técnica.

Para os *expert* os fachs originais são maiores e muitas vezes de plástico de qualidade ou mesmo de marfim. Amílcar e Amélia nem hesitaram e pediram os pauzinhos. Apesar de ambos serem dextros, experimentaram com ambas as mãos. O funcionamento era simples e perfeito, mesmo sem elásticos. Os fachs posicionavam-se de *moto próprio* corretamente entre os dedos, apertando os bocados de comida que levavam à boca. Especialistas, diriam os chineses e japoneses que os observavam de soslaio e, em particular, os outros clientes que tinham o privilégio de estarem nas mesas mais próximas.

De regresso a casa, apesar do abandono excecional da dieta diária, continuavam a sentir-se leves e flutuantes sobre o caminho, percorrendo cerca de quilómetro e meio em poucos minutos. À entrada do prédio, Amílcar tropeçou no degrau e estatelou-se no chão de mármore. Com um bocado de sorte não bateu com a cara no chão ficando apenas com as mãos sujas e o pé de embate dorido e a manquejar. Amélia teve pior sorte. Ao entrar no elevador, tropeçou também, batendo com a cara no corrimão. Um dente partido e uma bochecha a inchar rapidamente. Qualquer coisa acontecera, que os deixara, tal como dantes, fora do normal e, agora, meio desastrados.

Chegado ao andar do seu apartamento, junto da porta, estava colado um prospecto A4, profusamente colorido e ilustrado, que dizia:

“A nossa fibra é a melhor e a mais rápida e a que assegura maior e constante velocidade. Face à concorrência. Oferecemos os melhores pacotes de televisão, telefone e internet. Porém, após a termos instalado em sua casa, não diligenciou pela assinatura de contrato depois do teste experimental gratuito, que acabou de expirar. “Observações: não nos responsabilizamos por eventuais efeitos colaterais que a nossa fibra provoque, sobretudo quando inadvertidamente ingerida – menção obrigatória por força de diretriz dos Serviços de Saúde”.”

Perante o sucedido, Amílcar e Amélia resolveram ir fazer o contrato a um Centro Comercial, mesmo doridos e a coxear. Com o contrato receberam um Manual de instruções para aprenderem a potenciar e, ao mesmo tempo,

controlar os efeitos colaterais da fibra ótica. E conseguiram estabilizar a sua vida em quase todos os aspetos. Apenas um continuava por resolver e, muitas vezes a fazê-los perder o sono. Era quando faziam amor. Os corpos ganhavam uma luminosidade esverdeada e ficavam transparentes, mostrando órgãos, sangue, ossos e tudo o mais que por lá havia... Até aprenderem a usar uma máscara e imaginarem um ou uma diferente amante cada vez que tinham sexo. E assim viveram felizes, para todo o sempre, enquanto se manteve a fibra (ótica)!

Quando era criança, voava pelo céu. Sentado na nuvem que me acolhia no Planalto do imaginário, viajando para o Sol. Nunca cheguei perto, mas a perda de densidade da minha amiga levava, por vezes, a descidas bruscas e a pousos de emergência. Nada que impedisse a repetição da viagem, embora sabendo do expectável desfecho. Nos dias de chuva e de trovoada intensas a nuvem refugiava-se, diluindo-se nas irmãs mais bojudas, retemperando forças.

Era quando os raios faiscavam, ziguezagueando, estraçalhando as árvores ou abrindo as entranhas da Terra. Eu assistia a tudo, tomando a chuva como uma bênção, de pés descalços e sentido a água a purificar-me. O estremecimento provocado pelo trovão, que ribombava de repente e silenciava em segundos, mantinha-me acordado e vigilante. Porque eu era o centro da tempestade. A própria tempestade. Que a minha mente desencadeara e o meu corpo alimentava.

Chegou o dia em que tive de descer do Planalto e embrenhar-me nos labirintos da Cidade. Para ser um Homem, diziam o meu pai e o ancião que determinava as regras da nossa existência àquela altura. Ao contrário dos alpinistas, ia-me faltando o ar pelo caminho. Primeiro a floresta, emaranhada como uma teia, depois os ruídos diurnos e noturnos desconhecidos, teciam uma atmosfera crescentemente ameaçadora que, por vezes, me provocava calafrios. À noite, a Lua coada pela ramagem não parecia mais a cúmplice que me encantava. Espalhava sombras e fantasmas ululantes à minha volta. Sentando numa árvore húmida e pegajosa, sentia as saliências do casco pressionarem-me a pele das pernas, das nádegas e do dorso, prestes a rasgar. “Dorme no ramo mais alto, mas seguro, para evitares os predadores noctívagos” – dissera-me o ancião, com o rosto fechado e palavras simples enquanto rabiscava com o cajado sobre a terra, pretendendo ensinar-me, de uma só vez, o que nunca aprendera.

Até me falou das cobras e da sua perigosidade. Por mero acaso ou simplesmente para não me assustar - ou, mais plausível ainda, porque sabíamos bem as leis da sobrevivência -, não me explicou que as serpentes adoram subir árvores e abraçar as suas vítimas. Na minha primeira noite, já longe do meu mundo, mantive os sentidos despertos, os olhos semicerraram mas nunca adormeci. Mais do que a “sinfonia” ou receio de uma cobra traiçoeira – que avistara numa árvore próxima -, era o medo de me despencar sobre os

pedregulhos e as silvas que rodeavam a minha “cama” de necessidade. Na terceira noite, com os pés doridos e o corpo acusando exaustão, os braços e pernas feridos pelos picos e ramos afiados dos arbustos, adormeci ainda antes de saciar a fome e a sede. Com pão de milho, queijo de ovelha e carne fumada de cabra velha. A minha merenda para toda a viagem, mais alguns frutos que ia colhendo pelo caminho, sempre com receio da escolha errada.

Pouco depois, acordei de supetão com uma forte mordidela no braço esquerdo. Instintiva e energicamente, com o direito, afastei uma massa enorme, que me pareceu um réptil, fazendo-o cair pela árvore. De imediato, uma dor aguda surgiu na zona atingida do braço, acompanhada de uma dormência que alastrava. Pensei, lembrando-me dos parques ensinamentos do ancião, que fora mordido por uma serpente venenosa. O meu fim estaria próximo.

As horas passaram, até que o Sol conseguiu infiltrar-se por entre a densa ramagem, colorindo a paisagem de vários tons. Luz suficiente para descer e tentar avaliar o meu estado. Parei, por momentos, paralisado. Uma cascavel – tanto quanto deduzi -, enorme e grossa, hirta e esticada a todo o comprimento de uma clareira, parecia ter morrido nessa madrugada. Com um arbusto, espetei-a e empurrei-a sem que surgisse qualquer sinal de vida. Morta mesmo. Como eu ia ficar, com certeza.

Mas as certezas da vida são surpreendentes. Comecei a sentir de novo o meu braço esquerdo, quase adormecido. O cansaço da véspera desaparecera. Uma energia desusada ia tomando conta de mim. Os ferimentos estavam curados. A dentada da cascavel começava a desaparecer perante os meus olhos incrédulos. Os vestígios dos seus dentes foram absorvidos totalmente, deixando a minha pele saudável como sempre. Estava a sonhar, conclui... Mas sonhava então também com a Cidade, ali mesmo em frente, avistada por entre as últimas árvores desalinhas no meu horizonte.

A travessia da floresta talvez fosse uma prova de vida para quem decide trocar o Planalto pela Cidade. Mas eu não sabia nem nunca havia pensado nisso. E a Cidade estava ali, exposta de um dos lados aos meus olhos perscrutadores. A uns quinhentos metros de uma área descampada, com arbustos e vegetação rasteira. Precisei de fechar e abrir os olhos, focando de novo a imagem que me surpreendia e aterrorizava. Imensas colunas de fumo subiam pelo céu, negras e irregulares. Descobria agora de que eram feitos os finos traços pretos que bamboleavam até acima das nuvens e que nunca conseguira entender.

Mas crescia-me a firmeza em avançar, sem receios. As primeiras pessoas que encontrei – e que me olharam com estranheza -, depois de saberem de onde vinha explicaram-me como chegar ao centro da Cidade e, aí, como arranjar alojamento e emprego. No comboio – que acabava de conhecer -, uma mulher, a princípio ríspida, mas depois com crescente simpatia, foi delineando um plano surpreendente. Acabada de se reformar do setor fabril, regressava a casa, após o seu último turno noturno, situada do lado oposto da Cidade. Entendia que eu era demasiado jovem para me consumir numa daquelas fábricas, poluidoras do ambiente e do coração das pessoas. Achava que eu devia estudar antes de começar a trabalhar, para entender, em plenitude, como aplicar os conhecimentos que ia adquirir. Propunha-se ser uma espécie de mãe, em casa de quem poderia viver e que me pagaria os estudos. Era uma mulher só, sempre solitária, completamente dependente do seu trabalho para sobreviver. Agora, que estava livre desse monstro, que a desgastara a cada dia, acreditava que este encontro não era por acaso. Por isso queria, pela primeira vez na sua vida, sentir-se útil e proporcionar-me o que lhe haviam roubado.

Eu, completamente aturdido, não atingia o alcance daquela proposta. – Só lhe tinha sorrido. Mostrando-lhe os meus receios e a nudez da minha alma. - Talvez aquela mulher não passasse de uma louca qualquer, que gostava de passear de comboio, ou... E se estivesse mesmo a falar a sério? Que tinha a perder? O pouco dinheiro que trouxera daria apenas para alguns dias... Fiquei em silêncio, fixando-lhe os olhos azuis embaciados, perscrutando-lhe o interior. Senti um misto de ternura e agradecimento. Seria esse o sentimento que se tem por uma mãe? Não sabia, porque nunca a tive. Mas o cheiro e o olhar desta mulher, com os cabelos esbranquiçados, deixavam-me embevecido, como uma criança. Aceitei, mas pensando que quem superara a maior das provas de vida, durante três dias, tornara-se num adulto, apesar da idade.

Durante sete anos, estudei com afinco. Licenciiei-me e doutorei-me, com algumas pós graduações. Sempre o melhor, sempre elogiado, sempre encarado como um eleito. A minha “mãe” olhava-me com a admiração das mães de verdade. Vivia para mim, exclusivamente. A minha educação era o seu único objetivo. Agora que atingira o *target* – como eu aprendera à saciedade -, parecia ter atingido o limite do envelhecimento. A sua morte foi uma natural consequência do êxito do projeto que ela própria aprimorou ao longo dos anos. Não chorei. Somente uma lágrima rebelde escapou-se-me pelo canto de um olho. Quando a terra a cobriu tentei descortinar o Planalto, mas em vão. A neblina do escape das chaminés das fábricas impedia um tardio agradecimento ao meu pai e ao ancião, longínquos.

Já era, então, disputado como gestor de algumas empresas. Aceitei a que oferecia melhores condições. Produzia quase tudo, até réplicas de escultoras históricas famosas, num material mutante condicionado, por processos extremamente poluentes. Mas que importava isso e os relatórios das investigações mais absurdas sobre as alterações climáticas que vinham sacudindo consciências ao longo dos últimos anos. O importante era o lucro e manter os acionistas satisfeitos. Por isso havia que derrubar a competição, destruir ou comprar outras empresas, aumentando o espetro e a quantidade de oferta, produzindo a custos cada vez mais baixos.

Era o guru da economia da Cidade e sabia disso, vivendo principescamente. Nunca quis casar nem ter filhos. Preferia a toada de sempre apaixonado por cada mulher que se candidatava a minha companheira. Sempre por pouco tempo. Nenhuma se apoderava do meu corpo e muito menos na minha mente para ficar ao meu lado mais do que uns dias. Era o homem quase inatingível, por isso talvez, uma espécie de talismã que aguçava o engenho da conquista. Como inacessível era o meu, quase esquecido, Planalto.

Foi por ele que a minha vida mudou de repente. As chuvas sobre a Cidade intensificaram-se, com uma acidez anormal e consequências lúgubres que levaram a relacionar o facto com uma mortalidade acima da média. O mar subia a olhos vistos, obrigando ao abandono de todas as zonas ribeirinhas e ao realojamento de milhares de pessoas em instalações construídas à pressa e sem condições de habitabilidade. Pior, para mim, foi a notícia de que o Planalto começava a ceder à sua volta, soterrando parcialmente a floresta. Decidi, em desespero, usar o helicóptero da empresa para fins diferentes dos habituais: ir até à terra acima das nuvens. O meu pai morrera há muito tempo. O ancião parecia igual, nem mais velho nem mais novo, apenas enrugado como sempre. Quis saber tudo. O que acontecia, porque o Planalto cedia...

A resposta foi contundente: “- Só tu podes saber. Saíste daqui para seres um Homem, tornaste-te num monstro. Aí tens a explicação...”. Recordei a minha vida num filme da atualidade às origens. Ele tinha razão, tive de aceitar. O chão tremeu. A princípio pensei que fosse o meu corpo em negação. Mas a realidade, espelhada no rosto do ancião e de todos os que quase esquecera, era outra. Acenei um adeus à minha nuvem de outrora, envolvida agora num vendaval de terra em redemoinhos cada vez mais escuros.

O Planalto estava a desmoronar-se. Do helicóptero o piloto insistia para que fugisse rapidamente. Ordenei-lhe para descolar sozinho. Precisava de sentir-me de novo pertença do Planalto. Morrer com a minha gente...

Odivelas, Abril de 2020
IGAC, Registo 297/2015
© Avelino Rosa

Resumo biográfico

Nasceu, a 17-06-1953, em São Caetano, Concelho da Madalena, Ilha do Pico, Região Autónoma dos Açores. Estudou no Liceu Nacional da Horta e viveu nesta cidade até 1972. Licenciado pela Faculdade de Direito da Universidade Clássica de Lisboa, em 1978. Funcionário público desde 1973, sendo Assessor Principal da carreira de Consultor Jurídico, na área da Cultura. Viveu em Macau, cerca de 15 anos, tendo exercido funções na Administração Pública do Território como Técnico Superior, Chefe do Departamento Técnico Jurídico e Subdiretor do Serviço de Administração e Função Pública, Vogal do Tribunal Administrativo e, cerca de nove anos, Diretor Municipal do Leal Senado. Membro da Direção do Clube Náutico de Macau durante oito anos, três dos quais como Presidente.

Publicações

- Diversos artigos em Revistas e Jornais.
- Os Municípios em Macau - Livros do Oriente, 1999.
- Macau (Via Hong Kong), um Romance de Amor - Editorial Diferença, 2002.
- Nas Asas da Net – Chiado Editora, 2015.
- Retalhos de Lava – e-Book, 2016, e versão impressa de 2018, AMAZON.
- O Meu Vício És Tu – e-Book, 2016 e versão impressa de 2018, AMAZON.
- Do Amor, Das Coisas e da Natureza, Vol I – e-Book, 2016 e versão impressa de 2019. AMAZON.

- Do Amor, Das Coisas e da Natureza, Vol II – e-Book, 2016 e versão impressa de 2020. AMAZON.

- Contos e outros Textos – e-Book e versão impressa, 2020, AMAZON.

- Vidas de Bruma - e-Book e versão impressa, 2022, AMAZON.

Página pessoal e Contactos

Página pessoal: <http://www.avelinorosa.com>

Procurar no “Google” ou noutro motor de busca por [Avelino Rosa](#).

Email: avelinorosa069@gmail.com